

Karla Spézia

**A LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA NA FRANÇA DE
2000 A 2013:
UMA PERSPECTIVA DESCRITIVA E SOCIOLÓGICA**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos da
Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de mestre em Estudos da
Tradução

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Claudia Borges
de Faveri

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Spézia, Karla

A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013 : uma perspectiva descritiva e sociológica / Karla Spézia ; orientadora, Claudia Borges de Faveri - Florianópolis, SC, 2015.

127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Literatura brasileira traduzida. 3. Descrição de traduções. I. Faveri, Claudia Borges de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Karla Spézia

**A LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA NA FRANÇA DE
2000 A 2013: UMA PERSPECTIVA DESCRITIVA E
SOCIOLÓGICA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Tradução, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 09 de julho de 2015.

Prof.^a, Dr.^a Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a, Dr.^a Claudia Borges de Faveri (Orientadora) - UFSC

Prof.^a, Dr.^a Sandra Dias Loguercio - UFRGS

Prof., Dr. Ronaldo Lima - UFSC

Prof., Dr. Gilles Jean Abes - UFSC

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e aos meus amigos, que me ajudaram em todo meu percurso, principalmente nos momentos difíceis, e que foram de grande importância para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Claudia Borges de Faveri, por sua atenção e dedicação, por todos os conselhos valiosos, e por todas as correções que tornaram este trabalho o que ele é hoje.

Aos membros da banca, Sandra Dias Loguercio, Ronaldo Lima e Gilles Jean Abes, assim como aos professores Karine Simoni e Lincoln Fernandes, que participaram de minha qualificação.

RESUMO

Este trabalho consiste na investigação da literatura brasileira traduzida na França no período de 2000 a 2013. Esta pesquisa está apoiada nas ideias de Gideon Toury (2012) e de Itamar Even-Zohar (1990), que sustentam a variabilidade das traduções e sua sujeição à cultura que as realiza, assim como no modelo de Johan Heilbron e Gisèle Sapiro (Heilbron, 2010; Heilbron e Sapiro, 2007), de um sistema mundial de circulação de traduções, regido por relações de poder. A partir de dados sobre o que foi traduzido e inserido no sistema literário francês no período considerado, sobre quem traduziu e publicou essas obras na França e, também, a partir de análises sobre as relações entre os polissistemas culturais brasileiro e francês, fornecemos um panorama da literatura brasileira presente no sistema francês de literatura traduzida, entre 2000 e 2013. Através das análises sobre os dados que compõem o corpus, evidenciou-se que a literatura brasileira traduzida na França é composta, em sua grande maioria, por obras em prosa, e que 75% dos originais dessas obras em prosa foram produzidos recentemente, entre os anos 1990 e 2010. Os dados mostram que estereótipos de violência e pobreza, assim como imagens exóticas do Brasil, estão presentes em algumas obras traduzidas na França. No entanto, eles revelam também que muitas obras traduzidas nesse período se distanciam dessas representações e demonstram que há um interesse na literatura brasileira que não se limita às representações de um Brasil exótico ou estereotipado.

Palavras-chaves: Literatura brasileira traduzida; sistema literário francês; descrição de traduções.

RÉSUMÉ

Ce travail consiste en une investigation sur la littérature brésilienne traduite en France dans la période comprise entre l'an 2000 jusqu'à 2013. Cette recherche est basée sur les idées de Gideon Toury (2012) et Itamar Even-Zohar (1990), qui soutiennent la variabilité des traductions et leur sujétion à la culture qui les réalisent, aussi bien que sur le modèle de Johan Heilbron et Gisèle Sapiro (Heilbron, 2010; Heilbron e Sapiro, 2007), d'un système mondial de circulation de traductions régit par des relations de pouvoir. À partir de données sur ce qui a été traduit et inséré dans le système littéraire français dans la période considérée, sur ceux qui ont traduit et publié ces oeuvres en France, et, également, à partir des analyses sur les relations entre les polisystèmes culturels brésilien et français, nous présentons un panorama de la littérature brésilienne présente dans le système français entre 2000 et 2013. D'après les analyses des données qui constituent le corpus, nous avons constaté que la majorité de la littérature brésilienne traduite en France se compose d'oeuvres en prose, dont 75% a été traduit à partir de textes originaux récemment publiés, entre les années 1990 et 2010. Les données montrent que les stéréotypes de pauvreté et violence, aussi bien que les images exotiques du Brésil, se trouvent dans quelques oeuvres brésiliennes traduites en France. Néanmoins, ils révèlent aussi que beaucoup d'oeuvres traduites dans cette période s'éloignent de ces représentations et démontrent qu'il y a un intérêt à la littérature brésilienne qui ne se limite pas aux représentations d'un Brésil exotique ou stéréotypé.

Mots clés: Littérature brésilienne traduite; système littéraire français; descriptions des traductions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa dos Estudos da Tradução proposto por Holmes em 1972.....	29
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de obras traduzidas por ano.....	58
Gráfico 2 – Obras em prosa e de poesia traduzidas entre 2000 e 2013.....	62
Gráfico 3 – Época das obras originais (prosa).....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estatísticas dos autores mais traduzidos de língua portuguesa.....	67
---	----

Sumário

1. INTRODUÇÃO	19
2. AS TRADUÇÕES COMO FATOS DA CULTURA ALVO: UMA PERSPECTIVA DESCRITIVA E SOCIOLÓGICA DA TRADUÇÃO	24
2.1 A TEORIA DOS POLISSISTEMAS E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA TRADUZIDA	24
2.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO DE TOURY	28
2.2.1 O olhar a partir da cultura alvo	31
2.2.2 Sobre normas de tradução	34
2.3 ALÉM DE DUAS CULTURAS: A ABORDAGEM DE HEILBRON E SAPIRO DE UM SISTEMA GLOBAL DE TRADUÇÃO	37
2.4 MÉTODO	42
3. A LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA NA FRANÇA NO SÉCULO XXI (2000-2013): REFORÇO E RECONSTRUÇÃO DO BRASIL NO IMAGINÁRIO FRANCÊS	48
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA RECEPTOR	49
3.1.1 A tradução na França	50
3.1.2 A literatura brasileira na França e o Brasil no imaginário francês	53
3.2 A LITERATURA BRASILEIRA NA FRANÇA: SOBRE AUTORES E OBRAS TRADUZIDAS	58
3.2.1 O programa da FBN de incentivo à tradução	59
3.2.2 Primeiras análises: tendências atuais	60
3.2.3 Os autores mais traduzidos	66
3.2.4 Reforçando o imaginário coletivo	73
3.2.5 Além do imaginário	80

3.3 PERFIL DAS EDITORAS	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS.....	99
Apêndice A – Lista de obras brasileiras traduzidas na França no período de 2000 a 2013.....	108

1. INTRODUÇÃO

As relações entre Brasil e França vêm sendo construídas e ressignificadas há séculos. Mesmo que numa reciprocidade em desequilíbrio, na qual, por exemplo, a França era modelo cultural para um Brasil do século XIX, enquanto o Brasil literário era ainda um eco longínquo diante da hegemonia francesa, essas relações foram sendo estreitadas ao longo do tempo.

As letras brasileiras começaram a ser traduzidas na França já na primeira metade do século XIX, apesar de em volume bem pequeno (TORRES, 2014, p. 17). No entanto, apenas em 1896, é que o primeiro romance brasileiro será traduzido para o francês, *Inocência* (1872) [*Innocencia* (1896)], de Visconde de Taunay (TORRES, 2014, p. 15). Desde essas primeiras traduções, o volume de traduções de romances brasileiros foi crescendo timidamente na França. Durante toda a década de 1910, foram traduzidos apenas dois romances; entre os anos 1970 e 1979, por exemplo, apenas 17. Já durante os anos 1980 (1980/89), as traduções aumentaram consideravelmente, chegando ao número de 63. Nos anos 1990, esse ritmo crescente continuou, e entre o ano 1990 e 1999, foram traduzidos 70 romances brasileiros (TORRES, 2014, p. 23).

Deste modo, embora em volume pequeno, obras literárias brasileiras estão presentes no sistema literário francês, e, de acordo com a pesquisa de Marie-Hélène Torres (2014), percebe-se que nas décadas de 1980 e 1990 essa presença aumentou consideravelmente em relação às décadas anteriores. Portanto, tendo em vista este evidente aumento da presença literária brasileira no sistema literário francês, empreendemos este estudo com o propósito de descrever a situação da literatura brasileira traduzida na França atualmente, mais especificamente, no período de 2000 a 2013. Temos como objetivo responder a questionamentos como: como podemos caracterizar a literatura brasileira traduzida existente no sistema francês? Quem está sendo traduzido e o quê? Quem traduz e publica literatura brasileira na França? O Brasil do imaginário francês – ou seja, estereótipos do Brasil, imagens redutoras – se reflete na escolha do que é traduzido? Assim, a partir dessas questões, pretendemos traçar um panorama de nossa literatura no sistema francês de literatura traduzida.

Tal empreendimento se justifica pela escassez de estudos relacionados à literatura brasileira no exterior de forma mais panorâmica, já que os estudos mais recorrentes são muito pontuais, como os que tratam da análise de obras de um autor específico, por

exemplo. Alguns trabalhos já foram realizados com o intuito de estudar a literatura brasileira traduzida no exterior de forma mais ampla, de modo a extrapolar os limites de estudos de autores específicos e partindo para uma descrição mais abrangente. No entanto, o número de trabalhos desta natureza ainda é muito pequeno.

Um estudo de grande destaque neste sentido é o realizado por Marie-Hélène Torres. Seu trabalho, *Traduzir o Brasil literário*¹, está dividido em dois volumes. No primeiro volume, *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento*, de 2011, Torres faz um estudo de elementos como capa, coleção, a apresentação das obras, contracapa, etc. nas traduções francesas de obras dos autores brasileiros: José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

O segundo volume, *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, de 2014, muito mais extenso que o primeiro, traz a análise de trechos das traduções de obras dos autores acima citados, além de fazer um percurso histórico das traduções de obras brasileiras na França. Torres faz várias considerações a respeito das primeiras obras traduzidas para o francês, de como elas foram inseridas na França, suas motivações, e o Brasil do imaginário francês, construído a partir das obras importadas.

Outro estudo de natureza semelhante é o de Camila Werner que realizou, em 2009, um estudo sobre traduções de obras brasileiras no exterior. Seu trabalho, *Literary translation flow from Brazil to abroad: six case studies*², consiste no estudo do fluxo de traduções de seis autores brasileiros de diferentes épocas para diferentes línguas. Os autores presentes em sua pesquisa foram: Machado de Assis, Mário de Andrade, Jorge Amado, Clarice Lispector, Paulo Coelho e Patrícia Melo. Werner considerou o modelo de Heilbron³ de um sistema mundial de circulação de traduções para analisar o fluxo de traduções do

¹ Este trabalho foi escrito originalmente em francês, em volume único. A obra foi traduzida para o português brasileiro e publicada em dois volumes, o primeiro em 2011 e o segundo em 2014.

² WERNER, Camila. *Literary translation flow from Brazil to abroad: six case studies* [dissertação]. Leiden: Universiteit Leiden, Books and Digital Media Studies, 2009. Disponível em:

<http://portal.unesco.org/culture/en/files/39272/12452523423Literary_translation_flow_from_Brazil_to_abroad.pdf/Literary%2Btranslation%2Bflow%2Bfrom%2BBrazil%2Bto%2Babroad.pdf> Último acesso em: 19 de abril de 2015.

³ Ver seção 2.3.

português brasileiro para o inglês – língua hipercêntrica – e para outras línguas centrais. Além das línguas, Werner considerou fatores influenciadores, como o papel dos agentes literários, no caso de Patrícia Melo, as características de *best-seller* nas obras de Paulo Coelho, assim como a ligação de Jorge Amado com partidos de esquerda e a não tradução de suas primeiras obras, que traziam esses elementos políticos, nos EUA. Sua conclusão foi que, na maior parte dos casos, as traduções dessas obras primeiramente para o espanhol desempenharam um papel importante para que elas fossem traduzidas para línguas mais centrais.

Em 2008, Estela dos Santos Abreu publicou a versão atualizada de um catálogo de obras brasileiras traduzidas para o francês, *Ouvrages brésiliens traduits en français [Obras brasileiras traduzidas para o francês]*. Esta publicação não traz, na verdade, nenhuma análise das obras, é simplesmente uma relação de autores e suas obras, juntamente com as informações da edição traduzida – tradutor, editora, ano de publicação – e da edição brasileira. Neste mesmo modelo, em 1994, foi publicado, pela Fundação Biblioteca Nacional, um catálogo de obras brasileiras traduzidas no exterior. Nesta publicação, intitulada *Brazilian authors translated abroad*, constam as informações de autor, obra traduzida, tradutor, a língua para a qual foi traduzida, editora, ano e local da edição traduzida. Assim, como na publicação de Abreu (2008), não há nenhuma análise, nenhuma informação adicional àquela de catalogação. No entanto, tais iniciativas são uma ferramenta muito útil ao pesquisador interessado em investigar as relações entre os sistemas literários brasileiro e francês.

Neste sentido, realizamos este estudo a fim de expandir os horizontes de conhecimento sobre literatura brasileira traduzida no exterior. Ademais, é de grande importância estudá-la como literatura traduzida, pois se percebe que a literatura brasileira vem ganhando mais espaço no exterior nos últimos anos. Indício de que há um interesse voltado para o Brasil, é que, em 2013, o país foi homenageado na feira de Frankfurt, e, em 2015, também ganhará homenagem no salão do livro de Paris. Além disso, outro fato que deve ser levado em conta ao se estudar as obras traduzidas neste início do século XXI é o programa de incentivo à tradução da Fundação Biblioteca Nacional⁴, fator de importância no que concerne à literatura brasileira no exterior, agindo

⁴ Este programa tem como objetivo fomentar a tradução de obras brasileiras no exterior, com a finalidade de divulgá-la. Em 2011, ele foi totalmente reformulado e contou com pesado investimento do Ministério da Cultura. Mais informações, ver seção 3.2.1.

no sentido de sua difusão pelo mundo e, conseqüentemente, favorecendo o aumento do volume de traduções.

Para realizar esta pesquisa, apoiamo-nos em linhas teóricas que levam em consideração o contexto em que traduções são realizadas e, portanto, observam traduções, tanto sincrônica como diacronicamente, de um ponto de vista sociológico, como objetos condicionados pela cultura que as realiza. Assim, no capítulo dois deste trabalho, *As traduções como fatos da cultura alvo: uma perspectiva descritiva e sociológica da tradução*, dissertamos sobre os autores que compõem a base teórica que nos conduziu nesta pesquisa, são eles: Itamar Even-Zohar (1990), Gideon Toury (2012) Johan Heilbron (2010) e Gisèle Sapiro (HEILBRON; SAPIRO, 2007).

A teoria de Gideon Toury (2012), conhecida como DTS (Descriptive Translation Studies), ou *Estudos Descritivos da Tradução* (EDT), de caráter descritivo, como o próprio nome salienta, e que concebe a tradução como um fato da cultura receptora, foi a base principal para este trabalho, pois é a partir dela que se origina nossa abordagem orientada para o sistema alvo. Portanto, temos na teoria de Toury (2012) uma abordagem que leva em conta o contexto de recepção da tradução, assim como sua relação com o sistema do original. A discussão a respeito da teoria de Toury é precedida de breve apresentação da teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), teoria fundamental para compreender a gênese do pensamento de Toury (2012) sobre tradução. Para complementar as teorias de Toury (2012) e Even-Zohar (1990), utilizamos também o modelo postulado por Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007), de um sistema mundial de circulação de traduções. Nesse modelo, as traduções são compreendidas como bens culturais, cuja circulação no mundo está vinculada a fatores políticos, econômicos e culturais. Assim, além de considerar as relações entre sistemas alvo e fonte, os autores inserem as traduções num sistema global de trocas, regido por relações de poder.

Ainda no capítulo dois, a discussão a respeito das teorias é sucedida pela do método utilizado. Nesta seção, discorremos sobre as ferramentas utilizadas no levantamento de dados, os problemas encontrados nesta fase e as análises realizadas posteriormente. Apresentamos também o esquema elaborado por Lambert e Van Gorp (2011) – com o auxílio do qual nossas análises foram realizadas – que, seguindo a mesma linha de Toury e Even-Zohar, propõem um estudo de traduções de forma sistêmica e contextualizada.

O terceiro capítulo, *A literatura brasileira traduzida na França no século XXI (2000-2013): reforço e reconstrução do Brasil no imaginário francês*, é dedicado às análises dos dados levantados a respeito da literatura traduzida na França entre 2000 e 2013. Neste capítulo, apresentamos inicialmente uma contextualização do sistema receptor, uma vez que é neste sistema que as traduções foram realizadas. De forma breve, discorremos sobre a história da tradução na França, seu percurso ao longo dos séculos, para podermos situar nosso objeto de estudo a seu contexto de realização. Tratamos também, de forma mais específica, da literatura brasileira traduzida na França, as primeiras obras traduzidas, e, conseqüentemente, o Brasil presente no imaginário francês – uma vez que as escolhas das primeiras obras a serem traduzidas refletiam as imagens de um Brasil exótico – de modo não só a contextualizar o sistema receptor, mas também suas relações com o sistema fonte.

Após a contextualização, apresentamos os dados levantados a respeito das obras traduzidas. Primeiramente, expomos uma visão geral do que foi traduzido em nosso recorte temporal: o número de obras traduzidas por ano de publicação, os tipos de obra traduzidos – romances, contos, poesia –, as datas dos originais das obras traduzidas – buscando responder à questão sobre qual seria a tendência atual: traduzir obras recentes ou mais antigas. Apresentamos também uma breve discussão a respeito do programa de incentivo à tradução da Biblioteca Nacional (FBN) e sua importância relativamente ao volume de traduções realizadas. Em seguida, são feitas considerações acerca dos autores mais traduzidos, encetando uma discussão mais aprofundada sobre a literatura brasileira traduzida na França: a relação das obras com o imaginário francês e as obras que se distanciam dos estereótipos sobre o Brasil. Antes de concluir este capítulo, ainda discorremos sobre as editoras, traçando os perfis das que publicaram literatura brasileira neste período.

Por fim, a partir de todas as análises e discussões realizadas ao longo deste trabalho, reservamos o quarto capítulo às considerações finais, conclusões às quais chegamos sobre a situação da literatura brasileira traduzida na França no período de 2000 a 2013.

2. AS TRADUÇÕES COMO FATOS DA CULTURA ALVO: UMA PERSPECTIVA DESCRITIVA E SOCIOLÓGICA DA TRADUÇÃO

Com a intenção de descrever a literatura brasileira traduzida na França de forma contextualizada, como obras traduzidas inseridas no sistema francês a partir de interesses tradutórios que emergem deste mesmo sistema, utilizamos como uma das bases teóricas de nossa pesquisa a abordagem de cunho descritivo proposta por Toury (2012): descrever como as traduções de fato são e não como deveriam ser. Ele inicia sua observação a partir da cultura receptora, e compreende a tradução como uma realização sociocultural do sistema alvo. Do mesmo modo, utilizamos a perspectiva de Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007), que também enfatiza que a pesquisa em tradução deve ser realizada muito além do texto, que é necessário que se aborde a tradução de um ponto de vista sociológico, levando em consideração os diversos fatores que a condicionam, como fatores políticos e econômicos, por exemplo.

Deste modo, tomamos a teoria de Toury (2012) por principal base para esta pesquisa, além de considerar também a teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1990) e a perspectiva de Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007) de um sistema mundial de circulação de traduções. A partir dessa mesma abordagem descritiva, nos servimos do esquema proposto por Lambert e Van Gorp (2011) para a descrição de traduções, como um auxílio para nossa metodologia de trabalho. Assim, seguem abaixo a exposição e reflexão sobre estes teóricos e seus pensamentos a respeito da tradução.

2.1 A TEORIA DOS POLISSISTEMAS E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA TRADUZIDA

Antes de se iniciar uma discussão acerca da teoria principal a ser utilizada, os Estudos Descritivos da Tradução (EDT), de Gideon Toury, é necessário que se aborde, mesmo que em linhas gerais, a teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990), pois esta teoria foi fundamental para o desenvolvimento da abordagem orientada para a cultura alvo dos EDT e do conceito de Normas desenvolvido por Toury, em sua teoria.

Nos anos 1970, Even-Zohar desenvolve a teoria dos Polissistemas, baseando-se em ideias já desenvolvidas pelo Formalismo russo, enquanto trabalhava num modelo para a descrição da literatura israelense (GENTZLER, 2001, p. 106). Em sua teoria, Even-Zohar (1990) concebe a literatura não mais como um objeto separado dos outros objetos socioculturais, mas como um sistema que tem correlação com vários outros sistemas, daí o conceito de ‘polissistema’, que, segundo Even-Zohar (1990, p. 12), “Enfatiza, assim, a multiplicidade de intersecções e, conseqüentemente, a maior complexidade de estruturação envolvida”⁵. Nas palavras de Edwin Gentzler, Even-Zohar

cunhou o termo “polissistema” para se referir a toda a rede de sistemas correlacionados – literário e extraliterário – dentro da sociedade, e desenvolveu uma abordagem chamada teoria dos polissistemas na tentativa de explicar a função de *todos* os tipos de escritos dentro de uma dada cultura – desde textos canônicos centrais até os textos mais marginais não-canônicos⁶. (GENTZLER, 2001, p. 114)

Even-Zohar (1990) afirma que não seria possível realizar um estudo que explicasse o funcionamento da literatura sem se levar em conta os diversos fatores que a influenciam, seu contexto sociocultural, seu momento histórico; como também não seria possível estudar alguns de seus segmentos sem considerá-la como um grande sistema estratificado com relações de interdependência.

É importante que se lembre de que a teoria dos Polissistemas descarta julgamento de valor sobre o objeto de estudo. Even-Zohar (1990, p. 13) enfatiza a necessidade de diferenciação entre pesquisa em literatura e crítica literária, visto que a pesquisa visa aprofundar sua compreensão sobre o objeto ao analisar seu funcionamento, e não ditar

⁵ “[i]t thus emphasizes the multiplicity of intersections and hence the greater complexity of structuredness involved”. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 12). Salvo indicação contrária, todas as traduções figurando neste trabalho são de minha autoria.

⁶ “[...] coined the term ‘polysystem’ to refer the entire network of correlated systems – literary and extraliterary – within society, and developed an approach called polysystem theory to attempt to explain the function of all kinds of writing within a given culture – from the central canonical texts to the most marginal non-canonical texts.” (GENTZLER, 2001, p. 114).

sua suposta qualidade literária. É preciso que se considere a literatura – assim como outros sistemas, como, por exemplo, a linguagem – não apenas em seus estratos mais centrais ou dominantes. Mas considerar a multiplicidade de elementos que a compõem e sua complexidade.

Segundo Even-Zohar (1990), os estratos do sistema estão em uma disputa constante, uma luta pela ocupação das posições mais centrais. E é justamente esta tensão entre periferia e centro que constitui e garante o dinamismo sistêmico. Assim, o estrato dominante não ocupa esta posição por possuir alguma essência dominante, da mesma forma como um estrato periférico não possui a marginalidade em sua essência. Mas cada estrato ocupa determinada posição, por ser considerado **em relação** aos outros estratos e ao que é considerado central em determinado tempo e contexto dentro do sistema.

De acordo com esta teoria, a tradução é compreendida, então, como um produto sociocultural, inserida num contexto polissistêmico específico. Apesar de a literatura traduzida ter sido deixada de lado ao longo da historiografia literária, para Even-Zohar (1990), ela constitui, na verdade, um sistema próprio dentro do polissistema literário, sendo, inclusive, o mais dinâmico deles. Nas palavras do autor:

Meu argumento é que obras traduzidas se correlacionam de pelo menos duas maneiras: (a) no modo como seus textos-fonte são selecionados pela literatura alvo, sendo que os princípios de seleção são sempre correlacionáveis com os co-sistemas receptores da literatura alvo (para se colocar isso da maneira mais cuidadosa possível); e (b) no modo em que adotam normas específicas, condutas, e políticas – em suma, em seu uso do repertório literário – que resultam de suas relações com outros co-sistemas receptores. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.46)⁷

⁷ “My argument is that translated works do correlate in at least two ways: (a) in the way their source texts are selected by the target literature, the principles of selection never being uncorrelatable with the home co-systems of the target literature (to put it in the most cautious way); and (b) in the way they adopt specific norms, behaviors, and policies – in short, in their use of the literary repertoire – which results from their relations with the other home co-systems.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.46).

Desta forma, a literatura traduzida faz parte do sistema literário receptor e deve ser observada a partir deste contexto específico. A literatura traduzida vai ocupar uma posição mais periférica ou central, dependendo da situação em que o sistema que a recebe se encontra. Segundo Even-Zohar (1990, p. 47), traduções ocuparão uma posição central e, conseqüentemente, inovadora dentro do sistema literário, quando este sistema ainda está em formação, é muito periférico ou fraco, ou se encontra numa situação de crise, com lacunas, e por isso precisa ser inovado. Assim como podem ocupar uma posição periférica em sistemas que se encontram em outras condições, exercendo, portanto, uma função conservadora.

Como dito anteriormente, a literatura traduzida constitui um sistema próprio dentro do polissistema literário. No entanto, as literaturas traduzidas não ocuparão a mesma posição dentro de determinado sistema. Por exemplo, no polissistema literário da França, as literaturas traduzidas brasileira e inglesa ocupariam posições distintas dentro do sistema, mesmo que ambas compartilhem o status de literatura traduzida. Elas formam um sistema próprio, mas estratificado; no qual alguns estratos ocuparão uma posição mais periférica, enquanto outros ocuparão uma posição mais central – isso dentro do sistema mais amplo de literatura traduzida. Assim, utilizando o exemplo anterior, dentro do sistema francês de literatura traduzida, a literatura brasileira ocuparia uma posição periférica, enquanto a inglesa estaria numa posição mais central. Cada estrato ocupará uma posição única, esta dependendo da inter-relação dos polissistemas envolvidos (alvo e fonte) e da intrarrelação dos subsistemas em relação a seu centro. Além disso, como dito anteriormente, os estratos estão em constante tensão, e, neste conflito por posições centrais, com o tempo, alguns estratos podem alcançar posições mais centrais, ou menos periféricas, enquanto outros podem perder suas posições dominantes no sistema. Para Even-Zohar:

A hipótese de que a literatura traduzida possa ser um sistema central ou periférico não implica que ela seja exclusivamente um ou outro. Como sistema, a literatura traduzida é por si só estratificada, e do ponto de vista da análise polissistêmica, geralmente é a partir do estrato central que todas as relações dentro do sistema são observadas. Isto quer dizer que, enquanto uma seção da literatura traduzida pode assumir uma posição central, outra pode

permanecer bastante periférica. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 49)⁸

Em suma, a teoria dos Polissistemas é de grande importância para o desenvolvimento da teoria de Toury (2012), que concebe a tradução como objeto histórico, inserido num contexto específico, governado por normas da cultura alvo, que vão muito além da simples escolha individual do tradutor. Da mesma forma que Even-Zohar (1990) salienta a necessidade de se diferenciar pesquisa em literatura e crítica literária, é preciso que se faça esta diferenciação nos Estudos da Tradução. E é isto que Toury (2012) enfatiza em seu programa, a distinção entre pesquisa em tradução e crítica de tradução. Assim como Even-Zohar (1990) sugere em sua teoria, é preciso que se descarte os julgamentos de valor (de forma a considerar uma tradução ‘boa’ ou ‘ruim’), visto que a pesquisa não serve para ‘melhorar’ as traduções, mas sim aprofundar seu olhar acerca do objeto a ser estudado e compreender seu funcionamento.

2.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO DE TOURY

Como já foi dissertado na seção anterior, a teoria de Gideon Toury (2012), Estudos Descritivos da Tradução (EDT), principal teoria utilizada nesta pesquisa, teve como base para seu desenvolvimento a teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990). Embora a teoria dos Polissistemas não seja voltada especificamente para a tradução, sendo esta apenas um aspecto a ser investigado no polissistema literário (GENTZLER, 2001, p. 114), ela exerceu importante influência na disciplina dos Estudos da Tradução. Foi a partir das ideias de Even-Zohar que Toury percebeu as limitações das teorias que tinham suas abordagens orientadas para o texto fonte, como as teorias da equivalência, desenvolvendo assim uma abordagem orientada para a cultura alvo e postulando a existência de normas de tradução, que

⁸ “The hypothesis that translated literature may be either a central or peripheral system does not imply that it is always wholly one or the other. As a system, translated literature is itself stratified, and from the point of view of polysystemic analysis it is often from the vantage point of the central stratum that all relations within the system are observed. This means that while one section of translated literature may assume a central position, another may remain quite peripheral”. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 49).

condicionariam a escolha e produção de traduções no sistema receptor (GENTZLER, 2001, p. 124-125). Antes de nos aprofundarmos na abordagem proposta por Toury para a tradução, orientada para a cultura alvo, faremos uma breve introdução de sua teoria, situando-a na disciplina dos Estudos da Tradução e explicando sua natureza descritiva.

No início da década de 70, James Holmes apresentou um trabalho, no Terceiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada, em que expôs suas ideias sobre a divisão de uma nova disciplina chamada por ele de Estudos da Tradução. Embora permanecido sem o devido reconhecimento por décadas, este trabalho foi de grande importância para a disciplina. O trabalho intitulado *The name and nature of Translation Studies* trazia consigo um mapa conceitual da disciplina, dividindo-a em duas partes, *Applied extensions* e *Pure*, esta última se dividindo em outras duas partes, *Theoretical* e *Descriptive*.

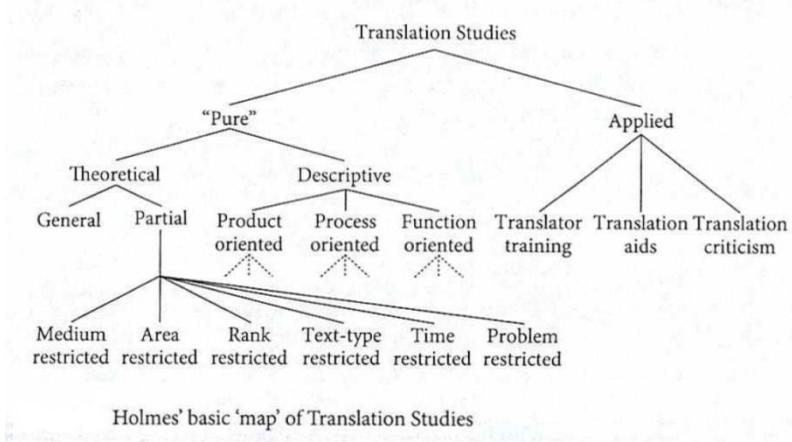


Figura 1 Mapa dos Estudos da Tradução proposto por Holmes em 1972. (TOURY, 2012, p. 04)

Toury (2012) se serve deste mapa conceitual para posicionar sua teoria dentro da disciplina. Desta forma, inserindo seu programa na divisão intitulada Descritiva, vamos nos ater a esta divisão da disciplina, a fim de especificar sob qual ótica analisaremos nosso objeto de estudo e quais objetivos são pretendidos com tal pesquisa.

A abordagem Descritiva dos Estudos da Tradução engloba e tem por foco estudos que mostrem como as traduções de fato são, sem prescrever como deveriam ser, ou argumentar que não deveriam ser do

jeito que são. Nesta linha, os EDT de Toury (2012) estariam interessados no que realmente existe, na descrição e análise da realidade, em como as traduções acontecem no mundo real; segundo Toury (2012, p. 11) “não cabe a uma disciplina científica, nem mesmo pertencente às ‘ciências humanas’, realizar mudanças no mundo de nossa experiência”⁹.

Holmes ainda dividiu a ramificação Descritiva em outras subcategorias, seriam elas: Produto, Processo e Função (TOURY, 2012, p. 05). Apesar de estes aspectos terem sido separados no mapa de Holmes, Toury (2012) argumenta que eles são, na verdade, interdependentes e interinfluenciáveis, não podendo ser separados, pois um é determinante/determinado pelos outros, não sendo, portanto, ações isoladas, que possam ser observadas independentemente das outras; nas palavras de Toury (2012, p. 05), eles “formam um conjunto complexo cujas partes constitutivas dificilmente são separáveis uma da outra, salvo para finalidades metodológicas (e, sim, convenientes)”¹⁰.

A tradução está sujeita às imposições da cultura alvo, visto que é algo que tem sua existência iniciada nesta cultura, e atende aos seus interesses. Quando observamos a tradução por esta ótica, função, processo e produto não podem ser observados senão conjuntamente.

A atividade tradutória – e conseqüentemente os produtos resultantes dela – poderá ser considerada, em determinado sistema, como mais ou menos periférica (ou central), de maior ou menor prestígio, e assim por diante. Poderá lhe ser atribuído determinado valor tanto por simplesmente ser uma tradução – dependendo de como ela é considerada dentro da cultura em questão – como por diversos outros fatores, que poderão influenciar sua função dentro do sistema receptor, como a relação do sistema do original com o sistema que realiza/acomoda sua tradução. Desta forma, a função (posição) que se pretende atribuir a uma tradução, influenciará seu processo, e este, condicionado pelas normas do sistema receptor, determinará o produto final (TOURY, 2012, p. 6-7).

Deste modo, os EDT empregando seus esforços na descrição da realidade das traduções, e estas – cuja função, processo e produto são

⁹ “[...] it is no concern of a scientific discipline, not even within the ‘human sciences’, to effect changes in the world of our experience”. (TOURY, 2012, p. 11).

¹⁰ “[...] form one complex whole whose constitutive parts are hardly separable from one another except for methodical (and, yes, convenience) purposes”. (TOURY, 2012, p. 05).

reciprocamente influenciáveis – subjugadas à cultura receptora, sendo realizadas e acomodadas em seu sistema, não parece haver outro modo senão adotar uma abordagem orientada para a cultura alvo para a realização da pesquisa, abordagem esta vital para sustentação de um estudo desta natureza.

2.2.1 O olhar a partir da cultura alvo

Indo na contramão de outras teorias, principalmente teorias da tradução que têm suas abordagens iniciadas a partir do texto fonte, como as teorias da equivalência, que tendem a considerar a fidelidade ao texto original como o parâmetro mais importante para a análise (julgamento, na verdade) de uma tradução e, também outras, que emergiram nos primeiros anos da disciplina Estudos da Tradução, Toury propõe uma abordagem orientada para a cultura alvo. Apesar de hoje este tipo de abordagem ser mais aceita pelos estudiosos da tradução, ela ainda é, muitas vezes, interpretada de forma equivocada. Mal interpretada e acusada de negligência em relação ao original, ou ao seu sistema, esta abordagem se caracteriza, na verdade, por ter seu ponto de partida na cultura alvo, já que a tradução se realiza justamente nesta cultura e atende a seus interesses, e está longe de ser negligente.

Diferentemente de outras abordagens, aqui, o original é dessacralizado. O processo tradutório não é considerado como uma ação regida pela suposta importância inerente às características de um original quase que unívoco, como entidade constante, da qual se devem assegurar os direitos. Mas é uma ação cujas escolhas correspondem aos interesses de determinada cultura, uma atividade regida por normas culturais, históricas (e sim, normas concorrentes podem coexistir), muito além das escolhas individuais do tradutor¹¹. Para Toury:

Por mais estranho que possa parecer para alguém inexperiente, não há nada de petulante em afirmar que a posição e função de um texto, incluindo aquelas de um texto considerado como uma tradução, são determinadas primeira e principalmente por considerações oriundas da cultura que o recebe. (TOURY, 2012, p. 20)¹²

¹¹ Ver seção 2.2.2.

¹² “Strange as it may sound to an uninitiated, there is nothing perverse in claiming that a text’s position and functions, including those that go with a

Desta forma, a tradução é considerada um **fato da cultura alvo**. Ela ocorre nesta cultura e faz parte de seu sistema literário (como literatura traduzida), e sua posição dentro deste sistema será determinada por esta mesma cultura. Assim, original e tradução não podem ocupar a mesma posição, e mesmo diferentes traduções de um mesmo original não ocuparão o mesmo lugar, visto que são diferentes entidades e ocupam lugares únicos em determinado sistema. Portanto, as obras brasileiras traduzidas no sistema francês ocuparão posições determinadas pelo sistema francês. Não podemos esperar que autores que ocupam lugar de prestígio no sistema brasileiro ocupem uma posição equivalente no sistema alvo. Da mesma maneira, o caso inverso também pode ocorrer, de um autor que não ocupa uma posição central no sistema fonte despertar um interesse significativo na cultura alvo, como é o caso do escritor catarinense Harry Laus, cuja obra integral está em processo de tradução na França. De acordo com Toury, sua proposta é que:

O passo crucial tomado em busca deste objetivo, é a proposta de que traduções sejam consideradas como fatos da cultura que as recebe, com a suposição concomitante de que qualquer que seja sua função ou condição sistêmica, estas são constituídas dentro da cultura alvo e refletem sua própria constelação sistêmica. (TOURY, 2012, p. 18)¹³

Deste modo, não podemos compreender a posição de uma tradução no sistema receptor se nos basearmos apenas na posição de seu original no sistema fonte. No entanto, também não podemos desconsiderar o sistema do original. Um exemplo disso são os vários autores que foram traduzidos para o francês, no período de 2000 a 2013, que acumulam prêmios importantes e alcançaram seu reconhecimento literário no sistema fonte brasileiro. Fica claro que o reconhecimento

text's being regarded as a translation, are determined first and foremost by considerations originating in the culture that would host it.” (TOURY, 2012, p. 20).

¹³ “The crucial step taken in pursuit of this goal is the suggestion that translation be regarded as facts of the culture that would host them, with the concomitant assumption that whatever their function and systemic status, these are constituted within the target culture and reflect its own systemic constellation.” (TOURY, 2012, p. 18).

dos autores no sistema de origem pesa na realização da tradução, sobretudo em sua fase inicial, qual seja, na seleção dos autores e textos a traduzir. No entanto, devemos levar em consideração que a cultura alvo traduzirá aquilo que lhe interessa, seja porque lhe falte ou lhe complemente de alguma maneira, do qual poderá tirar algum proveito, independentemente de o texto ocupar ou não uma posição de prestígio na cultura fonte. Toury afirma que:

[...] atividades tradutórias e seus produtos não só podem, como muito frequentemente causam mudanças na cultura alvo. Na verdade, esta é sua natureza. Afinal, culturas recorrem à tradução justamente como um meio de preencher lacunas, onde e como quer que tais lacunas apareçam: tanto por si mesmas, ou (mais frequentemente) em vista de uma não-lacuna correspondente em outra cultura, que a cultura alvo em questão tem razões para buscar e tentar explorar para suas próprias necessidades. (TOURY, 2012, p. 21)¹⁴

Por isso, é necessário que se contextualize o objeto de estudo, até porque, além de as traduções serem submetidas às normas da cultura receptora, segundo Toury, o próprio conceito de tradução é variável de acordo com o sistema receptor. O que se concebe por tradução, na cultura em questão, pode ser um ponto crucial para a pesquisa. De acordo com Toury (2012, p. 22) “[...] nenhuma tradução deveria ser estudada fora do contexto no qual ela tomou forma. Qualquer outro tipo de observação seria um mero exercício mental, conduzindo a lugar nenhum”¹⁵.

O que podemos concluir do pensamento de Toury, é que a tradução não é uma ação isolada, mas é atravessada por diversos fatores

¹⁴ “[...] translation activities and their products not only can, but very often do cause changes in the target culture. Indeed, it is in their very nature. After all, cultures resort to translating precisely as a way of filling gaps, whenever and wherever such gaps may manifest themselves: either in themselves, or (more often) in view of a corresponding non-gap in another culture that the target culture in question has reasons to look up and try to exploit for its own needs.” (TOURY, 2012, p. 21).

¹⁵ “[...] no translation should ever be studied outside of the context in which it came into being. Any another kind of observation would be a mere mental exercise leading nowhere”. (TOURY, 2012, p. 22).

que governam sua realização e condicionam seu produto final. É um fato da cultura alvo, não só por se realizar em seu seio, seguindo suas normas, mas também por ser inserido nela por algum motivo que emerge desta mesma cultura, ali ocupando um espaço único, tornando-se então parte deste sistema.

2.2.2 Sobre normas de tradução

Em sua teoria, Toury (2012) afirma que traduções são fatos da cultura alvo e a pesquisa em tradução deve considerá-las como tal. O autor argumenta que traduções devem ser observadas a partir do sistema que as realiza, e do qual elas passam a fazer parte, conseqüentemente. Traduções estão sujeitas à atribuição de valor dada pela cultura receptora, e por serem realizadas nesta cultura, são condicionadas por suas normas.

Normas seriam as formas aceitas, por determinado meio sociocultural, de proceder em determinadas situações, ou a indicação daquilo que é inadequado, ou mesmo inaceitável como comportamento (TOURY, 2012, p. 63). Deste modo, o conceito de normas na teoria de Toury (2012) torna-se fundamental para a sustentação de seu pensamento e abordagem orientada para o sistema alvo. Assim, quando o autor postula a existência de normas de tradução, ele reafirma a condição sociocultural da tradução, além de declarar sua inerente variabilidade, tanto sincrônica como diacronicamente. De acordo com ele:

A alegação de que, sendo um tipo de atividade determinada culturalmente, a tradução seja basicamente governada por normas, está intimamente ligada à observação de que este tipo de atividade é inerentemente (isto é, não arbitrariamente) caracterizada por uma imensa variabilidade, tanto entre culturas (no espaço ou tempo) como dentro delas mesmas. (TOURY, 2012, p. 61)¹⁶

¹⁶ “The claim that, being a culturally-determined kind of activity, translation is basically norm-governed, is closely related to the observation that this kind of activity is inherently (that is, non-arbitrarily) characterized by immense variability, both across cultures (in space or time) as well as within single ones.” (TOURY, 2012, p. 61).

Quando Toury (2012) afirma que a tradução é uma ação governada por normas, ele não exclui, no entanto, as escolhas individuais do tradutor, mas considera o tradutor como indivíduo histórico, inserido num contexto específico, num meio sociocultural que o envolve e no qual normas existem, sejam elas cumpridas ou não. O contexto em que o tradutor está inserido não pode ser desconsiderado, visto que o tradutor, assim como qualquer outro indivíduo que exerça uma atividade sociocultural, é afetado pelo meio que o envolve. Portanto, segundo Toury (2012, p. 68), o tradutor é livre para fazer as suas escolhas, além do mais, é preciso que ele as faça, já que várias normas podem coexistir, além de ter ainda a opção de quebrar as normas – embora tivesse que suportar as consequências acarretadas por sua escolha.

De acordo com o autor, normas se encontrariam no centro de uma escala, cujas duas extremidades se caracterizariam por serem, respectivamente, uma mais propensa a regras objetivas e outra mais voltada à idiossincrasia. Deste modo, as restrições variariam de acordo com sua proximidade ou distância em relação às extremidades, nas palavras de Toury (2012, p. 65), “algumas são mais regradas, outras mais idiossincráticas”¹⁷. Ele afirma ainda que, além de as normas se posicionarem nesta escala, variando de acordo com sua proximidade de uma ou outra extremidade, normas poderiam apresentar maior ou menor grau de obrigatoriedade dependendo do grupo específico no qual ela é considerada. Além disso, a graduação das normas poderia variar também de acordo com a atividade tradutória. Segundo Toury (2012, p. 66), o caráter das normas também pode variar com o tempo. Assim, normas que se posicionavam mais próximas da extremidade idiossincrática, podem, com o tempo, deslocar-se para mais perto da outra extremidade, ganhando, deste modo, maior grau de obrigatoriedade.

Toury (2012) define em seu programa algumas diferenças no que se refere às normas de tradução. Primeiramente ele argumenta que o tradutor deve fazer uma escolha entre duas diferentes fontes de restrições que compreendem o valor subjacente à tradução, esta escolha constituiria, então, a **norma inicial**. Este valor da tradução se caracterizaria por dois princípios de natureza distinta, mas que estão intrinsecamente ligados, seriam eles: o princípio da aceitabilidade e o

¹⁷ “[...] some of them are more rule-like, others are virtually idiosyncratic”. (TOURY, 2012, p. 65).

princípio da adequação. Toury (2012) os descreve, respectivamente, da seguinte maneira:

[...] a produção de um texto em uma cultura/língua específica, designado a ocupar determinada posição ou preencher alguma lacuna na cultura de chegada, enquanto que ao mesmo tempo, constitui uma representação naquela língua/cultura de um texto que já existe em outras línguas, que pertence a uma cultura diferente e ocupa uma posição definida dentro dela. (TOURY, 2012, p. 69)¹⁸

Em outras palavras, uma tradução aceitável seria aquela em que o tradutor está fortemente inclinado a traduzir de acordo com os modelos do contexto receptor, e uma tradução adequada seria aquela em que o tradutor tem uma inclinação maior em direção ao original, realizando uma tradução incompatível com os padrões da cultura alvo. Entretanto, embora Toury (2012) a denomine norma inicial, ela não seria uma decisão tomada apenas no início do ato de traduzir, mas decisões tomadas constantemente ao longo do evento tradutório. Assim, segundo Toury (2012, P.70), nenhuma tradução poderia ser totalmente aceitável, ou totalmente adequada, mesmo propensa a uma das extremidades, a tradução compreenderia sempre as duas características.

Considerando o evento tradutório em sua totalidade, inclusive como um evento que envolve vários agentes, como, por exemplo, editores e revisores, Toury (2012) faz distinção de outros dois tipos de norma, as **normas preliminares** e as **normas operacionais**. Para o autor, normas preliminares seriam aquelas decisões que precedem a realização da tradução, segundo Toury:

Normas preliminares estão relacionadas a duas séries principais de considerações que normalmente estão vinculadas entre si: aquelas que dizem respeito à existência e natureza de uma política

¹⁸ “[...] the production of a text in a particular culture/language which is designed to occupy a certain position, or fill a certain slot, in the host culture, while, at the same time, constituting a representation in that language/culture of a text already existing in some other language, belonging to a different culture and occupying a definable position within it.” (TOURY, 2012, p. 69).

tradutória, e aquelas relacionadas à direção da tradução. (TOURY, 2012, p. 82)¹⁹

Neste grupo, Toury (2012) assinala dois conjuntos distintos de normas: a política de tradução, concernente à seleção do que será traduzido, e a direção da tradução, referente à permissão/tolerância/proibição de traduções indiretas, ou seja, aquelas que têm uma língua mediadora, assim como a estipulação das línguas a partir das quais as traduções serão realizadas.

As normas operacionais, por sua vez, seriam aquelas que governam o ato de traduzir. Toury (2012, p. 82) as divide em duas categorias: normas matriciais, que governam a forma como o material é disposto na língua alvo, e normas linguístico-textuais, que governam a seleção de material linguístico na realização da tradução.

Deste modo, ao se postular a existência de normas tradutórias, que regem não só o ato de traduzir, mas também a própria seleção do que será traduzido, afirma-se a condicionalidade da tradução em relação à cultura receptora. Afirmado este caráter sociocultural e condicionado das traduções, torna-se perceptível a necessidade de uma abordagem que se inicie no sistema receptor, para que escolhas e estratégias tradutórias possam fazer sentido para a pesquisa em tradução. Posto isso, embora nosso trabalho não faça nenhuma análise textual das traduções realizadas no período de 2000 a 2013, e, portanto, não ambicione encontrar as Normas que condicionaram as traduções; o conceito de Normas de Toury é de vital importância para este trabalho, pois ao se postular a existência de Normas, afirma-se a variabilidade em tempo e espaço da tradução, e sustenta-se, portanto, sua existência como fato da cultura alvo.

2.3 ALÉM DE DUAS CULTURAS: A ABORDAGEM DE HEILBRON E SAPIRO DE UM SISTEMA GLOBAL DE TRADUÇÃO

Assim como Even-Zohar (1990) e Toury (2012), Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007) adotam uma

¹⁹ “Preliminary norms have to do with two main sets of considerations which are often interconnected: those regarding the existence and actual nature of a translation policy, and those related to the directness of translation”. (TOURY, 2012, p. 82).

postura que leva em consideração o caráter sociológico das traduções. No entanto, apesar de defenderem o estudo contextualizado da tradução, da mesma maneira como o defendem os autores citados, Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007) sugerem uma abordagem um pouco diferente, a de considerar a tradução inserida num sistema global de tradução, e desta forma, condicionada pelos vários fatores que envolvem sua circulação no mundo. É importante salientar que os autores não desconsideram a importância das inter-relações entre os sistemas envolvidos, fonte e alvo, nem a tradução como condicionada pelas normas da cultura receptora, mas afirmam que, para se compreender o funcionamento e fluxo das traduções no mundo, é necessário observá-las inseridas num sistema internacional de trocas culturais, regido por relações de poder entre países (culturas, sistemas) e línguas que ocupam posições centrais ou periféricas. Segundo eles:

Para compreender o ato de traduzir é necessário, antes de qualquer coisa, analisá-lo dentro das relações de poder entre os estados nacionais e seus respectivos idiomas. São três tipos de relações de poder – político, econômico e cultural – o último se divide em dois aspectos: as relações de poder entre comunidades linguísticas avaliadas pelo número de falantes primários e secundários, e o capital simbólico acumulado por diferentes países dentro do campo de produção cultural pertinente. (HEILBRON; SAPIRO, 2007, p. 95)²⁰

Heilbron (2010, p. 2) organiza este sistema de fluxo de traduções dividindo as línguas, ou grupos linguísticos, em quatro categorias, de modo a criar uma **hierarquia**, levando em conta, para esta divisão, a porcentagem de traduções feitas a partir destas línguas, ou seja, as línguas ocupariam determinada posição de acordo com sua posição dentro de um sistema global de trocas culturais. Elas se dividem em: hipercentral, centrais, semiperiféricas e periféricas. Desta forma, o

²⁰ “To understand the act of translating, one should in first stage analyse it as embedded within the power relations among national states and their languages. These power relations are of three types – political, economic and cultural – the latter split into two aspects: the power relations between linguistic communities as assessed by the number of primary and secondary speakers, and the symbolic capital accumulated by different countries within the relevant field of cultural production.” (HEILBRON; SAPIRO, 2007, p. 95).

inglês, como língua fonte, ocupa uma posição hipercentral, os bens culturais produzidos a partir desta língua (grupo linguístico do qual o centro geográfico é os Estados Unidos) são altamente traduzidos, é a partir dele que 55% a 60% das traduções realizadas no mundo são feitas. Nas palavras do autor:

[...] o fluxo de livros traduzidos pode ser visto como um sistema mundial específico, com uma estrutura bastante hierárquica, fortemente dominada pela língua inglesa, e pelos bens culturais produzidos em países falantes da língua inglesa, tendo os EUA como centro. (HEILBRON, 2010, p. 03)²¹

Neste sistema, o alemão e o francês ocupam uma posição central, representando, cada um, um percentual de, mais ou menos, 10% das traduções feitas ao redor do mundo. Sete ou oito línguas estariam na posição semiperiférica do sistema (por exemplo, o espanhol, o italiano e o russo), servindo de língua fonte para 1% a 3% das traduções. O resto das línguas ocuparia a posição periférica, sendo realizado, a partir delas, menos de 1% das traduções no mercado internacional (HEILBRON, 2010, p. 2).

Três percepções derivam desta hierarquização. A primeira é de que o fluxo das traduções tende a partir do centro em direção à periferia (HEILBRON; SAPIRO, 2007, p. 96). A segunda é de que quanto mais central é a língua, maior é a variedade do que é traduzido a partir dela; assim como quanto mais periférica é uma língua, menor a variedade de traduções originadas dela, as traduções a partir de línguas periféricas são mais restritas, não abarcam muitos gêneros (HEILBRON; SAPIRO, 2007, p. 96). E a terceira é que, de acordo com estudos realizados, as línguas mais centrais servem geralmente de mediadoras para outras traduções, ou seja, fazem a intermediação entre línguas mais periféricas. De acordo com ele:

Aquilo que é traduzido de uma língua periférica para outra, muitas vezes depende do conteúdo traduzido dessas línguas periféricas para línguas

²¹ “[...] the flow of book translations can be seen as a particular world system, with a very hierarchical structure, strongly dominated by the English language, and by the cultural goods produced in the English speaking countries, with the US at their center.” (HEILBRON, 2010, p. 03).

centrais. Assim, quanto mais central for uma língua no sistema de traduções, maior sua capacidade de funcionar como língua intermediária ou veicular. (HEILBRON, 2010, p. 05)²²

O princípio geral para o pensamento de Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007), em relação à sua visão global da circulação de traduções e sua hierarquização das línguas, seria o seguinte: quanto mais central é uma língua, mais se traduz a partir dela, e menos se traduz para ela. Enquanto que, quanto mais periférica é a posição de uma língua, menos se traduz a partir dela, e mais se traduz para ela.

É importante lembrar que quando os autores (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007) propõem esta hierarquização linguística, eles o fazem em relação ao fluxo de traduções nesse sistema mundial de trocas, em relação às línguas das quais mais se traduz, e não em relação ao número de falantes das línguas em questão. Também não podemos esquecer que não é só a língua a responsável por este fluxo, há vários outros fatores que fazem com que uma obra seja traduzida, questões políticas, econômicas e culturais, além das línguas.

De acordo com esta visão global de trocas, em que relações de poder estão intimamente ligadas à circulação de bens culturais, quando falamos em fluxo de literatura traduzida, devemos ter em mente que este fluxo literário está vinculado à relação de sistemas dominantes e sistemas dominados. Enquanto sistemas dominados, em posição periférica, têm baixo reconhecimento internacional, exportam pouca literatura²³ e tendem mais a importá-la, e, desta forma, traduzem mais; os sistemas dominantes tendem a exportar mais literatura e, inversamente aos dominados, importar menos. Sistemas que possuem este capital literário ‘dominante’ tendem a servir de referência para outros sistemas, por isso, quanto mais um sistema é dominante, central, prestigiado culturalmente, mais ele servirá de referência para os outros,

²² “What is translated from one peripheral language into the other, very often depends on what is translated from these peripheral languages into the central languages. So the more central a language is in the translation system, the more it has the capacity to function as an intermediary language or a vehicular language [...]” (HEILBRON, 2010, p. 05).

²³ Esta relação de poder não é exclusivamente literária, mas política, econômica e cultural.

tendo assim grande número de traduções feitas a partir dele. Segundo os autores:

As línguas dominadas são aquelas dotadas de pouco capital literário e pouco reconhecimento internacional. As línguas dominantes, devido a seu prestígio específico, sua longevidade, e o número de textos escritos nessas línguas e considerados importantes universalmente, possuem muito mais capital literário. Este acúmulo diferenciado de capital simbólico, que pode variar de um campo criativo para outro, subjaz a desigualdade nas relações de poder entre culturas nacionais, trazendo consequências para a recepção de bens culturais, bem como para suas funções e usos. (HEILBRON; SAPIRO, 2007, p. 99)²⁴

Como mencionado anteriormente, vários fatores são responsáveis pelo fluxo de traduções. Desta forma, além de questões culturais, deve-se levar em conta o mercado editorial, com seus interesses puramente comerciais sobre produtos literários, visando, acima de tudo, a rentabilidade. Um exemplo muito claro deste fato é o intenso fluxo de *best-sellers* no mercado editorial internacional, com sua tradução em diversos países. Além da atuação de agentes editoriais, em feiras literárias, negociando obras e suas traduções. Encontramos vários casos relacionados a estas estratégias editoriais ao analisar os dados de obras brasileiras traduzidas entre 2000 e 2013 na França. Além do autor Paulo Coelho – o caso encontrado nesse período que chama mais a atenção, no que se refere à relação comercial das traduções –, outros autores que foram traduzidos nesse período têm suas obras relacionadas a questões comerciais, como é o caso dos romances policiais, obras

²⁴ “The dominated languages are those endowed with little literary capital and low international recognition. The dominant languages, due to their specific prestige, their antiquity, and the number of texts that are written in these languages and that are universally regarded as important, possess much literary capital. This differentiated accumulation of symbolic capital, which may vary from one creative domain to another, underlies the unequal power relations among national cultures, which has consequences for the reception of cultural goods as well as for their functions and uses.” (HEILBRON; SAPIRO, 2007, p. 99).

populares que, por serem muito consumidas, estão ligadas a um alto volume de vendas.

Apesar da dominação de grandes empresas do ramo editorial na circulação de bens culturais, com claros objetivos comerciais, nem todas as publicações têm em vista somente o lucro. No outro extremo da lógica mercantil, temos uma preocupação política em relação à literatura. Como o esforço de sistemas periféricos em busca de maior reconhecimento internacional, ou agentes preocupados com capital intelectual, importando literaturas periféricas, sem objetivo de lucro. Assim, como existem essas relações de dominação de sistemas centrais, que possuem importante capital literário, sobre outros sistemas, que importam suas literaturas, e estas adquirem, ali, um status de referência cultural, alguns destes sistemas periféricos investem em programas de tradução, para exportar sua literatura – embora sistemas centrais também invistam neste tipo de programa, como, por exemplo, os investimentos feitos pela França, assim como pela Alemanha, neste sentido – e obter assim maior reconhecimento internacional.

Com relação a programas deste tipo, temos o exemplo do Brasil, com o programa de incentivo à tradução²⁵, promovido pela Biblioteca Nacional, com a intenção de divulgar a literatura brasileira internacionalmente. Claro que estes programas são apenas um dos fatores que contribuem para a ocorrência destas trocas literárias promovidas pela tradução. Este sistema mundial de traduções na verdade é muito complexo e não poderia ser resumido simplesmente a alguns poucos fatores.

Embora Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007) enfatizem a necessidade de se pensar a tradução inserida num sistema mundial de trocas, em que não se pode apenas analisar duas culturas envolvidas, mas interdependências governadas por relações de poder a nível global, eles afirmam que não se pode esquecer de observar a tradução em seu sistema de recepção, o qual condicionará sua realização. Deste modo, devemos considerar a tradução em toda sua complexidade de objeto sociocultural, cuja realização é condicionada por diversos fatores, que vão além de sistema alvo e sistema fonte, mas que seguem dinâmicas que afetam todos os sistemas, a nível mundial.

2.4 MÉTODO

²⁵ Ver seção 3.2.1.

Seguindo a mesma linha de Toury (2012) e Even-Zohar (1990), e em defesa de trabalhos em que a tradução seja observada de forma sistêmica, Lambert e Van Gorp (2011, p. 209) propõem, em seu artigo intitulado *Sobre a descrição de traduções*, um esquema hipotético para auxiliar pesquisas que seguem esta linha descritiva (e não prescritiva) nos Estudos da Tradução. Os autores apresentam um esquema metodológico maleável, podendo ser utilizado em diversos níveis, desde análises de textos específicos, a estudos sobre as relações entre os sistemas envolvidos, alvo e fonte. Para os autores:

Sendo não mais que uma ferramenta heurística, o esquema, obviamente, não possui status ontológico. Entretanto, compreende todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo de tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica. (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 213)

Os autores argumentam que, mesmo em comparações de textos específicos – texto original e sua tradução – o contexto de realização, assim como relações inter e intrassistêmicas devem ser consideradas (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 220). Os autores insistem na importância de estudos que analisem textos sob uma perspectiva mais ampla, e não como objetos isolados. Lambert e Van Gorp afirmam que:

[...] o estudo da literatura traduzida, se abordada de uma perspectiva ampla e sistêmica, contribuirá substancialmente para uma abordagem mais dinâmica e funcional da literatura como tal, pois não há dúvida de que a análise de traduções literárias fornece um elemento importante para nossa compreensão da interferência literária e da poética histórica. (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 221)

O esquema proposto por Lambert e Van Gorp (2011) está sistematicamente dividido em quatro categorias: a primeira, denominada *Dados preliminares*, são as informações que precedem o texto, como título, metatextos, estratégia geral; a segunda, já na esfera textual, denominada *Macronível*, diz respeito a elementos como título dos capítulos, ou estrutura narrativa interna; a terceira, *Micronível*, refere-se

a elementos textuais, como seleção de palavras, níveis de linguagem, padrões gramaticais dominantes; e a quarta, denominada *Contexto sistêmico*, está relacionada a oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria, relações intertextuais e relações intersistêmicas. Como nossa pesquisa não entra na esfera textual das traduções, o que nos interessa nesse esquema, primeiramente, são os *Dados preliminares*, ou seja, o levantamento de dados como título traduzido, tradutor, editora, ano de publicação, tipo de texto, se é uma tradução inédita ou nova tradução de obra traduzida anteriormente, etc.; e o que se relaciona com o *Contexto sistêmico*, ou seja, as relações entre sistemas alvo e fonte, o Brasil no imaginário e sua relação com as traduções, e a literatura brasileira traduzida como parte do sistema literário francês.

Para realizar esta pesquisa, foi preciso, inicialmente, levantar o que de fato existe de literatura brasileira traduzida no sistema literário francês. Como sabemos, obra traduzida e seu original não ocupam a mesma posição no sistema literário, deve-se considerá-las como entidades distintas, sendo a obra traduzida condicionada pelas normas do sistema onde foi realizada, e mesmo sua inserção neste sistema sendo resultado de critérios de seleção. Portanto, deve-se ter em mente que nem toda a literatura brasileira será traduzida, inclusive obras que estão posicionadas no centro de nosso sistema literário podem não ser traduzidas, simplesmente por não atenderem aos interesses do sistema receptor.

Esta pesquisa considera obras que foram traduzidas no sistema francês num recorte de tempo que parte do ano 2000 e vai até 2013. Neste estudo são consideradas **apenas traduções inéditas e retraduições** (ou seja, novas traduções de obras que já haviam sido traduzidas), pelo fato de considerar apenas traduções que foram inseridas no sistema francês neste período, pois este momento de inserção da obra traduzida no sistema literário seria a posição inicialmente atribuída a ela na cultura alvo, de acordo com Toury (2012), é esta posição inicial que pode ser afirmada como tendo dirigido o ato tradutório. Deste modo, não entram neste estudo obras que foram apenas reeditadas, pois parte-se do pressuposto de que elas já tenham sido inseridas no sistema receptor em outro momento. A este respeito, Toury afirma que:

A posição sistêmica mais relevante para o tipo de questão que queremos discutir é aquela à qual uma tradução foi projetada para ocupar no momento em que foi realizada. Afinal, esta é a única posição à

qual se pode atribuir a condução do ato tradutório e as decisões tomadas neste processo. (TOURY, 2012, p. 25)²⁶

Para que o levantamento de dados fosse realizado, era preciso utilizar alguma ferramenta que fornecesse informações sobre obras traduzidas, especificamente, evitando pesquisas localizadas ou induzidas, e que abrangesse o maior número de informações possível do que havia sido traduzido de literatura brasileira para a língua francesa, e, mais especificamente, na França. Ou seja, era necessário um mecanismo de busca com o qual pudéssemos direcionar a pesquisa especificamente para determinada literatura, traduzida em determinado país, de maneira geral, sem precisar procurar por autores específicos. A ferramenta utilizada para esta busca foi, então, o banco de dados da Unesco, o Index Translationum²⁷.

No entanto, apesar de ser uma ferramenta que pôde fornecer essas informações, este banco de dados está, de forma geral, desatualizado. No caso das informações a respeito de traduções realizadas na França, a última atualização foi feita em 2008. Assim, do ano 2000 até o ano de 2008, as informações foram levantadas através do Index Translationum, enquanto que, do ano de 2009 até 2013, a saída foi pesquisar nos catálogos de editoras francesas.

²⁶ “The systemic position most relevant to the kind of question we wish to pursue is of course the one a translation was designed to occupy when it first came into being. After all, this is the only position that may be claimed to have direct the translation act and the decisions made in the process.” (TOURY, 2012, p. 25).

²⁷ O Index Translationum é um órgão da Unesco, criado em 1932, com o objetivo de registrar num banco de dados as informações referentes às traduções produzidas pelos países membros da Unesco. Os dados catalogados acerca das traduções estão disponíveis online no site da Unesco, no entanto, apenas informações a partir do ano de 1979 são acessíveis online. Para que estes dados cheguem ao site da Unesco, é preciso que as editoras enviem as informações às bibliotecas nacionais, e que estas enviem as informações ao Index Translationum. Neste caso, dependendo do país, as informações podem estar mais ou menos atualizadas, no caso da França, especificamente, as informações vão até o ano de 2008. Além do problema de atualização, o Index Translationum ainda pode apresentar lacunas, visto que existe a possibilidade de nem todas as traduções produzidas nos países em questão serem enviadas para o Index Translationum. <http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html.> Último acesso em: 19 de abril de 2015.

Para a pesquisa em editoras, foram listadas as que traduziram literatura brasileira pelas informações do Index Translationum, visto que, pelo grande número de editoras presentes na França, seria impossível, do ponto de vista prático, entrar em todos os catálogos de todas as editoras existentes no país. Além do mais, para complementar a pesquisa realizada no site da Unesco, foram realizadas pesquisas nos sites de duas grandes livrarias online, Amazon.fr e Fnac.fr, pois forneciam a opção de pesquisar por literatura brasileira, especificamente, e no site da livraria Librairie Portugaise et Brésilienne²⁸ – vinculada à editora Chandeigne, que aparece como uma das que mais traduziram literatura brasileira em nosso recorte temporal – focada em literaturas oriundas de países de língua portuguesa, com vasto acervo de literatura traduzida.

Estas informações coletadas ainda passaram por uma análise para verificar se eram de fato traduções inéditas, ou retraduições, e garantir que não se tratavam apenas de novas edições de traduções antigas. Para realizar essas verificações, cruzamos informações de quatro diferentes ferramentas, foram elas: o site worldcat.org²⁹; o próprio Index Translationum, para verificar a existência (ou não) das obras levantadas em datas anteriores ao ano 2000; o catálogo da Bibliothèque nationale de France (BnF)³⁰; e o catálogo de Estela dos Santos Abreu, *Ouvrages brésiliens traduits en français*, embora este esteja atualizado só até o ano de 2008.

Durante o levantamento de dados pelos sites das editoras, um problema encontrado foi o de que algumas (poucas) editoras – principalmente que traduziram/publicaram obras brasileiras de forma esporádica neste período – não apresentarem o nome do(s) tradutor(es) juntamente às informações sobre a obra em questão, deste modo, as

²⁸ Site da livraria: <<http://www.librairie-portugaise.com/>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

²⁹ Worldcat é um site de busca, no qual se encontram informações sobre obras, disponibilizadas por bibliotecas do mundo inteiro. Assim, é possível encontrar diferentes edições de uma mesma obra, assim como sua tradução para diferentes línguas. No entanto, ela não fornece, em seu mecanismo de pesquisa, a possibilidade de procurar por obras brasileiras traduzidas na França de forma geral, como é o caso do Index Translationum. Mais informações disponíveis em: <<http://www.worldcat.org/whatis/default.jsp>>. Último acesso em 16 de abril de 2015.

³⁰ Bibliothèque nationale de France, catálogo. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/jsp/recherchemots_simple.jsp?nouvelleRecherche=O&nouveaute=O&host=catalogue>. Último acesso em: 17 de abril de 2015.

ferramentas de busca mencionadas anteriormente – em especial, o site da BnF – serviram também para verificar nomes de tradutores.

Neste primeiro momento então, foram levantadas informações que fariam parte dos *dados preliminares*. No que diz respeito ao *contexto sistêmico*, foram consideradas informações mais complexas a respeito de obras, autores e literatura brasileira traduzida na França de forma geral. Assim, foram consultados artigos acadêmicos a respeito de autores, informações a respeito das obras, como artigos em revistas, sinopses nos sites das editoras e entrevistas. Ou seja, informações que circundam as obras (e autores) traduzidas. Da mesma forma, consideramos as relações entre sistemas alvo e fonte, a relação entre o Brasil exótico do imaginário francês e literatura brasileira traduzida na França. Para isso, foram consultados vários artigos relacionados ao tema, assim como a realização de um cruzamento de informações das obras traduzidas no período de 2000 a 2013, e seu vínculo (ou não) com esse imaginário.

Deste modo, com os dados preliminares e considerações sistêmicas, intentamos descrever a literatura brasileira traduzida na França de forma ampla e contextualizada. Ao descrever o que foi traduzido, quais obras e autores, suas características e regularidades (por exemplo, o que é mais traduzido, romance ou poesia? Ou se estas obras veiculam representações do Brasil vinculadas a estereótipos e, portanto, ligadas ao imaginário coletivo) revelamos os interesses que emergem do sistema alvo em relação ao sistema fonte. Da mesma maneira, aclaramos as relações que se estabelecem entre o sistema francês e o brasileiro, que ocupam, respectivamente, as posições central e periférica no sistema mundial de tradução postulado por Heilbron.

3. A LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA NA FRANÇA NO SÉCULO XXI (2000-2013): REFORÇO E RECONSTRUÇÃO DO BRASIL NO IMAGINÁRIO FRANCÊS

Antes de iniciarmos nosso percurso pelas obras traduzidas, deve-se lembrar de que o ponto de vista teórico sob o qual nos colocamos considera as traduções como fatos da cultura receptora, a produção da tradução é um evento que se realiza no sistema alvo, logo, faz parte deste. Segundo a abordagem orientada para a cultura alvo proposta por Toury (2012), as obras traduzidas são atravessadas pelas normas tradutórias da cultura alvo, inseridas em seu sistema literário, ocupando um lugar como obra traduzida, sendo, desta forma, suscetíveis à atribuição de valor dada a traduções dentro deste sistema receptor. Segundo Toury (2012, p. 23) “[...] traduções são fatos da cultura alvo; ocasionalmente de uma situação particular, que eventualmente constituem (sub)sistemas identificáveis por si mesmos, mas ainda pertencentes à cultura alvo”³¹.

Deste modo, as obras brasileiras traduzidas se encontram dentro do sistema de literatura traduzida, e este faz parte do sistema literário francês. Segundo Even-Zohar (1990, p. 46) “[...] Eu vejo a literatura traduzida não apenas como um sistema integral dentro de algum polissistema literário, mas como um sistema ativo dentro deste”³². Utilizando o pensamento de Even-Zohar (1990), de que a literatura traduzida constitui um sistema próprio, e que este é constituído de vários estratos que ocupam posições únicas, propomos, então, fazer uma análise dos dados que compõem nosso corpus de análise, considerando a literatura brasileira como um subsistema dentro do sistema francês de literatura traduzida, e, a partir daí, traçar um panorama das obras brasileiras traduzidas. De acordo com o autor:

Como um sistema, a literatura traduzida é estratificada, e do ponto de vista da análise polissistêmica, todas as relações dentro do sistema

³¹ “[t]ranslations are facts of target culture; on occasion facts of a peculiar status, sometimes constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event”. (TOURY, 2012, p. 23).

³² “[...] I conceive of translated literature not only as an integral system within any literary polysystem, but as a most active system within it”. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 46).

são geralmente observadas a partir da perspectiva de um nível central. Isto significa que enquanto uma seção de literatura traduzida pode assumir uma posição central, outra pode permanecer muito periférica. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 49)³³

Neste capítulo, apresentamos as análises realizadas sobre os dados recolhidos em relação ao que foi traduzido de literatura brasileira na França no período de 2000 a 2013. Estas análises e resultados são precedidos de breve contextualização do sistema receptor, a qual compreende uma breve história da tradução na França e a reflexão a respeito do Brasil existente no imaginário francês, fundamental para o presente estudo. É preciso enfatizar que os dados recolhidos e analisados são referentes a obras traduzidas ou retraduzidas nesse período (2000 a 2013), ou seja, foram consideradas apenas traduções inéditas e retraduições, traduções que foram inseridas no sistema literário francês neste recorte de tempo.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA RECEPTOR

Como dito anteriormente, segundo Toury (2012), é necessário que se faça uma contextualização apropriada do objeto de estudo, pois traduções não se encontram num limbo entre culturas, mas estão inseridas num contexto específico, ocorrem num determinado sistema e são condicionadas por suas normas. Considerando a teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), em que vários sistemas estão interconectados e se influenciam mutuamente, podemos dizer que o sistema literário está interligado a vários outros sistemas e sofre influências destes. Como o objeto de estudo se encontra num contexto específico, na cultura receptora francesa, é necessário que sejam feitas algumas considerações a este respeito – a saber, a situação da tradução no sistema francês ao longo dos séculos, a evolução da literatura brasileira neste sistema, desde as primeiras obras traduzidas no século XIX, assim como o Brasil existente no imaginário francês – para que se possa compreender melhor o presente estudo.

³³ “As a system, translated literature is itself stratified, and from the point of view of polysystemic analysis it is often from the vantage point of the central stratum that all relations within the system are observed. This means that while one section of translated literature may assume a central position, another may remain quite peripheral.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 49).

3.1.1 A tradução na França

Podemos iniciar nosso percurso sobre a tradução na França no século XVI, com marcos como a invenção da imprensa (no século anterior) e o estímulo causado pelo Renascimento em relação aos clássicos e à busca pelo conhecimento, que aumentaram o número de traduções (SALAMA-CARR, 1998, p. 410), assim como o decreto que, em 1539, tornava o francês língua oficial do estado.

No século XVI a tradução desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da língua francesa. Em 1540, o humanista francês Étienne Dolet redigiu o primeiro programa sobre tradução em língua francesa, sob o título de *La maniere de bien traduire d'une langue en autre*, o qual fazia parte de um projeto maior, *Orateur françoys*, que defendia e fomentava o uso da língua francesa. No entendimento de Mauri Furlan:

Seu projeto propunha uma unificação da língua vulgar, e nele a tradução recebe o status de co-formadora da cultura nacional ao oferecer em língua romance as obras gregas e latinas tornadas literatura francesa, em bom francês. (FURLAN, 2006, p. 69)

O programa de Dolet contava com cinco regras para bem traduzir de uma língua para outra. A quarta delas era que as traduções deveriam ser vertidas em francês comum, o francês falado pelo povo. Dolet buscava o desenvolvimento de uma língua nacional, assim, seu programa defendia não só a tradução, mas prezava pela ‘boa tradução’, de modo a participar da construção da língua nacional, sem colocá-la em risco. (FURLAN, 2006, p. 69).

Havia uma busca pela equiparação da língua francesa ao nível de importância de outras línguas, como o latim (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 50). Essa busca pelo enriquecimento da língua francesa foi marcada, durante este século, por duas visões distintas: de um lado, a defesa da tradução como meio de enriquecer a língua, e, de outro lado, a visão oposta, a de que a imitação, e não a tradução, de gregos e latinos é que cumpriria esta tarefa (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 50). É com esta segunda visão que Du Bellay, em seu manifesto *Deffence et illustration de la langue françoysse*, de 1549, se posiciona firmemente contra a tradução,

defendendo o desenvolvimento de uma nova literatura nacional (CASANOVA, 2002, p. 75) por meio da “devoração” dos autores antigos (CASANOVA, 2002, p.76).

No século XVII, começava um “vasto empreendimento no sentido de purificar e codificar a língua” (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 52). Nesse período, a luta inicial empreendida em favor da língua francesa foi pela sua igualdade em relação ao latim, e, posteriormente, pela sua superioridade (CASANOVA, 2002, p. 81). A imitação de autores da Antiguidade continuava, embora de maneira mais seletiva (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 52). No entanto, no final do século XVII, essa prática foi sendo deixada de lado, acreditando-se que a literatura francesa já havia chegado a seu ápice, alcançando um nível de superioridade em relação aos antigos (CASANOVA, 2002, p. 91). Foi no início do século XVII que surgiu a abordagem conhecida como *Les Belles Infidèles*³⁴, que “tinha como objetivo fornecer textos traduzidos que fossem agradáveis ao leitor” (SALAMA-CARR, 1998, p. 411)³⁵, ou seja, essa era uma proposta de tradução altamente naturalizante, com a finalidade de que o texto seguisse os modelos franceses da época.

No século XVIII, língua e literatura francesas ocupavam uma posição de prestígio em toda a Europa (CASANOVA, 2002, p. 92). O francês triunfou sobre o latim e alcançou sua hegemonia nos países europeus. O modelo francês foi adotado em diversos países, esse modelo tinha tamanho poder simbólico que “escritores adotavam o francês para redigir suas obras literárias” (CASANOVA, 2002, p. 92).

No final do século XVIII, a França começava a traduzir as novelas góticas inglesas, um gosto que atingiu massivamente os franceses, e tomou conta do mercado editorial no país por quase meio século, até 1830 (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 222). Tais novelas eram traduzidas de modo a agradar o gosto francês, deste modo, eram feitas diversas modificações a fim de domesticar o texto. As traduções eram feitas seguindo as normas francesas do que se acreditava ser a boa literatura, amoldando-se, assim, aos modelos canônicos vigentes (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 224).

Em tais circunstâncias, os tradutores não eram simples importadores de valores; eram também os

³⁴ *As Belas Infieis.*

³⁵ “[...] aimed to provide target texts which are pleasant to read [...]” (SALAMA-CARR, 1998, p. 411).

guardiães das normas da cultura-meta. Sua tarefa consistia quase em reescrever o original. (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 224)

Embora esse gênero tenha sido vastamente traduzido na França seguindo preceitos altamente domesticadores do texto, outra corrente começava a dominar o campo da tradução na Europa, a do literalismo. Este novo modelo de tradução que surgia no século XIX buscava por mais fidelidade ao texto original, o que significava uma “clara ruptura com a tradição das *Belles Infidèles*”³⁶ (SALAMA-CARR, 1998, p. 413). Deste modo:

A forma ‘agradável’ do texto francês foi então vista como secundária para uma reprodução mais próxima do estilo do texto fonte; a era romântica buscava a estrangeirização. (SALAMA-CARR, 1998, p. 413)³⁷

Considerando a história das letras francesas, todo poder simbólico que exerceram no mundo, tornando-se referência para outras literaturas nacionais - inclusive para o Brasil - e, juntamente, a história da tradução na França, cujas normas de “devoração” e naturalização de obras vigoraram por muito tempo, partimos da ideia de que a literatura traduzida, de modo geral, ocupa uma posição periférica no sistema literário francês. Even-Zohar corrobora esta ideia ao afirmar:

[...] está claro que o sistema cultural Francês, incluindo também a literatura francesa, é muito mais rígido que a maioria dos outros sistemas. Combinando isto com a longa e tradicional posição central da literatura francesa dentro do contexto europeu (ou dentro do macropolissistema europeu), fez com que a literatura francesa traduzida assumisse uma posição

³⁶ “[...] clear split with the tradition of the *Belles Infidèles*.” (SALAMA-CARR, 1998, p. 413).

³⁷ “The ‘pleasing’ form of the French text was now regarded as secondary to the close reproduction of the style of the source text; the Romantic age was looking for foreignness.” (SALAMA-CARR, 1998, p. 413).

extremamente periférica. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 50)³⁸

Como já apontamos, segundo Even-Zohar (1990), a literatura traduzida constitui um sistema próprio dentro do sistema literário. Nesse sistema, os estratos, que podemos chamar também de subsistemas, ocupam lugares únicos, podendo se situar em posições mais centrais ou mais periféricas. Assim, ao afirmarmos que a literatura traduzida ocupa uma posição periférica no sistema francês, estamos também considerando que a literatura brasileira se encontraria em posição periférica neste sistema, pelo fato de ser traduzida.

Para finalizar esta contextualização, apresentamos outro dado que julgamos importante para compreender a posição da literatura brasileira traduzida na França, qual seja o número consideravelmente menor de traduções realizadas a partir do português em relação a outras línguas, como o inglês, alemão e espanhol – que ocupam, respectivamente, as posições: hipercentral, central e semiperiférica na hierarquização de línguas de Heilbron (2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007). Segundo Torres (2014, p. 64), por exemplo, de 1979 a 1999, a França realizou um total de 88.994 traduções, e, destas traduções, 59.105 foram realizadas a partir do inglês, 8.486 a partir do alemão, 2.293 a partir do espanhol, e apenas 667 a partir do português.

3.1.2 A literatura brasileira na França e o Brasil no imaginário francês

É no século XIX que as primeiras traduções de autores brasileiros são realizadas na França. A primeira sendo o poema de Gonzaga, *Marília de Dirceu* (1792), em 1824 [*Marilie, chants élegiaques de Gonzaga*]. Em 1829, foi traduzido o poema do frei Santa Rita Durão, *Caramuru* (1781) [*Caramurú* ou *La découverte de Bahia*]; em 1859, a narrativa de viagem e memórias de Nísia Floresta, *Conselhos à minha filha* (1845) [*Conseils à ma fille*]; em 1882, foi

³⁸ “[...] it is clear that the French cultural system, French literature naturally included, is much more rigid than most other systems. This, combined with the long traditional central position of French literature within the European context (or within the European macro-polysystem), has caused French translated literature to assume an extremely peripheral position.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 50).

traduzido também parte de um livro de Couto de Magalhães, *O selvagem* (1876) [*Contes indiens* (1882)] (TORRES, 2014, p. 17). Apenas no final desse século, em 1896, é que o primeiro romance brasileiro foi traduzido na França, *Inocência* (1872) [*Innocencia*], de Visconde de Taunay (TORRES, 2014, p. 15).

De acordo com Torres (2014, p. 17), a escolha de traduzir obras caracterizadas pelo exotismo, pela natureza tropical, revela uma específica visão colonial francesa em relação ao Brasil, “os editores franceses do final do século XIX propagavam a ideia de um Brasil exótico” (TORRES, 2014, p.18). Segundo a autora:

Emoção, animais selvagens e antropófagos, eis o que interessava aos leitores. Essa será a imagem que os franceses terão do Brasil até os anos 1930, quando Lévi-Strauss, vindo a São Paulo, ficará surpreso ao constatar, como veremos, que não havia índios na capital e que se tratava de uma megalópole. (TORRES, 2014, p. 19)

Para Torres (2014, p. 54), no início do século XX, começava uma mudança no olhar dos franceses sobre o Brasil, segundo ela, um “(re)descobrimento”, com a vinda de intelectuais franceses ao país, assim, nesse período começava a se levar uma imagem nova do país e de sua literatura.

A respeito das imagens sobre o Brasil, Pierre Rivas (2005, p. 75) as divide em dois momentos distintos. De 1880 até os anos 1920, havia uma imagem de assimilação da França sobre o Brasil, Rivas (2005, p.75) argumenta que “esta redução ao Mesmo reduz pois o Brasil e sua literatura a uma espécie de França degradada ou menor”. Sob esta perspectiva, a literatura brasileira enquanto literatura nacional autônoma é questionada e considerada como imitação dos modelos franceses. De acordo com Rivas:

Mas essa ideologia redutora não permite uma abertura à alteridade brasileira, nem em sua dimensão universalista (Machado de Assis aparece como um Anatole France dos trópicos), nem em sua especificidade brasileira (a vanguarda literária é vista como simples reprodução dos modelos parisienses). (RIVAS, 2005, p. 75)

Oposta a esta imagem do ‘mesmo’, haveria, dos anos 1930 até os dias de hoje, uma imagem de alteridade, na qual o Brasil seria a contrafigura da França (RIVAS, 2005, p. 75). De acordo com Rivas:

Passa-se assim da redução ideológica ao Mesmo (o Brasil como reprodução da França), à elaboração mítica de um Brasil como complemento da França, como contrapartida da incompletude francesa. (RIVAS, 2005, p. 76)

É no âmbito dessa imagem de alteridade em relação ao Brasil que, segundo Rivas (2006, p. 135), situa-se o interesse literário francês. Segundo ele (RIVAS, 2005, p. 78), Nordeste e Amazônia formariam a cartografia da literatura brasileira recebida na França. O Nordeste com suas marcas culturais, religiosas, étnicas; e a Amazônia com sua característica mítica, “inferno e paraíso verde, e importante lugar de busca iniciática”. E é nesse sentido que Rivas (2005, p. 78) correlaciona o sucesso de Jorge Amado na França (apesar de seu engajamento político à esquerda ter influenciado sua divulgação no início de sua carreira internacional) e o interesse do leitorado francês (RIVAS, 2006, p. 134). Rivas ainda sublinha que:

Se fosse para resumir rapidamente o horizonte de expectativa do leitor francês diante do Brasil, arriscar-se-ia o fantasma do *primitivismo* sob duas formas, que correspondem a dois momentos fundadores de sua emergência; aquele da Descoberta, dos descobridores e, como dizia Borges, há ouro nesta palavra: visão do Eldorado, do Paraíso terrestre, o país do desejo (Hegel), do prazer (Lacan) e, opostamente, aquele dos conquistadores, colonizadores cruéis: o Inferno, a violência, a escravidão, a antropofagia, marcando negativamente conquistadores e autóctones. (RIVAS, 2006, p. 135)³⁹

³⁹ “S’il fallait réduire très vite l’horizon d’attente du lecteur français face au Brésil, on hasarderait le fantasme du primitivisme sous ses deux formes, répondant aux deux moments fondateurs de son émergence ; celui de la Découverte, des “descobridores” et, disait Borges, dans ce mot, il y a or : vision de l’Eldorado, du Paradis Terrestre, le pays du désir (Hegel), de la jouissance (Lacan) et, à l’opposé, celui des “conquistadores” colonisateurs cruels : l’Enfer,

Rita Olivieri-Godet também aponta para a presença desse imaginário na França em seu artigo, *Le Brésil dans l'imaginaire littéraire français actuel : images de latinité et du métissage*⁴⁰. A autora traça um paralelo entre o Brasil existente no imaginário francês e a trilogia de romances de Jean-Paul Delfino, escritos entre 2005 e 2009, sobre o Brasil. O autor dos romances declara ter escrito a trilogia por vergonha de os franceses desconhecerem o Brasil e numa tentativa de mudar a visão limitada e de estereótipos que os franceses têm do país. Embora o autor apresente fatos históricos, insira palavras em português, enfim, saia da superficialidade, na intenção de mostrar um Brasil além dos clichês, ainda assim, ele mesmo não se livra completamente desses estereótipos presentes no imaginário coletivo. De acordo com Godet:

O Brasil de Delfino é um Brasil marcado por conflitos sociais, miséria e violência [...] Por outro lado, o Brasil que ele representa é constantemente duplo. Os contrastes de sua realidade geram uma dicotomia de imagens na qual se misturam uma visão negativa e desesperada do cenário urbano, que carrega a desordem e o caos, em constante oposição a uma construção paradisíaca e harmoniosa, impregnada de um romantismo exótico, da paisagem natural marcada pela presença viva do céu, da floresta e do mar. (GODET, 2011, p. 13)⁴¹

la violence, l'esclavage, l'anthropophagie, marquant négativement conquérants et autochtones.” (RIVAS, 2006, p. 135).

⁴⁰ GODET, Rita Olivieri. “Le Brésil dans l'imaginaire littéraire français actuel : images de latinité et du métissage”. **Revue Silène. Centre de recherches en littérature et poétique comparées de Paris Ouest-Nanterre-La Défense**, Rennes, 2011. Disponível em: <http://www.revue-silene.com/images/30/article_79.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

⁴¹ “Le Brésil de Delfino est un Brésil marqué par les conflits sociaux, la misère et la violence. [...] D'autre part, le Brésil qu'il représente est constamment duel. Les contrastes qui sont sa réalité génèrent une dichotomie d'images où se mêlent une vision négative et désespérée du paysage urbain porteur de désordre et de chaos en constante opposition avec une construction paradisiaque et harmonieuse, toute imprégnée de romantisme exotique, du paysage naturel marqué par la vive présence du ciel, de la forêt et de la mer.” (GODET, 2011, p. 13).

É nesse dualismo de paraíso e inferno, o mítico e o caótico, que Rivas (2006, 139) insere a nova geração (dos anos 1990 aos anos 2000) de escritores brasileiros traduzidos na França. Essas representações ‘infernais’ estariam presentes na literatura hiper-realista, nos romances sobre a favela, na literatura marginal, com a violência urbana, a marginalidade, ou tráfico de drogas. Como exemplos dessa literatura, o autor cita Paulo Lins, Luiz Ruffato, Patrícia Melo e Rubem Fonseca. Como portador da imagem edênica, Rivas cita Milton Hatoum, no qual “a nostalgia das origens, nosso devaneio recorrente, primitivista e amazonense altera-se em uma nostalgia não mais do espaço, mas do tempo e da memória” (Rivas, 2006, p. 139)⁴².

De acordo com a perspectiva de Toury (2012) em relação à tradução no contexto receptor, de que a cultura alvo insere em seu sistema literário aquilo que mais lhe convém ou do qual sente necessidade, podemos perceber claramente que o imaginário coletivo exerceu seu poder na escolha daquilo que foi traduzido no passado. As primeiras traduções de obras brasileiras refletiam esse imaginário – o de um Brasil selvagem – no qual residia o interesse do leitor francês. Não é à toa que o romance de José de Alencar, *O Guarani*, traduzido para o francês em 1902, fora inserido na coleção *Bibliothèque des Grandes Aventures*, e ainda sob o “título apelativo *Le fils du Soleil [O filho do Sol]*” (TORRES, 2011, p. 25-26).

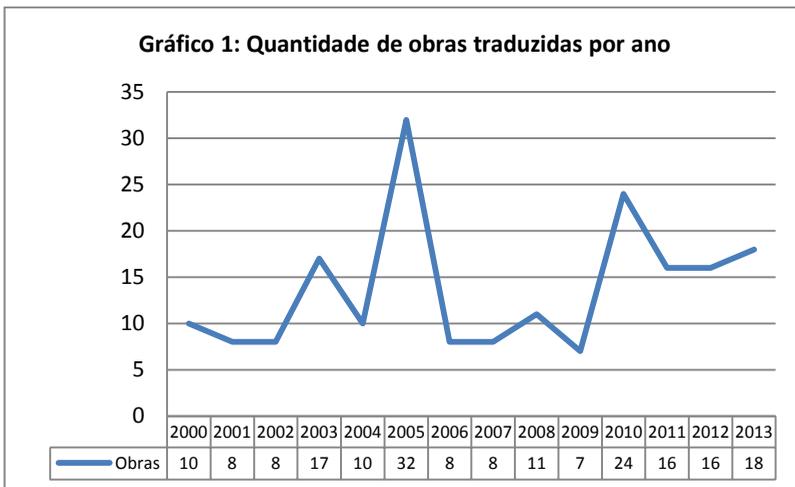
Logo, é indispensável considerar o imaginário francês ao analisarmos a literatura brasileira traduzida na França, visto que este ainda está atuando nos dias de hoje, embora tenha evoluído consideravelmente ao longo dos séculos. Vale ressaltar que não afirmamos ser esse imaginário o motor exclusivo das escolhas tradutórias no sistema francês, uma vez que consideramos que as trocas de bens culturais podem ser condicionadas por outros fatores, como o mercado editorial, por exemplo. No entanto, partimos da hipótese de que o Brasil presente no imaginário francês é um elemento que tem sua força e pode, sim, ser um dos fatores determinantes na escolha daquilo que será traduzido.

⁴² “la nostalgie des origines, notre rêverie récurrente, primitiviste et amazonienne s’infléchit en nostalgie non plus de l’espace, mais du temps et de la mémoire” (Rivas, 2006, p. 139).

3.2 A LITERATURA BRASILEIRA NA FRANÇA: SOBRE AUTORES E OBRAS TRADUZIDAS

Tendo como marco inicial de análise o ano 2000, fazendo um percurso até 2013, buscamos, a partir de informações como, o que foi traduzido, quem foi traduzido, quem traduziu e publicou literatura brasileira, delinear um panorama da literatura brasileira traduzida existente no sistema literário francês. Ao se traçar esse panorama, podemos então olhar com mais clareza para o objeto de estudo, relacionando informações, observando, ou não, regularidades.

De acordo com os dados de nossa pesquisa, dentro do período fixado, foram traduzidas, ao todo, 193 obras de literatura brasileira na França, dentre as quais, encontramos obras de romance, contos, poesia, biografia, crônicas, etc. Essas 193 obras apresentam-se de maneira irregular divididas nesses 14 anos. Abaixo, expomos graficamente essas irregularidades:



Nota-se um aumento significativo de traduções no ano de 2003, em relação aos três anteriores. No entanto, é em 2005 que o volume de traduções atinge, de fato, seu ápice. Esse aumento de traduções se deve, muito provavelmente, pelo fato de 2005 ter sido o ano do Brasil na França, evento que deve ter estimulado o interesse pela literatura brasileira. Com exceção de 2003, a média de traduções realizadas nos anos anteriores a 2005 e nos quatro que o sucedem, variam de 7 a 11

obras. No ano de 2010 o volume volta a aumentar, e chega a 24 traduções, e mantém-se em 16 a 18 traduções nos anos seguintes.

A partir de 2011, há uma regularidade no volume de traduções e o início de um padrão diferente do que observamos nos primeiros anos de nosso recorte temporal – que, de 2000 a 2009, com exceção de 2003 e 2005, manteve uma regularidade anual de 7 a 11 traduções. Essa mudança de padrão se revela justamente no ano (2011) em que a Fundação Biblioteca Nacional apresenta um programa de apoio à tradução totalmente reformulado, contando com pesado investimento, com a finalidade de divulgar a literatura brasileira no exterior. Logo, temos aqui um importante elemento vinculado à produção de traduções de obras brasileiras na França, elemento que, embora tenha se apresentado timidamente no início de sua reformulação – em 2011, apenas duas obras foram traduzidas pelo programa – nos anos seguintes tomou força e garantiu a tradução de quinze obras brasileiras na França (oito em 2012 e sete em 2013).

3.2.1 O programa da FBN de incentivo à tradução

Em 2011, a Fundação Biblioteca Nacional apresentou as novas diretrizes de um programa de incentivo à divulgação da literatura brasileira no exterior. O programa oferece bolsas de apoio à tradução a editoras estrangeiras para a publicação de obras brasileiras, assim como fornece incentivo financeiro para a divulgação de autores, programas de residência para tradutores, viagens para encontros e palestras, etc. Para esse programa, reformulado, o Ministério da Cultura anunciou o investimento de 35 milhões de dólares até 2020. De acordo com os dados da FBN, desde sua reformulação, “o programa aprovou o equivalente a quase 80% do que havia sido feito nos 20 anos anteriores⁴³”. O programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior lançado pela Fundação Biblioteca Nacional é, sem dúvidas, um grande aliado na difusão da literatura brasileira internacionalmente.

⁴³ CENTRO DE COOPERAÇÃO E DIFUSÃO, Ministério da Cultura investirá US\$35 milhões na internacionalização da literatura brasileira até 2020. Disponível em: <https://bookcenterbrazil.wordpress.com/2012/09/11/in-egestas-mauris-et-erat-sed/> Último acesso em 13 de fevereiro de 2015.

Embora o programa não tenha causado grande impacto sobre o volume de traduções na França em relação a tudo o que foi traduzido em nosso recorte temporal, sua importância não pode ser desconsiderada. As obras literárias traduzidas com apoio da FBN não chegam a 10% do total de traduções realizadas entre 2000 e 2013. Entretanto, é necessário sublinhar que essas traduções financiadas pelo programa foram realizadas entre 2011 e 2013, portanto, demonstram números significativos para um curto espaço de tempo. Deste modo, se as traduções de obras brasileiras mantiverem sua constância, somadas ao incentivo da FBN, talvez tenhamos, nos próximos anos, um aumento considerável de obras brasileiras sendo inseridas no sistema literário francês.

Além do mais, é preciso destacar a importância desse programa incentivo à tradução proposto pela FBN, não só pelo fato de impulsionar as trocas literárias entre Brasil e França, mas também por promover essas trocas entre o Brasil e outros países, favorecendo, portanto, de acordo com o modelo postulado por Heilbron e Sapiro (HEILBRON, 2010; HEILBRON; SAPIRO, 2007), um maior fluxo de obras brasileiras dentro do sistema mundial de circulação de traduções.

Por meio desse programa, foram traduzidos, por exemplo, contos de Lima Barreto, *L'homme qui parlait javanais et autres nouvelles* (2012) [*O homem que falava javanês* (1911) e outros contos]; as crônicas de viagem do modernista Antônio de Alcântara Machado, *Pathé-Baby* (2013) [*Pathé-baby* (1926)]; assim como uma antologia da poesia brasileira pela editora Chandeigne, *La poésie du Brésil – Anthologie bilingue du XVIe au XX siècle* (2012), que conta com mais de 1.500 páginas. Foram traduzidas também, por meio deste programa, várias obras produzidas recentemente, tanto de autores consagrados como Moacyr Scliar e Luis Fernando Veríssimo, como de novos escritores, como Edney Silvestre, Adriana Lisboa e Ronaldo Wrobel.

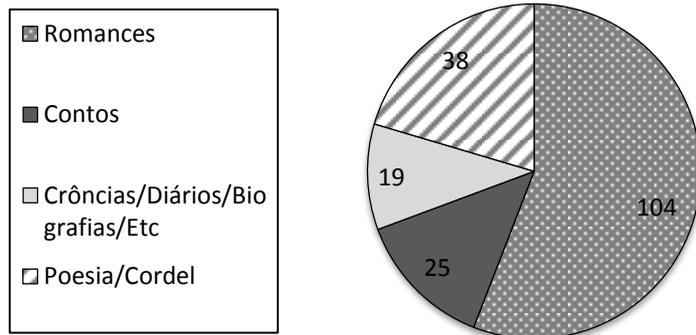
3.2.2 Primeiras análises: tendências atuais

Antes de continuar a discussão a respeito das obras traduzidas, é essencial que façamos algumas considerações a respeito das obras de poesia e em prosa presentes nos dados. Como já salientamos, consideramos as obras brasileiras traduzidas como um subsistema dentro do sistema francês de literatura traduzida. Posto isso, propomos então para esse subsistema, a divisão em duas grandes ramificações: a da prosa e a da poesia.

A razão para esta divisão seria muito simples. Além de se tratar de dois gêneros bastante distintos, a poesia ocupa um lugar mais periférico do que a prosa, em se tratando de mercado editorial; ao considerarmos o pensamento de Toury (2012), de que traduções são governadas por normas, e de que normas não só estão presentes na produção da tradução como texto (normas operacionais), mas também na escolha do texto a ser traduzido (normas preliminares), parece muito claro que as normas que governam a prosa não são as mesmas que governam a tradução de poesia.

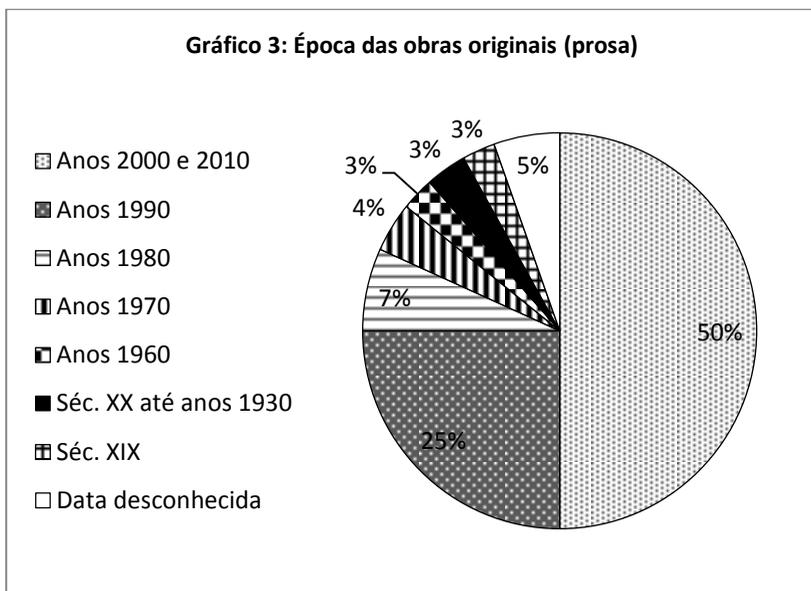
Outros fatos corroboram a possível necessidade de divisão do subsistema em dois grandes conjuntos. Podemos citar a discrepância do número de traduções de obras em prosa (incluímos aqui: romances, contos, ensaios, crônicas, biografias, manifestos) e obras de poesia (aqui estariam incluídas obras de poemas em verso, poemas em prosa e literatura de cordel, visto que as obras de cordel estão em verso) no período estudado. Das informações recolhidas, temos 148 obras em prosa traduzidas, enquanto o número de obras de poesia é de apenas 38 obras traduzidas, e, destas, a grande maioria é de antologias. Além do mais, outro fato importante a ser considerado é a relação entre a tradução de poesia e o perfil das editoras que a publicam. Conforme verificado na seção “Perfil das editoras”, as obras de poesia são publicadas, em geral, por editoras independentes, cuja política editorial está voltada para obras de poesia, ou são declaradamente não comerciais. Abaixo, apresentamos um gráfico com a quantidade de obras em prosa e de poesia traduzidas no período de 2000 a 2013 (no entanto, das 193 traduzidas ao todo, inserimos nessa primeira análise apenas 186, visto que sete das obras publicadas pela Yvélinédition não deixam claro sua verdadeira natureza):

Gráfico 2: Obras em prosa e de poesia traduzidas entre 2000 e 2013



Dadas as diferenças entre os volumes tradutivos que caracterizam prosa e poesia em nosso recorte temporal, nossas principais análises e discussões recairão sobre as obras em prosa.

Após fazer essa primeira divisão, examinamos as obras em prosa traduzidas e seus respectivos originais, a fim de obter um desenho geral de sua contemporaneidade ou não. O primeiro desenho que se tem dessas obras traduzidas é o de uma literatura brasileira produzida recentemente, basicamente nos últimos 20 anos. Desta, aqui chamada literatura contemporânea, percebemos que a maioria do que foi traduzido é de obras que datam dos anos 1990 até os anos 2010, atingindo um percentual de 75% de tudo o que foi traduzido de literatura brasileira em prosa na França desde o ano 2000. Portanto, já podemos traçar, embora muito superficialmente, os contornos do que foi e está sendo traduzido atualmente: a tendência é de se traduzir uma literatura recente, com novos escritores, ou mesmo escritores contemporâneos que já ocupam lugar de prestígio na cultura fonte, conjuntamente a escritores já consagrados, canonizados no sistema fonte, embora estes estejam sendo traduzidos consideravelmente em menor número no período analisado.



Dessas exceções à contemporaneidade, a que aludíamos acima, uma que se destaca é o caso do autor Machado de Assis, autor canônico da literatura brasileira. No entanto, esta obviedade a respeito de sua posição canônica não pode ser simplesmente transferida para sua posição no sistema francês, uma vez que, como já discutimos, autores e obras assumirão posições distintas no sistema receptor daquelas do sistema fonte. As obras de Machado de Assis, por exemplo, ocupavam posições periféricas quando começaram a ser inseridas no sistema literário francês, para os franceses, Machado de Assis não passava de uma cópia de Anatole France. Embora o autor tenha sido homenageado na França no início do século XX, na circunstância da *Fête de l'intellectualité brésilienne* (TORRES, 2014, p. 55), ainda assim, segundo Rivas (2006, p. 132), não lhe foi atribuída a devida importância, e Machado de Assis passou, à época, de certo modo, despercebido.

No entanto, os sistemas são dinâmicos, e como mesmo apontou Even-Zohar (1990, p. 46), o sistema de literatura traduzida é o mais dinâmico deles, e como afirma Toury (2012) em sua teoria, as obras mudam de posição com o tempo, não ficam para sempre nas posições de quando foram inseridas em determinado sistema. No caso de Machado de Assis não é diferente, ao longo dos anos, sua posição no sistema

francês foi sendo redefinida, e suas obras adquiriram reconhecimento literário. Prova disso é o fato de o autor ganhar traduções inéditas ainda hoje, sem falar nas reedições de traduções mais antigas. No que se refere a essas mudanças de posição dentro do sistema literário Toury alega que:

É também significativa a possibilidade de que as traduções, enquanto mantêm sua condição de fatos na cultura alvo, podem ainda ver sua posição mudar no decorrer do tempo. (TOURY, 2012, p. 25)⁴⁴

Dentro de nosso recorte temporal, foram publicadas quatro obras de Machado de Assis, todas de contos, e todas elas traduções inéditas. Três obras foram publicadas pela editora Chandeigne: *Le conte de l'école* (2004) [*Conto de escola* (1884)] traduzido por Michelle Giudicelli; *Trois contes* (2010) – edição que compreende os contos *Lettre à terme échu* [*Letra vencida* (1882)], *Le Machete* [*O Machete* (1878)] e *Chant nuptial* [*Cantiga de esponsais* (1884)] – traduzida por Jean Briant; e *Chasseur d'esclave* (2006) [*Pai contra mãe* (1906)] traduzido por Anne-Marie Quint. Foi publicada também, pela editora Métailié, a obra de contos, *La théorie du médaillon et autres contes* (2002) [*A teoria do medalhão* (1881) e outros contos], traduzida por Florent Kohler.

Outro fato importante encontrado nos dados, e que não pode ser ignorado, é a quantidade de obras modernistas traduzidas em nosso recorte temporal. Como Machado de Assis, estas obras fogem da tendência encontrada. Dentre elas está uma nova tradução do *Manifesto Antropófago* (1928) [*Manifeste anthropophage* (2011)] de Oswald de Andrade, contendo inúmeras anotações, realizada por Lorena Janeiro, e publicada pela editora Black Jack. Ao todo, foram traduzidas cinco obras modernistas e, destas cinco obras, três são de poesia. Embora tenhamos dividido prosa e poesia em dois conjuntos distintos e dediquemos as principais análises às obras em prosa, aqui é importante mencioná-las, por conta da época e do movimento que as vincula. Destas cinco obras, Sérgio Milliet e Luis Aranha tiveram, cada um, traduzidas obras antológicas; foram traduzidas duas obras de Oswald de

⁴⁴ “Also significant is the possibility that translations, while retaining their status as facts of the target culture, may nevertheless see their position in it change over time.” (TOURY, 2012, p. 25).

Andrade; e por fim, a obra de crônicas de viagem, *Pathé-Baby* (2013) [*Pathé-Baby* (1926)], de Antônio de Alcântara Machado.

Além de as cinco obras acima citadas estarem ligadas ao movimento Modernista, outra característica as vincula: com exceção da obra *Manifeste Anthropophage* (2011) [*Manifesto Antropófago* (1928)], todas as outras obras foram traduzidas por Antoine Chareyre, especialista em literatura e poesia vanguardistas⁴⁵. Pela editora La Nerthe foram publicadas as obras *Cocktails*⁴⁶ (2010), de Luis Aranha, e *Poèmes Modernistes et autres récits*⁴⁷ (2010), de Sérgio Milliet. A obra de Oswald de Andrade, *Bois Brésil – poésie et manifeste*⁴⁸ (2010), foi publicada pela editora La Différence, e conta com comentários e anotações do tradutor. E em 2013, foi publicada pela editora Petra, a obra *Pathé-Baby* (2013) [*Pathé-Baby* (1926)], com apoio da FBN. Nesses casos, o tradutor parece desempenhar um papel fundamental na divulgação de autores modernistas na França, e, além de inserir essas obras no sistema francês, com suas anotações e comentários, o tradutor ainda traz uma visão crítica e contextualizada das obras.

Embora, como já dissemos, a maioria das obras em prosa que compõem nosso corpus de análise sejam obras originalmente publicadas nos anos de 1990, 2000 e 2010, outro caso que foge a essa tendência e merece atenção, é o do romance de Adolfo Caminha, *Un amour d'ébène* (2010) [*Bom-crioulo* (1895)], pois além de ser uma obra do século XIX, trata-se também de uma retradução. Considerado o primeiro romance brasileiro com um protagonista homossexual⁴⁹, foi publicado originalmente em 1895, e sua primeira tradução francesa, com o título *Rue de la Miséricorde*, foi realizada em 1996, por Maryvonne Lapouge-Pettorelli, pela editora Métailié (Abreu, 2008, p. 54). O romance ganhou

⁴⁵ ÉDITIONS PETRA, Pathé-baby. Disponível em:

<http://www.editionspetra.fr/ouvrage/171> Último acesso em 24 de julho de 2014.

⁴⁶ Seleção de poemas.

⁴⁷ Seleção de poemas e textos do autor.

⁴⁸ CONEXÕES ITAÚ, “Bois Brésil” – Manifesto e poemas de Oswald em edição bilíngue. Disponível em: <<http://conexoesitaucultural.org.br/critica-literaria/bois-bresil-manifesto-e-poemas-de-oswald-em-edicao-bilingue/>>. Último acesso em 22 de abril de 2015.

⁴⁹ DALCASTAGNÉ, Regina. “Retrato sem parede: o Bom Crioulo, de Adolfo Caminha”. In: **X Seminário Internacional de História da Literatura**, 2014, Porto Alegre. Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. v. 1. p. 1-11. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/mesa-3.pdf>>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2015.

uma nova tradução em 2010 sob o título de *Un amour d'ébène*, realizada por Alexis Pereira de Gamboa, pela editora Quintes-Feuilles. A editora responsável pela nova tradução, Quintes-Feuilles, foi fundada recentemente, no ano 2000, e suas publicações se concentram em produções históricas, literárias e artísticas que têm por tema a homossexualidade⁵⁰, o que explica, até certo ponto, esta retradução.

É importante considerar o interesse da cultura receptora em inserir essas obras em seu sistema, pois como já dissertamos, obras não são traduzidas aleatoriamente pelo sistema receptor, elas são traduzidas e inseridas ali, pois existe um interesse proveniente da cultura alvo. E mesmo sendo traduzidas e publicadas por editoras pequenas, como no caso das obras modernistas traduzidas nesse período, este é um fato que não pode ser menosprezado, muito menos ignorado, pois o próprio caráter não comercial das editoras denuncia a posição dessas obras no sistema receptor.

3.2.3 Os autores mais traduzidos

Alguns autores tiveram mais de uma obra traduzida em nosso recorte temporal, e, destes autores, Paulo Coelho aparece como o autor brasileiro mais traduzido na França. No período de 2000 a 2013, o autor teve 11 de suas obras traduzidas e publicadas na França, quatro pela editora A. Carrière e sete pela Flammarion. Todavia, o autor é um caso à parte, no que se refere à literatura brasileira. Paulo Coelho é um autor de *best-sellers*, suas obras já foram publicadas em mais de 115 países e traduzidas para mais de 67 línguas, de acordo com Werner (2009, p. 37). Paulo Coelho não é só o autor brasileiro mais traduzido, mas também o autor de língua portuguesa mais traduzido. De acordo com as estatísticas do Index Translationum, no campo concernente aos autores mais traduzidos de uma dada língua original (neste caso, o português), Paulo Coelho aparece com mais traduções do que José Saramago e Jorge Amado juntos, os quais aparecem em segundo e terceiro lugar. Abaixo apresentamos a tabela dessas estatísticas obtidas no site da Unesco⁵¹:

⁵⁰ QUINTES-FEUILLES. Disponível em: <<http://www.quintes-feuilles.com/Les-editions-Quintes-Feuilles>>. Último acesso em 24 de julho de 2014.

⁵¹ INDEX TRANSLATIONUM, Autores mais traduzidos de língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx?lg=1>>. Acessado em 13 de fevereiro de 2015.

	"TOP 10" Auteur	
1	Coelho Paulo	1095
2	Saramago José	530
3	Amado Jorge	420
4	Pessoa Fernando	373
5	Boff Leonardo	302
6	Queirós José Maria Eça de	191
7	Antunes António Lobo	189
8	Vasconcelos José Mauro de	115
9	Lispector Clarice	113
10	Machado de Assis Joaquim Maria	93

Tabela 1 – Estatísticas dos autores mais traduzidos de língua portuguesa.

Por ser um autor de *best-sellers*, podemos vincular as traduções de Paulo Coelho aos interesses do mercado editorial, dado seu alto volume de vendas. Assim, da mesma forma que as publicações de Paulo Coelho têm como motor as estratégias de mercado, podemos vincular também a essas estratégias, de certo modo, as traduções de romances/contos policiais/*thrillers*, visto que se trata de um gênero literário popular e muito consumido no mundo. O que corrobora essa hipótese é o fato de que alguns dos autores mais traduzidos nesse período produzam, justamente, esse gênero literário. Assim, fazem parte dessa lista de autores mais traduzidos: Patrícia Melo, Luiz Alfredo Garcia-Roza e Luís Fernando Veríssimo, cujas obras mesclam, entre outras, características de suspense e mistério. Além de autores como Jô Soares, Tony Bellotto, que tiveram, respectivamente, duas e uma obra traduzida.

Depois de Paulo Coelho, Patrícia Melo aparece com seis obras traduzidas nesse período. A autora teve seis romances publicados pela editora Actes Sud, no entanto, não foram traduzidos pelo mesmo tradutor, mas contaram com três tradutores diferentes ao longo dos anos. Listamos abaixo as obras em ordem cronológica de tradução:

2000 – *Éloge du mensonge : roman* – tradução: Marie M. Abdali – original de 1998 [*Elogio da mentira*]

2001 – *Enfer* – tradução: Sofia Laznik-Galvez – original de 2000 [*Inferno*]

2003 – *Acqua-Toffana* – tradução: Sofia Laznik-Galvez – original de 1994 [*Acqua toffana*]

2005 – *Le diable danse avec moi* – tradução: Sofia Laznik-Galvez – original de 2003 [*Valsa negra*]

2008 – *Monde perdu* – tradução: Sébastien Roy – original de 2006 [*Mundo perdido*]

2012 – *Le voleur de cadavre* – tradução: Sébastien Roy – original de 2010 [*Ladrão de cadáveres*]

Podemos constatar, de acordo com as informações levantadas, que o espaço de tempo decorrido entre a publicação original e as traduções dos romances de Patrícia Melo é muito pequeno, variando de 1 a 2 anos, com exceção de *Acqua-Toffana*, que levou nove anos para ser traduzido. *Acqua-Toffana* (1994) é o primeiro romance de Patrícia Melo, no entanto, seu segundo romance, *O matador* (1995) [*O matador* (1996)]⁵², foi a primeira obra da autora traduzida na França. *O matador* foi traduzido apenas um ano após a publicação de seu original, uma vez que seus direitos foram vendidos na feira de Frankfurt para vários países, devido às negociações do agente literário representante da editora brasileira internacionalmente (WERNER, 2009, p. 42). Em 1999, com a obra *O matador*, Melo ganhou o prêmio Deux Océan Prix, foi indicada ao prêmio Prix Femina, ambos da França, além de ganhar o prêmio Deutsch Krimi (WERNER, 2009, p. 41). Com o romance *Inferno* (2000), Melo ganhou o prêmio Jabuti, em 2001.

Luiz Alfredo Garcia-Roza aparece, em nosso recorte temporal, com cinco romances traduzidos na França, todos publicados pela editora Actes Sud, a mesma editora que publicou todos os romances de Patrícia Melo. O autor se dedica ao gênero policial, romances que se situam entre o “enigma” e o *noir*, de acordo com Marcio Rezende Siniscalchi Júnior⁵³, e que contam com o inspetor Espinosa como protagonista. Seu romance de estreia na ficção, *O silêncio da chuva* (1996), foi traduzido em 2004 [*Le silence de la pluie*]. Nos anos seguintes foram traduzidos os romances: *Achados e perdidos* (1998) [*Objets trouvés* (2005)], *Vento sudoeste* (1999) [*Bon anniversaire Gabriel* (2006)], *Uma janela em Copacabana* (2001) [*Une fenêtre à Copacabana* (2008)] e *Perseguido* (2003) [*L'étrange cas du Dr Nesse* (2010)]. Todos os romances, com

⁵² O romance foi traduzido por Cécile Tricoire e publicado pela editora Albin Michel.

⁵³ Entre o “enigma” e o *noir*: o romance policial de Alfredo Garcia-Roza. *Revista Icarahy*, Niteróri. Edição n. 04, outubro de 2010. Disponível em: <http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/4/dliteratura/Marcio_Rezende.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

exceção do último, foram traduzidos por Vitalie Lemerre e Eliana Machado; *L'étrange cas du Dr Nesse* foi traduzido por Sébastien Roy.

Embora o intervalo de tempo entre as traduções e as publicações originais das obras de Garcia-Roza varie entre sete e oito anos, a partir do momento em que o autor começou a ser inserido no sistema alvo, suas obras começaram a ser lançadas em sequência, suas cinco obras sendo publicadas entre 2004 e 2010. Vale notar que o autor recebeu, em 1997, o prêmio Jabuti de melhor romance, com *O silêncio da chuva* (1996). Além disso, na quarta capa do romance *Bon anniversaire, Gabriel*, no que concerne à descrição do autor, lê-se que Luiz Alfredo Garcia-Roza é considerado como o Raymond Chandler⁵⁴ brasileiro, o que o coloca numa posição favorável dentro do sistema receptor.

Luis Fernando Veríssimo também teve cinco de suas obras traduzidas nesse período, uma obra de contos e quatro romances. A obra de contos, *Jack Tance, un privé à Rio* (2003) [*Ed Mort, todas as histórias* (1997)], foi traduzida por Richard Roux, e foi a única obra brasileira publicada pela editora L'Écailleur du Sud. Três de seus romances foram traduzidos por Geneviève Leibrich, pela editora Seuil, uma das grandes editoras francesas, foram eles: *Et mourir de plaisir* (2001) [*Clube dos anjos* (1998)], *Borges et les oranges-outangs éternels* (2004) [*Borges e os orangotangos eternos* (2000)], e *Le doigt du diable* (2006) [*O opositor* (2004)]. O quarto romance, *Les espions* (2013) [*Os espíões* (2009)], foi traduzido por Philippe Poncet, e publicado pela editora Folies D'Encre. Esta tradução foi realizada com ajuda do programa da FBN de apoio à tradução⁵⁵.

Moacyr Scliar aparece ao lado de Patrícia Melo, com seis de suas obras traduzidas e publicadas em nosso recorte temporal. Um fato curioso sobre essas publicações, é que três delas, são, na verdade, retraduições, ou seja, novas traduções de obras que já haviam sido traduzidas no sistema receptor. Foram realizadas novas traduções para as obras *O carnaval dos animais* (1968), *O centauro no jardim* (1980) e *Max e os felinos* (1981). Essas obras já haviam sido traduzidas por Rachel Uziel e Salvatore Rotolo, pela editora Presses de la Renaissance, sob os títulos *Le carnaval des animaux* (1987) [*O carnaval dos animais*

⁵⁴ Raymond Chandler (1888-1959) foi um romancista e roteirista norte-americano. Tendo exercido importante influência no gênero policial, sendo um dos principais autores do estilo *noir*, o escritor é considerado um dos grandes nomes da literatura, no que se refere a romances policiais.

⁵⁵ Ver seção 3.2.1 sobre o programa.

(1968)], *Le centaure dans le jardin* (1985) [*O centauro no jardim* (1980)], e *Max et les chats* (1991) [*Max e os felinos* (1981)], e a partir de 2009, ganharam novas traduções, todas realizadas por Philippe Poncet, pela editora Folies D'Encre. Enquanto as duas primeiras obras permaneceram com o mesmo título, *Max et les chats* foi traduzido, desta vez, por *Max et les fauves* (2009). Poncet ainda realizou a tradução de dois romances inéditos de Scliar na França, *La Guerre de Bom Fim* (2010) [*A Guerra do Bom Fim* (1972)⁵⁶], e *Le Manuel de la passion solitaire* (2012) [*Manual da paixão solitária* (2008)⁵⁷], ambas pela editora Folies D'Encre. O autor ainda teve um romance publicado pela Albin Michel, *La femme qui écrivit la Bible* (2003) [*A mulher que escreveu a Bíblia* (1999)⁵⁸]. É importante sublinhar que Moacyr Scliar ganhou prêmios literários com quatro das obras traduzidas, foram eles⁵⁹:

- Prêmio Academia Mineira de Letras, em 1968, com *Carnaval dos animais* (1968).
- Prêmio Associação Paulista de Crítica de Arte (APCA), em 1980, com *O Centauro no jardim* (1980), na categoria Romance.
- Prêmio Jabuti, em 2000, com *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), na categoria Romance.
- Prêmio Jabuti, em 2009, com *O manual da paixão solitária* (2008), na categoria Romance e Ficção do ano.

A respeito das retraduições das obras de Moacyr Scliar, Philippe Poncet, o tradutor, afirma que a nova tradução de *Max e os felinos* (1981) [*Max et les fauves* (2009)] surgiu a partir do pedido do editor Jean-Marie Ozanne para que fosse realizada uma revisão da tradução anterior, *Max et les chats*, publicada pela editora Presse de la Renaissance, cuja edição já estava esgotada. Poncet afirma que, iniciando pela modificação do título, ao qual quis atribuir o sentido original, o tradutor terminou por modificar completamente a tradução

⁵⁶ MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, A guerra no Bom Fim. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/obras/romance/a-guerra-no-bom-fim/>>.

Acessado em: 09 de fevereiro de 2015.

⁵⁷ MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, Manual da paixão solitária. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/obras/romance/manual-da-paixao-solitaria/>>. Acessado em: 09 de fevereiro de 2015.

⁵⁸ MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, A mulher que escreveu a bíblia. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/obras/romance/a-mulher-que-escreveu-a-biblia/>>. Acessado em: 09 de fevereiro de 2015.

⁵⁹ MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, premiações literárias. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/sobre/premios/>>. Último acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

anterior. Nesse mesmo sentido, foram realizadas, posteriormente, as outras duas retraduições. De acordo com as declarações do tradutor, tudo indica que essas retraduições se deram, inicialmente, a partir da vontade do editor de reeditar as obras de Scliar, e depois, consequentemente, do interesse do próprio tradutor em refazê-las⁶⁰.

Bernardo Carvalho também se destaca como um dos autores mais traduzidos nesse período, com cinco de suas obras traduzidas. Das cinco traduções, quatro delas foram realizadas por Geneviève Leibrich, e publicadas pela editora Métailié, foram elas: *Mongolia* (2004) [(*Mongólia*, (2003)], *Neuf nuits* (2005) [(*Nove noites* (2002)], *Le soleil se couche à São Paulo* (2008) [(*O sol se põe em São Paulo* (2007))] e *Ta mère* (2010) [(*O filho da mãe* (2009)]. E uma delas, *Les initiales* (2002) [(*As iniciais* (1999))] publicada pela Éditions Rivages et Payot, foi efetuada por Maryvonne Lapouge-Pettorelli.

Bernardo Carvalho, ganhador de prêmios literários importantes com as obras *Mongólia* (2003) – prêmio APCA, em 2003, e *Jabuti*, em 2004, ambos na categoria Romance – e *Nove noites* (2002) – prêmio Portugal Telecom, em 2003 –, é um autor que tem sua qualidade literária reconhecida no sistema brasileiro. Beatriz Resende afirma, ao escrever sobre as obras do autor, que “se ainda coubessem classificações ou rótulos para um autor definitivamente consagrado como Carvalho, eu diria que se trata, por excelência, de um defensor da literatura de ficção [...]” (RESENDE, 2008, p. 90). O sistema francês parece compartilhar desse reconhecimento. As obras *Mongolia* (2004), *Le soleil se couche à São Paulo* (2008) e *Ta mère* (2010), foram publicadas apenas um ano após suas publicações no sistema fonte. Já os romances *Les initiales* (2002) e *Neuf nuits* (2005) demoraram um pouco mais, ambas tiveram um intervalo de três anos desde a publicação do original. Mesmo assim, a inserção de cinco romances entre 2002 e 2010 demonstra um interesse no autor, até porque, de acordo com os dados do Index Translationum, a França foi pioneira na tradução de obras de Bernardo Carvalho. Em 1997, a obra de contos *Aberração* (1993) [*Aberration : nouvelles*], e, em 1998, o romance *Os bêbados e os sonâmbulos* (1996) [*Les ivrognes et*

⁶⁰ PONCET, Philippe, Comment j’ai trahi Moacyr Scliar. Depoimento disponível em:

<<http://www.scliar.org/moacyr/multimedia/depoimentos/pponcet.pdf>>. Último acesso em 31 de janeiro de 2015. O texto também pode ser encontrado no livro *Tributo a Moacyr Scliar* / org. Zilá Bernd, Maria Eunice Moreira, Ana Maria Lisboa de Mello. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 219 p.

les somnambules], foram traduzidas por Maryvonne Lapouge-Pettorelli, pela editora Rivages et Payot.

Machado de Assis, como mencionado, teve quatro obras traduzidas, o que implica que ainda hoje desperte interesse no sistema receptor. Depois dele, aparecem Luiz Antônio de Assis Brasil, Milton Hatoum e Luiz Ruffato, cada um, com três obras traduzidas. As traduções de todas as três obras de Luiz Ruffato foram realizadas por Jacques Thiériot e publicadas pela editora Métailié. As obras em questão foram os três romances: *Tant et tant de chevaux* (2005) [*Eles eram muitos cavalos* (2001)], *Des gens heureux* (2007) [*Mamma, son tanto felice – Inferno Provisório Volume I* (2005)] e *Le monde ennemi* (2010) [*O mundo inimigo – Inferno Provisório Volume II* (2005)]. Todos os três romances foram vencedores de prêmios literários no Brasil. *Eles eram muitos cavalos* (2001) ganhou o prêmio APCA como melhor romance e o prêmio Machado de Assis como narrativa; *Mamma, son tanto felice* (2005) e *O mundo inimigo* (2005) ganharam o prêmio APCA como melhor ficção.

Dos três romances traduzidos de Milton Hatoum, dois foram publicados pela editora Actes Sud e um pela editora Seuil. Foi publicado pela Seuil, o romance *Deux frères* (2003) [*Dois irmãos* (2000)], cuja tradução foi realizada por Cécile Tricoire. *Dois irmãos* (2000) é o segundo romance de Hatoum, e ganhou, em 2001, o prêmio Jabuti de melhor romance, ou seja, são apenas dois anos de intervalo entre o prêmio e sua tradução. Pela editora Actes Sud, foram publicadas as obras: *Cendres d'Amazonie* (2008) [*Cinzas do Norte* (2005)] e *Orphelin de l'Eldorado* (2010) [*Órfãos do Eldorado* (2008)]. O romance *Cinzas do Norte* (2005) foi ganhador dos prêmios: Jabuti, APCA, Bravo! e Portugal Telecom. Traduzido por Geneviève Leibrich, a publicação original e tradução têm apenas três anos de intervalo. A obra *Órfãos do Eldorado* (2010) foi traduzida por Michel Riaudel e demorou apenas dois anos para ser traduzida. É importante mencionar também que Milton Hatoum já havia sido traduzido para o francês. Ganhador do prêmio Jabuti de 1990, seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente* (1989) [*Récit d'un certain Orient* (1993)], foi traduzido por Claude Fages e Gabriel Iaculli, e publicado pela editora Seuil.

O escrito gaúcho Luiz Antônio de Assis Brasil, assim como Milton Hatoum, teve suas obras publicadas por duas editoras diferentes. O romance *L'homme amoureux : tribulations d'un orchestre symphonique sous la dictature brésilienne* (2003) [*O homem amoroso* (1986)], primeira obra do autor traduzida para o francês, foi publicado pela editora L'Harmattan e fez parte de uma pequena coleção de cinco

obras de autores do sul do Brasil lançadas simultaneamente pela editora em 2003⁶¹. O romance foi traduzido por Elaine Penny, assim como as outras obras da coleção, com exceção da obra de Vítor Ramil, *Péquod* (2003) [*Pequod* (1999)], traduzido por Luciana Wrege-Rassier e Jean-José Mesguen. Os outros dois romances de Assis Brasil foram publicados pela editora Le temps de cerises: o romance histórico *Bréviaire des terres du Brésil - Une aventure au temps de l'Inquisition* (2005) [*Breviário das terras do Brasil* (1997)], traduzido por Celso Libânio e Dominique Olivier, e *Musique perdue* (2012) [*Música perdida* (2006)], traduzido por Vincent Gorse. Das obras traduzidas, a única que recebeu prêmios literários importantes foi *Música perdida* (2006). Em 2007, o romance foi o vencedor do Prêmio Copa de Literatura Brasileira, além de ser finalista do prêmio Jabuti. Apesar de suas outras duas obras não terem recebido prêmios importantes, o autor acumula premiações desde 1977, dentre as quais se destacam os prêmios: Érico Veríssimo (1988), Machado de Assis (2001) e Portugal Telecom (2004)⁶².

Nota-se que, no que se refere aos autores mais traduzidos nesse período de tempo, existe a recorrência de obras que se destacam por terem recebido prêmios literários importantes, assim como autores premiados em outros momentos, com outras obras, e obras que se caracterizam por alguns aspectos mais comerciais (e que também receberam prêmios), como os romances policiais de Garcia-Roza. Deste modo, é possível que haja um estreito vínculo entre esses dois fatores – premiações e mercado – e o interesse em tais autores.

3.2.4 Reforçando o imaginário coletivo

De acordo com nossas análises já apresentadas na seção 3.2.2, encontramos nas obras em prosa traduzidas entre 2000 e 2013 uma característica presente em 75% delas: eram obras cujos originais foram publicados nos anos 1990, 2000 e 2010. Ou seja, a tendência do sistema receptor nesse período, foi de traduzir obras produzidas recentemente no sistema fonte. Traçado esse primeiro panorama, buscamos então analisar características das obras traduzidas, a fim de encontrar (ou não) aspectos em comum entre elas, muito além de data original.

⁶¹ Ver seção 3.2.5, página 73.

⁶² BRASIL, Luiz Antônio de Assis, premiações literárias. Disponível em: <<http://www.laab.com.br/premios.html>>. Acessado em 23 de março de 2015.

Como já discutido no capítulo teórico e no início deste capítulo, é necessário que se contextualize o sistema em que as traduções são realizadas, para que se possa observá-las e analisá-las mais adequadamente. No caso do sistema receptor francês, foi necessário considerar o Brasil presente no imaginário coletivo, pois nosso intuito de mapear a literatura brasileira traduzida na França também traz a reflexão sobre a possibilidade de as escolhas das obras traduzidas terem sido guiadas pelo Brasil presente no imaginário francês, criando, assim, um reforço aos estereótipos já construídos, ou se as escolhas editoriais vão além dos clichês.

Ao analisar os dados sobre as traduções de obras em prosa realizadas no período de 2000 a 2013, percebemos, em várias delas, a presença de imagens relacionadas àquelas presentes no imaginário francês. Essas imagens poderiam ser colocadas em dois extremos, parafraseando Pierre Rivas, de um lado, a de um Brasil paradisíaco, e do outro, a de um Brasil infernal. Duas imagens distintas, mas que andam juntas, as faces de uma mesma moeda, um Brasil exótico, visão edênica tropical, e ao mesmo tempo um Brasil infernal, bárbaro, de algo que se encontra entre o civilizado e o primitivo.

Em várias obras encontramos presentes os estereótipos de violência. O termo violência, neste caso, compreenderia aquela presente nos centros urbanos, nas periferias, uma violência cotidiana, explícita e corriqueira, que não seria acessória da cidade, mas uma das próprias características desta. Talvez mais do que um estereótipo, a violência seria um estigma no que se refere ao Brasil. Encontramos ainda, juntamente às imagens de violência, outro estigma, o da pobreza, de miséria, das dificuldades sociais enfrentadas no país, temas de uma literatura que se produz atualmente no Brasil. De acordo com Karl Erik Schøllhammer (2011, p. 53) existe nos novos escritores brasileiros “a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos”.

Neste sentido, o Brasil é reduzido a seu lado obscuro. E é este hiper-realismo da crueldade humana que forma este conjunto de obras, do qual poderíamos citar autores como Patrícia Melo, que, segundo Schøllhammer, é “a mais fiel herdeira da prosa brutalista de Rubem Fonseca” (2011, p. 42), com seu romance *Enfer* (2001) [*Inferno* (2000)], cuja trama se passa numa favela do Rio de Janeiro, tendo como protagonista um menino pobre que se torna um poderoso traficante. Assim como Paulo Lins, com *La Cité de Dieu* (2003) [*Cidade de Deus* (1997)], cuja tradução foi reeditada várias vezes, o que denuncia seu

grande número de vendas. Ainda nesta linha é construída a obra traduzida *Manuel pratique de la haine* (2011) [*Manual prático do ódio* (2003)], de Ferréz. O romance se passa numa favela de São Paulo, e tem como pano de fundo a miséria e a violência. Essas marcas estão presentes na própria apresentação da obra no site da editora, na qual afirma que o romance “[...] revela com franqueza a brutalidade das favelas de São Paulo⁶³”.

Além do romance de Ferréz, essas representações do Brasil são facilmente encontradas nas obras traduzidas e publicadas pela editora Anacaona. Ainda nesse par miséria/violência, a editora traduziu e publicou a obra coletiva de contos *Je suis favela*⁶⁴ (2011) e o romance *Troupe d'élite 2* (2011) [*Elite da tropa 2* (2010)], tendo a favela e o crime como temas, mas nesta última, pela perspectiva da polícia. Uma das vozes da literatura marginal brasileira, Hosmany Ramos, também ganhou publicações francesas de suas obras. O autor teve duas de suas obras traduzidas pela editora Gallimard: *Marginalia* (2000) [*Marginália* (1987)] e *Pavillon 9 – Chemin de croix à Carandiru* (2005) [*Pavilhão 9 : paixão e morte no Carandiru* (2001)], ambas traduzidas por Michel Goldman.

O romance *Black Music*, de Arthur Dapieve, também traz em sua trama a violência como tema. No romance, um jovem americano é sequestrado e mantido refém numa favela do Rio de Janeiro. A obra *Black Music* (2012) [*Black Music* (2008)] foi traduzida por Philippe Poncet, pela editora Asphalte. Também publicado pela editora Asphalte, outro romance traduzido, que se destaca nesse conjunto de obras, é o do escritor paraense Edyr Augusto, *Belém* (2013) [*Os Éguas* (1998)], traduzido por Diniz Galhos. Numa espécie de romance policial, o autor trata de temas como corrupção, violência, pedofilia e tráfico, de uma cidade em decadência⁶⁵.

⁶³ “[...] révèle sans fard la brutalité des favelas de São Paulo”. ANACAONA, Manuel pratique de la haine. Disponível em http://www.anacaona.fr/boutique/manuel-pratique-de-la-haine_-polar_bresilien/ Último acesso em 1º de julho de 2014.

⁶⁴ Os contos já existiam em português, mas foram compilados para a edição francesa e publicados em português brasileiro, sob o título *Eu sou favela* em 2012.

⁶⁵ BOITEMPO EDITORIAL, Os éguas. Disponível em: <http://www.boitempoeditorial.com.br/v3/Titulos/visualizar/os-%C3%89guas>>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

Dentre essas obras que compartilham essas características de violência, pobreza, favela, enfim, esses estereótipos ligados ao Brasil, encontramos uma em particular que chamou a atenção, não pela história em si, mas pelas circunstâncias na qual foi traduzida. A obra em questão é a história de vida de Cidinha (Conceição Aparecida dos Santos Alvarenga), intitulada *Ni jour ni nuit ne nous séparent* (2010). Esta obra foi publicada em francês em 2010, no entanto, a obra só foi publicada no Brasil em 2011, sob o título *Não tem noite, não tem dia que separe*⁶⁶. O fato curioso nessa tradução, é que a própria obra foi originada pela tradutora Chantal Tiberghien – que além de traduzir, também editou a obra em francês. Tiberghien morou no Brasil por um tempo, e acabou conhecendo Cidinha. Interessada em sua história de vida, Tiberghien gravou em 17 fitas o relato de vida de Cidinha. Com a ajuda de Célia Neves, que transcreveu todo o conteúdo das fitas, Tiberghien traduziu e editou o texto final, resultando nessa biografia.

O que distingue e chama a atenção neste caso, é o fato de não haver uma obra anterior à tradução no sistema fonte. Não havia uma obra ocupando uma posição no sistema brasileiro, o original só é inserido ali, após a sua tradução e publicação no sistema francês, para daí ser publicado no Brasil, a partir das transcrições de Célia Neves. Ou seja, foi inserida no sistema alvo a tradução de uma obra que não possuía original correspondente no sistema fonte, e mesmo quando foi inserida, a obra permaneceu numa posição mais periférica. Mesmo não havendo um original anterior à tradução, não chega a ser o caso de uma pseudotradução, pois a tradução foi feita a partir do relato de Cidinha, embora, muito provavelmente, seu conteúdo tenha sido selecionado na hora da edição, ainda assim, é Cidinha que aparece como autora da obra.

Toury (2012), em sua teoria, afirma que o sistema receptor traduzirá aquilo que lhe faz falta, ou algo do qual possa tirar algum proveito. O caso da tradução da obra de Cidinha levanta a questão das motivações que levaram a obra a ser traduzida e, consequentemente, inserida no sistema alvo. Não pretendemos responder a essa questão, visto que esse tipo de investigação ultrapassa os limites dessa pesquisa, no entanto, é uma reflexão relevante a ser empreendida, a possibilidade de o imaginário francês ser um dos fatores que sugerem aquilo que será ou não traduzido, em alguns casos.

Assim como encontramos os estereótipos de violência urbana presentes em várias obras, em outras estavam presentes imagens ligadas

⁶⁶ CIDINHA, Não tem dia, não tem noite que separe. Disponível em: <<https://livrocidinha.wordpress.com/>>. Último acesso em 2 de março de 2015.

ao estereótipo exótico do Brasil. Aqui caberiam tanto as paisagens tropicais, a floresta amazônica, o Nordeste brasileiro, como as violências e dificuldades sociais dessas regiões. Um exemplo disso é o romance *Menino de Engenho*, publicado originalmente em 1932, de José Lins do Rêgo, considerado um dos maiores escritores regionalistas brasileiros. O romance já havia sido traduzido para o francês anteriormente, por Jeanne Worms-Reims, em 1953⁶⁷, no entanto, ganhou uma nova tradução em 2013, pelas edições Anacaona, que foi inserida na coleção Terra da editora, a qual compreende justamente obras que têm por tema a ruralidade brasileira. Mesmo se tratando de uma nova tradução, a obra traduzida em 2013 permaneceu com o título da tradução de 1953, *L'enfant de la plantation*.

As obras de Antônio Torres e Ronaldo Correia de Brito também se encaixam nesse conjunto de obras. O romance *Le chien et le loup* (2000) [*O cachorro e o lobo* (1997)], de Antônio Torres foi traduzido para o francês por Cécile Tricoire, e publicado pela editora Phébus – esta foi a única obra brasileira traduzida pela editora em nosso recorte temporal. É importante salientar que este romance de Torres retoma a região e o personagem de outro romance do autor, *Essa Terra* (1976), e é considerado pelo autor como sua continuação⁶⁸. A obra *Essa terra* foi traduzida para o francês em 1984, por Jacques Thiériot (Ed. Métailié), como *Cette terre*. Vale notar também – mesmo que reedições não façam parte da pesquisa – que o romance foi reeditado em 2002, pela editora Métailié, ou seja, dois anos após a publicação do romance que lhe dá continuação.

Ronaldo Correia de Brito, cujas obras são ambientadas no sertão nordestino, teve um romance traduzido em 2010, e uma obra de contos, em 2013. Seu romance *Galileia* (2008), vencedor do prêmio São Paulo de literatura em 2009, traduzido por Danielle Schramm como *Le don du mensonge* (2010), foi a única obra brasileira publicada pela editora Liana Levi, em nosso recorte temporal. Já a tradução de sua obra de contos *Le jour où Otacilio Mendes vit le soleil* (2013) [*Faca* (2003)], foi publicada pela editora Chandeigne e teve como tradutora Emilie Audigier. Ainda tendo como cenário o Nordeste brasileiro, a obra de Aleilton Fonseca foi publicada na França numa edição bilíngue

⁶⁷ Fonte utilizada foi o catálogo *Ouvrages brésiliens traduits en français*, de Estela dos Santos Abreu, presente nas referências bibliográficas.

⁶⁸ ANTÔNIO TORRES, resenhas sobre O cachorro e o lobo. Disponível em: <http://www.antoniotorres.com.br/resenha_ocachorro.html>. Acessado em 1º de fevereiro de 2015.

coeditada pelas editoras Lanore (francesa) e 7Letras (brasileira). Traduzida por Dominique Stonesco, a obra *Les marques du Feu et autres nouvelles de Bahia – As marcas do fogo e outras histórias* (2008), conta com seis contos, nos quais o autor trata da vida cotidiana de personagens moradores de diferentes cidades da Bahia. Na descrição da obra, no site da editora francesa, consta que o livro “reúne seis contos fortemente impregnados da cultura e do imaginário popular dos habitantes do nordeste brasileiro⁶⁹”. Não podemos negar o interesse francês pela região nordeste do Brasil, e a inserção no sistema francês de várias obras que tratam desta região do país, demonstram este interesse. Ao lado deste fato, encontra-se a inegável presença de Jorge Amado na França como referência de literatura brasileira – prova disso é que ainda hoje seus livros são reeditados no sistema francês⁷⁰ – e mais uma prova do interesse por essa região específica do país.

Ao lado dessas obras, encontramos outras que, ambientadas no Norte do país, carregam características do Brasil exótico presente no imaginário francês. O romance *Saraminda* (2002) [*Saraminda* (2000)] de José Sarney é um desses exemplos. A obra cuja história se passa num garimpo no Amapá, e é repleta de sensualidade, foi traduzida por Monique Le Moing e publicada pela La Table Ronde. O romance de Marçal Aquino, traduzido pela editora Anacaona, *L’océan dans lequel j’ai plongé sans savoir nager* (2012) [*Eu receberia as piores notícias de seus lábios* (2005)], é outro exemplo que, ao lado de *Saraminda*, destaca-se pela sensualidade e violência presentes na trama. Paula Anacaona, tradutora e editora, declara, ao apresentar a obra: “Um romance sublime e sedutor... Beleza, brutalidade, sensualidade e poesia. Toda violência amazonense está na narrativa desse triângulo amoroso⁷¹”. Ou seja, na própria apresentação da obra, as características

⁶⁹ “[...] réunit six nouvelles fortement imprégnées de la culture et de l’imaginaire populaires des habitants du Nordeste brésilien”. ÉDITIONS FERNAND LANORE, *Les marques du Feu et autres nouvelles de Bahia*. Disponível em: <<http://www.fernand-lanore.com/cc/litterature/EkFIVAVylEVvolfaqH.shtml>>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

⁷⁰ Como já argumentamos, reedições não fazem parte da pesquisa e não foram incluídas nos dados. No entanto, como nos deparamos com essas informações durante a pesquisa, tal fato não pôde ser ignorado, contando assim como uma informação adicional ao trabalho.

⁷¹ “Un roman sublime et séducteur... Beauté, brutalité, sensualité et poésie. Toute la violence amazonienne est dans le récit de ce triangle amoureux”. ANACAONA, *L’océan dans lequel j’ai plongé sans savoir nager*. Disponível

de um Brasil exótico são expostas. Traduzido em 2012, este romance de Marçal Aquino contou com o apoio do programa da FBN de incentivo à tradução.

Ainda ambientadas no Norte do país, as obras de Milton Hatoum são outro exemplo relacionado às imagens do Brasil exótico presentes no imaginário coletivo que podemos citar. De acordo com Schøllhammer, as obras de Hatoum foram “cunhadas em torno do resgate narrativo da identidade específica da região do Amazonas, vivificando sua rica história e cultura” (2011, p. 86-87). Além de tratar da cultura amazonense, o autor ainda trata da questão do imigrante, visto que, embora Hatoum tenha nascido no Amazonas, sua família é de origem libanesa. Ao descrever a prosa de Hatoum, Schøllhammer afirma que:

De certa maneira, encontramos nos romances de Hatoum o regionalismo amazonense, que sobreviveu nas décadas de 1970 e 1980 por intermédio dos livros de Márcio Souza (...), em confluência com um memorialismo familiar, resgatando a história dos emigrantes árabes no Brasil, e dialogando com as obras de Raduan Nassar e Salim Miguel, entre outras. (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 88)

Saindo do campo da ficção, encontramos duas obras publicadas pela editora Métailié que chamam a atenção por seu tema. Tratam-se das obras da antropóloga Betty Mindlin, que têm por tema mitos, cotidiano e cultura de povos indígenas com os quais conviveu. As obras publicadas pela editora francesa foram: um diário, *Carnets sauvages* (2008) [*Diários da floresta* (2006)], traduzido por Meei Huey Wang, que narra o período em que conviveu na aldeia dos Suruí Païter; e a obra de mitos indígenas, escrita conjuntamente com narradores indígenas, *Fricassée de maris* (2005) [*Moqueca de Maridos* (1997)], traduzida por Jacques Thiériot.

Vale ressaltar que esse trabalho não tem nenhuma intenção de analisar e julgar a literatura brasileira contemporânea, os temas das obras, ou seus objetivos. A discussão a respeito de algumas características presentes nas obras tem por finalidade promover a reflexão a respeito da literatura brasileira traduzida na França e sua

estreita relação, ou não, com o Brasil presente no imaginário francês. E a esse respeito, encontramos em várias obras imagens que suscitam aquele Brasil do imaginário francês, no entanto, ao contrário das seções anteriores, não apresentamos aqui um número exato de obras vinculadas a essas características, uma vez que não nos aprofundamos em cada uma das obras, sendo a presente análise proveniente de entrevistas, artigos, resenhas e sinopses das obras.

Não podemos atribuir às escolhas editoriais unicamente o fato de as imagens presentes nas obras irem ou não de acordo com o universo ‘de espera’ do leitor francês, e ignorar as qualidades literárias de autores como Milton Hatoum, por exemplo, ganhador de prêmios literários importantes e ao qual se soube dar o devido reconhecimento. Contudo, com base no fato de que as estratégias comerciais no mundo editorial não podem deixar de ser consideradas – salvo as editoras que tem por fio condutor uma política não comercial – e que, segundo as ideias de Rivas (2006, p. 134-135), de modo geral, as expectativas do leitor francês giram em torno dessas imagens redutoras do Brasil construídas ao longo dos tempos, a hipótese de que as imagens de um Brasil exótico e estigmatizado tenham influenciado, de alguma forma, a escolha de algumas obras a serem traduzidas, é perfeitamente plausível, visto que várias obras apresentam essas características.

No entanto, a despeito do fato de que estas representações de Brasil ligadas a estereótipos estejam presentes em várias das obras que foram traduzidas na França nos últimos anos, não são unicamente estas imagens que caracterizam a literatura brasileira traduzida. Pelas nossas análises, várias outras características foram encontradas nas obras, demonstrando que a literatura brasileira inserida no sistema francês no período de 2000 a 2013 vai muito além das representações de Brasil do imaginário francês.

3.2.5 Além do imaginário

Rivas afirma, em seu artigo *Matériaux pour une étude de la réception de la littérature brésilienne en France*⁷², que a literatura brasileira divulgada na França não corresponde à geografia do país.

⁷² RIVAS, Pierre. “Matériaux pour une étude de la réception de la littérature brésilienne en France”. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro: Abralic, n. 9, 2006, pp. 129-139.

Assim, sustenta a ideia de que a cartografia literária brasileira traduzida na França se restringe às regiões do Nordeste e da Amazônia, as quais habitam o imaginário francês. No entanto, a análise de nossos dados nos mostra outra figura. Muitos autores do sul, assim como do sudeste do país, foram traduzidos, com destaque para Moacyr Scliar, um dos autores mais traduzidos no período delimitado.

Muito longe das representações comumente atribuídas à cultura brasileira, Scliar traz em suas obras suas referências judaicas, assim como, em algumas, a condição do imigrante no Brasil, e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul. Portanto, as obras de Moacyr Scliar traduzidas (e retraduzidas) na França trazem várias referências alheias àquelas estereotipadas concernentes ao Brasil. Além de Scliar, outros autores traduzidos nesse período também têm obras que remetem às questões do imigrante no Brasil, assim como a outras culturas. Podemos citar, por exemplo, o autor Alberto Mussa, que teve duas obras publicadas pela editora Anacharsis, *L'énigme de Qaf* (2010) [*O enigma de Qaf* (2004)], traduzida por Vincent Gorse, e *Le mouvement pendulaire*⁷³ (2011) [*Movimento pendular* (2006)], traduzida por Stéphane Chao. Suas obras apresentam um distanciamento das imagens que são associadas ao Brasil, tratando de outras culturas, assim como *Mongolia* (2004) [*Mongólia* (2003)], de Bernardo Carvalho. Outras obras trazem à tona a questão de imigrantes no Brasil, como a obra de contos, *Ce qui est arrivé est arrivé*⁷⁴ (2005) [*O que aconteceu, aconteceu* (2000)], de Jacó Guinsburg; ou os romances de Ronaldo Wrobel, *Traduire Hannah*⁷⁵ (2013) [*Traduzindo Hanna* (2010)] e Tatiana Salem Levy, *La clé de Smyrne*⁷⁶ (2011) [*A chave da casa* (2007)].

Um caso especial, já citado, é o do autor Paulo Coelho. Suas obras apresentam uma neutralidade típica de *best-sellers*. É como se suas obras pairassem num terreno internacional, em que conseguem ser assimiladas por diversas culturas, é como se não carregassem uma identidade cultural em seus escritos. Desta forma, o autor é traduzido e

⁷³ Esta obra foi traduzida com ajuda do programa da FBN de apoio à tradução.

⁷⁴ Obra publicada pela editora Caractères, em 2005. A tradução foi realizada por Monique Le Moing.

⁷⁵ A tradução do romance de Wrobel, *Traduire Hannah*, foi realizada com o apoio do programa da FBN de incentivo à tradução. A obra foi publicada pela editora Métailié e traduzida por Sébastien Roy, em 2013.

⁷⁶ Obra traduzida por Meei-Huey Wang e publicada pela editora Buchet Chastel, em 2011.

editado em diversos países, sendo um fenômeno mundial de vendas. Apesar de o autor ser brasileiro, ao que tudo indica, não parece haver um vínculo entre sua obra e sua nacionalidade brasileira. Desta forma, é como se este autor, em especial, se encontrasse nos limites do subsistema de literatura brasileira traduzida, mas que formasse um conjunto isolado, cujas obras ocupam posições bem distintas das de outros autores.

Obras de autores como Machado de Assis, cuja singularidade literária é incontestável, e que teve traduções inéditas neste recorte temporal, ou Clarice Lispector, com sua qualidade literária reconhecida na França, considerada uma grande escritora, ocupam posições distintas daquelas citadas.

Clarice Lispector ocupa uma posição diferenciada de outros autores neste subsistema. No período de 2000 até 2013, algumas obras de contos infantis da autora receberam traduções inéditas, além de uma releitura da publicação de 1984, *La belle et la bête – suivi de – Passion des corps* (2012) [*A bela e a fera* (1979) – seguida de – *A via crucis do corpo* (1974)] a autora ainda teve publicada, em 2010, uma obra que reúne suas correspondências – entre 1941 e 1975 – *Le seul moyen de vivre*, pela editora Rivages. Apesar do caráter infantil de algumas obras traduzidas, deve-se considerar que, muito provavelmente, elas não foram traduzidas visando o público infantil, mas por serem escritos de Clarice Lispector. O que corrobora esta hipótese é o fato de estes contos infantis terem sido traduzidos (e introduzidos no sistema literário francês) pela editora Des Femmes⁷⁷. Outro dado importante em relação à autora, é que, em 2003, foi traduzida e publicada uma biografia sua, escrita por Olga Borelli, *Clarice Lispector : d'une vie à l'oeuvre* (2003) [*Clarice Lispector – esboço para um possível retrato* (1981)] pela editora Eulina Carvalho, indício de seu reconhecimento literário no sistema receptor, uma vez que existe um interesse não só na obra, mas também na vida da autora.

Ao lado de Machado de Assis e Clarice Lispector, poderíamos citar um conjunto de autores que apresentam características ímpares, sendo reconhecidos como grandes escritores, não apenas no sistema fonte, mas internacionalmente, autores que gozam de reconhecimento literário e que, ao que tudo indica, passam um tanto longe daquele Brasil

⁷⁷ Ver seção 3.3, sobre o perfil das editoras.

literário do imaginário francês⁷⁸, como, por exemplo, Nelida Piñon, ou Hilda Hilst.

Outro tema presente em algumas obras traduzidas e que não corresponde exatamente aos estereótipos, foi o período de ditadura militar no Brasil. Percebe-se um interesse pelo tema nesse período de 2000 a 2013, uma vez que os originais das obras em questão foram publicados nas décadas de 1990, 1980, 1960. Como o romance de Roberto Drummond, *Sang de Coca-cola* (2008) [*Sangue de coca-cola* (1980)], escrito na década de 1980, em que, por meio de uma narrativa, de certo modo, fantástica, traz à tona memória e denúncia deste período obscuro do país, o qual foi a ditadura militar⁷⁹.

Na obra de Salim Miguel, *Brésil Avril 1964: la dictature s'installe* (2007) [*Primeiro de Abril, Narrativas da cadeia* (1994)], o autor traz a memória de seus 48 dias na cadeia, em que narra desde a aflição de interrogatórios e torturas à relação com seus companheiros de cela⁸⁰. Outra obra traduzida nesse período e que trata do tema da ditadura no Brasil, é o romance de Carlos Heitor Cony, *La traversée* (2009) [*Pessach: a travessia* (1967)], traduzido por Philippe Poncet e publicado pela editora Folies d'encre.

⁷⁸ Quando dizemos que estes autores têm reconhecimento literário, não queremos dizer que os que apresentam aquelas características do imaginário não tenham qualidade literária. Aqui as obras são descritas de acordo com as regularidades que apresentam. Como se percebe uma procura por aquela imagem de Brasil criada no exterior, parte das obras apresentam estas características. Assim, quando escritores que não apresentam tais imagens são traduzidos, há indícios de que tenham sido traduzidos por sua singularidade literária, ou até por ocuparem lugar de prestígio no sistema fonte, visto que é perceptível que o sistema alvo também considera o sistema do original e a posição que a obra ocupa dentro de seu sistema literário.

⁷⁹ MACHADO, Luiza Pires. O ar que cheira a lança-perfume: representação, história e memórias em *Sangue de Coca-cola* de Roberto Drummond. 2011. 23 f.. Monografia. Instituto de Letras. Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2800/6/2011_LuziaPiresMachado.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

⁸⁰ RASSIER, Luciana. Salim Miguel, um dos intelectuais mais completos da história do Estado e do país, chega aos 90 anos. *Diário Catarinense*, 31 de janeiro de 2014. Disponível em:

<<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2014/01/salim-miguel-um-dos-intelectuais-mais-completos-da-historia-do-estado-e-do-pais- chega-aos-90-anos-4405887.html>>. Acessado em: 31 de janeiro de 2015.

Assim como obras que retratam o período da ditadura no país, outras também se caracterizam, de certo modo, por retratar momentos históricos do país. É o caso do romance histórico de Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, *Jean-Maurice de Nassau – prince et corsaire* (2007) [*Príncipe e corsário* (2004)], que trata da presença de Jean-Maurice de Nassau no estado de Pernambuco, de 1637 a 1644, e assim, “oferece um importante panorama dos primórdios da colonização brasileira⁸¹”. O romance foi traduzido para o francês por Monique Le Moing e publicado pela editora L’Harmattan.

A editora J. C. Lattès também publicou uma obra que traz fatos históricos em sua narrativa, trata-se do romance de Leticia Wierzchowski, *La maison des sept femmes* (2013) [*A casa das sete mulheres* (2002)], traduzido por Danielle Schramm. Neste romance, a autora coloca como pano de fundo para sua narrativa a Revolução Farroupilha, do sul do Brasil, em 1835.

O romance de Dirce de Assis Cavalcanti, *Le Père* (2002) [*O pai* (1990)], traduzido por R. Hime et C. Hugon, pela editora Eulina Carvalho, também traz em sua narrativa, de certa forma, fatos históricos. No romance autobiográfico, Cavalcanti relata sua relação com o pai, Dilermano de Assis, o militar que desferiu os tiros que mataram um dos maiores escritores da literatura nacional, Euclides da Cunha, e apresenta sua versão para o trágico acontecimento⁸².

Ganhador do prêmio MEET (Maison des Écrivains Étrangers et des Traducteurs de Saint-Nazaire), o romance de Antônio Dutra, *Jours de Faulkner* (2008) [*Dias de Faulkner* (2008)], também se serve de fatos históricos para sua narrativa. Neste romance, uma São Paulo dos anos 1950, historicamente bem ambientada, serve de pano de fundo para o tema principal da obra, que é a visita do escritor William Faulkner à cidade⁸³. Assim, em torno da vinda do escritor, além da situação

⁸¹ Citação de parte da descrição da obra. RELATIVA LIVRARIA, Príncipe e corsário. Disponível em:

<http://www.relativa.com.br/livros_template.asp?Codigo_Produto=46005&Livro=Principe-e-Corsario&Autor=MARIA-CRISTINA-CAVALCANTI-DE-ALBUQUERQUE-#>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

⁸² ATELIÉ EDITORIAL, O pai. Disponível em:

<<http://www.atelie.com.br/livro/o-pai>>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

⁸³ LIVRARIA IMPRENSA OFICIAL, Dias de Faulkner. Disponível em:

<<http://livraria.imprensaoficial.com.br/dias-de-faulkner-2709.html>>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

histórica de São Paulo, Antônio Dutra também retrata alguns importantes intelectuais brasileiros da época⁸⁴.

Assim como Antônio Dutra, outros autores se serviram da própria literatura como tema para suas obras, como Luis Fernando Veríssimo, com *Borges et les Orangs-outangs éternels*⁸⁵ (2004) [*Borges e os orangotangos eternos* (2000)], em que ficciona o grande escritor argentino, Jorge Luis Borges⁸⁶. É o caso também de Adriana Lunardi, ao escrever sobre a morte de escritoras famosas, como Virginia Woolf e Clarice Lispector. Sua obra de contos, *Vésperas* (2005) [*Vésperas* (2002)], foi traduzida por Maryvonne Lapouge-Pettorelli e publicada pela editora Joelle Losfeld. No mesmo ano de 2005, ainda pela editora J. Losfeld, foi traduzida a obra de Giselda Leirner, *La fille de Kafka* [*A filha de Kafka* (1999)]. No conto que dá nome à obra, a autora também encontra inspiração na própria literatura para sua narrativa, mesclando ficção e realidade ao criar uma troca de cartas entre pai (Kafka) e filha, seguindo, assim, a mesma linha das obras citadas anteriormente.

Além de Moacyr Scliar, vários autores do sul do Brasil foram traduzidos na França nesse período. A Editora José Corti, por exemplo, publicou autores do sul do país: quatro obras, no total, uma obra de contos e outra de crônicas de Caio Fernando Abreu, e um diário e uma obra de contos de Harry Laus, inclusive, na descrição dessa última, Claire Cayron, sua tradutora, declara que a estranheza presente na obra do autor é completamente alheia a qualquer exotismo tropical⁸⁷.

As traduções do autor Harry Laus na França são um caso singular. A tradutora de suas obras para o francês, Claire Cayron, foi de fundamental importância não só para o autor, como amiga e correspondente literária, mas para a divulgação de sua obra. Zahidé

⁸⁴ LU FERNANDES, Antonio Dutra lança “Dias de Faulkner” em São Paulo nesta quinta-feira (16). Disponível em: <<http://www.lufernandes.com.br/2010/releases/antonio-dutra-lanca-dias-de-faulkner-em-sao-paulo-nesta-quinta-feira-16/>>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

⁸⁵ Obra traduzida por Geneviève Leibrich e publicada pela editora Seuil.

⁸⁶ MILREU, Isis. Quando o relato é o principal suspeito: Uma leitura de Borges e os orangotangos eternos de Luis Fernando Veríssimo. *Miscelânea*, Assis, vol.9, jan./jun.2011, p. 42-57. Artigo disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/Artigo_03_IsisMilreu.pdf>. Último acesso em: 23 de abril de 2015.

⁸⁷ CAYRON, Claire. Harry Laus, Archives des bons morceaux. Disponível em: <<http://www.jose-corti.fr/titresiberiques/archives-bons-morceaux.html>>. Último acesso em 22 de julho de 2014.

Lupinacci Muzart afirma em seu artigo, *Crônica de uma literatura anunciada: a correspondência de Harry Laus*⁸⁸, que a tradução *Les jardins du Colonel* (1992) [*Papeis do coronel* (1997)], a qual precede a publicação brasileira, foi o que “impulsionou a editora UFSC a também publicar o romance”. De acordo com Muzart (2011), Cayron não compreendia o porquê de o autor ser ignorado no Brasil, dada sua qualidade literária. Lê-se ainda no blog do autor⁸⁹, criado em sua homenagem e memória, que “sua obra literária é reverenciada na França e pouco conhecida no Brasil”. De acordo com a apresentação sobre Harry Laus escrita pela própria tradutora no site das edições José Corti, a editora está em processo de tradução da obra integral do autor. Em 2001, foi publicada a obra de contos *Les archives de bons morceaux : nouvelles*, e no ano 2000, a obra *Journal absurde*⁹⁰.

Ainda no que se refere à literatura do sul do país, a editora L’Harmattan publicou, em 2003, simultaneamente, cinco obras. Um artigo publicado pelo jornal *Le Monde* menciona as publicações e ainda qualifica o sul como uma região onde se lê muito, e da qual surgiram autores de qualidade, mundialmente reconhecidos⁹¹.

O que percebemos de nossas análises é que a literatura brasileira traduzida na França parece estar, ainda hoje, em algum grau, vinculada a imagens de estereótipos, já que várias obras traduzidas carregam temas ligados ao Brasil do imaginário coletivo francês. No entanto, de acordo com as análises de nosso corpus, o que surpreende é

⁸⁸ MUZART, Zahidé Lupinacci. *Crônica de uma literatura anunciada: a correspondência de Harry Laus*. Verbo de Minas, Juiz de Fora, v. 11, n. 19, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2019/08_ZAHIDE.pdf>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2015.

⁸⁹ MEMORIAL HARRY LAUS. Disponível em: <<http://harrylausvivo.blogspot.com.br/>>. Último acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

⁹⁰ De acordo com o catálogo de Estela dos Santos Abreu (2008, p. 92), a obra *Les archives de bons morceaux : nouvelles*, foi traduzida a partir de uma seleção de contos, portanto, não há referência à data do original. Já a obra *Journal absurde*, de acordo com Abreu (2008, p.93), foi traduzida a partir de *Do amor banido* (sem data) e de contos extraídos de *Caixa d’Aço* (1989).

⁹¹ SOUBLIN, Jean. *La fierté de la mouche*, d’E. T. Lisboa. *Le Monde*, 18 de julho de 2003. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/archives/article/2003/07/18/la-fierte-de-la-mouche-d-e-t-lisboa_4276833_1819218.html?xtmc=e_t_lisboa&xtcr=2>. Último acesso em: 4 de março de 2015.

que muitas obras e autores se distanciam dessas representações de Brasil. Essas obras trazem temas como: imigrantes no país ou outras culturas, momentos históricos alheios a imagens exóticas, algumas obras também fazem referência à região sul do país, distanciando-se da geografia restrita ao nordeste, em torno da qual, segundo Rivas (2006, p. 131), circundaria o interesse francês. Deste modo, essas obras e autores apresentam um Brasil distinto daquele do imaginário francês e demonstram um interesse na literatura brasileira que vai além de estereótipos.

3.3 PERFIL DAS EDITORAS

Uma das questões fundamentais para que se possa desenhar um panorama geral da literatura brasileira traduzida na França é *quem* a publica, *quem* a insere no sistema alvo. Portanto, é necessário traçar os perfis das editoras que a publicam/traduzem e verificar se há, ou não, regularidades. Saber as vias pelas quais esta literatura chega ao sistema receptor e as características de quem a divulga, é um ponto crucial para se compreender a posição da literatura brasileira dentro do sistema literário francês, ou mesmo para encontrar indícios que colaborem com esta investigação.

Ao analisar os dados levantados, chegamos a um total de 58 editoras francesas que publicaram literatura brasileira dentro de nosso recorte temporal, do ano 2000 a 2013. Os dados nos mostram que as editoras que traduzem e publicam literatura brasileira na França não se resumem a uma única característica, seus perfis são bem diversificados, vão desde grandes editoras, como a Gallimard, a editoras pequenas e de contracultura, como a editora Asphalte.

A editora Métailié é, sem dúvida, um agente de grande importância na divulgação da literatura brasileira na França. Fundada em 1979, a editora possui um catálogo composto, basicamente, de literatura estrangeira, e, segundo consta em sua descrição, 84% de seus autores são, num primeiro momento, desconhecidos internacionalmente, até serem publicados⁹². Dentro de nosso recorte temporal, a editora publicou 19 obras de literatura brasileira em prosa, das quais 15 romances. Em seu catálogo constam autores como Machado de Assis,

⁹² ÉDITIONS MÉTAILIÉ. Disponível em: <<http://editions-metailie.com/la-maison/>>. Último acesso em: 19 de maio de 2015.

Bernardo Carvalho, Adriana Lisboa, Lya Luft, Luiz Ruffato, etc. Abaixo a lista das obras publicadas pela editora:

- Machado de Assis: *La Théorie du médaillon et autres contes*, 2002, trad. Florent Kohler

- Bernardo Carvalho: *Mongolia*, 2004, trad. Geneviève Leibrich.

Neufs nuits, 2005, trad. Geneviève Leibrich.

Le soleil se couche à São Paulo, 2008, trad. Geneviève Leibrich.

'Ta mère, 2010, trad. Geneviève Leibrich

- Tabajara Ruas: *La Fascination*, 2005, trad. Geneviève Leibrich.

- Betty Mindlin: *Fricassée de maris*, 2005, trad. Jacques Thiériot

Carnets sauvages, 2008, trad. Meei Huey Wang

- Luiz Ruffato: *Tant et tant de chevaux*, 2005, trad. Jacques Thiériot

Des Gens heureux, 2007, trad. Jacques Thiériot

Le Monde ennemi, 2010, trad. Jacques Thiériot

- Lya Luft: *Pertes et profits*, 2005, trad. Geneviève Leibrich

- Maria Valéria Rezende: *Le Vol de l'Ibis rouge*, 2008, trad.

Léonor Baldaque

- Cristóvão Tezza: *Le fils du printemps*, 2009, trad. Sébastien Roy

Roy

- Mário Sabino: *Le jour où j'ai tué mon père*, 2009, trad.

Béatrice de Chavagnac

- Adriana Lisboa: *Des roses rouge vif*, 2009, trad. Béatrice de Chavagnac

Chavagnac

Bleu corbeau, 2013, trad. Béatrice de Chavagnac

- João Almino: *Hôtel Brasília*, 2012, trad. Geneviève Leibrich

- Ronaldo Wrobel: *Traduire Hannah*, 2013, trad. Sébastien Roy

A editora que teve mais títulos traduzidos, ao lado da Métailié, neste período, foi a Yvélinédition (François Baudez Éditions), com 19 obras literárias. A editora conta com uma coleção chamada Divine Éditions, criada em 1995, cujo objetivo é fomentar as trocas culturais entre Brasil e França. Ainda que a editora conte com várias obras brasileiras, poucas são de um só autor, com isso queremos dizer que a grande maioria das obras é de antologias. Aliás, algumas obras, de acordo com suas descrições, englobam numa só publicação contos, poemas, ensaios, o que cria um obstáculo para a análise. Outro

obstáculo encontrado nas publicações dessa editora é o fato de algumas delas não serem apresentadas como traduções, além de não disporem de nenhuma informação mais aprofundada e não constarem nem no catálogo da Bibliothèque Nationale de France, nem no wordcat.org. Logo, retiramos três obras dos dados, por não sabermos ao certo se estávamos diante de traduções ou não. Dessas 19 traduções, apenas três são romances, nove são antologias poéticas e sete são descritas como antologias, mas sem muitos detalhes, algumas delas dizem contar com poetas, contistas, e ensaístas.

A editora Actes Sud publicou, ao todo, 16 obras, e foi a terceira editora que mais traduziu literatura brasileira. De acordo com a descrição em seu site, a editora “se distingue por uma abertura à literatura estrangeira”⁹³. Dentre os títulos traduzidos, temos basicamente romances policiais, 12, no total, seis de Patrícia Melo, cinco de Alfredo Garcia-Roza e um de Tony Bellotto; além de dois romances de Milton Hatoum e um livro de contos de Luiz Schwarcz. No catálogo consta também uma obra de João Paes Loureiro, *Au-delà du meandre de ce fleuve : fable*, de 2002, cujas informações como título e ano do original, descrição da obra, ou gênero, não foram encontradas.

Embora reconheçamos a visibilidade proporcionada à literatura brasileira por editoras como Métailié, Actes Sud, por abrigar em seu catálogo um número bastante significativo de obras brasileiras – se compararmos às outras editoras – não podemos resumir as editoras e sua importância a uma análise quantitativa. As editoras Gallimard e Flammarion, por exemplo, lançaram oito e sete títulos, respectivamente. No entanto, as referidas traduções expressam, cada uma delas, uma relação muito diferente com a literatura brasileira. Assim, os sete títulos lançados pela Flammarion, são constituídos por obras do autor Paulo Coelho e, como já discutimos, as obras deste autor são um caso especial em relação às outras obras de literatura brasileira. Já a editora Gallimard lançou cinco romances, dois de Chico Buarque, um de Paulo Lins, um de Aguinaldo Silva e um de Daniel Galera; assim como três obras de contos, uma de Raduan Nassar e duas de Hosmany Ramos. Ou seja, as duas editoras estão muito próximas em número de publicações de obras brasileiras, no entanto, enquanto a Flammarion limitou-se a publicar obras de um único autor – sendo este ainda um escritor de *best-sellers*, cujas obras refletem certa neutralidade em relação a sua origem

⁹³ ACTES SUD. Présentation de la maison. Disponível em: <<http://www.actes-sud.fr/pr%C3%A9sentation>>. Último acesso em: 07 de janeiro de 2014.

brasileira –, a Gallimard lançou obras de autores representativos da literatura brasileira.

Além da Métailié, a editora Chandeigne também desempenha um papel fundamental na publicação de literatura brasileira na França. Voltada para a publicação e tradução de literaturas provenientes de países de língua portuguesa⁹⁴, a editora traduziu 12 títulos, desde 2000, que contam com prosa e poesia, com destaque para uma antologia bilíngue de poesia brasileira do século XVI ao século XX, com 1512 páginas, realizada com ajuda do programa da FBN de apoio à tradução, e publicada no ano de 2012. Assim como a Chandeigne, a editora Eulina Carvalho, dedicava-se à tradução de obras brasileiras e portuguesas⁹⁵, a editora encerrou suas atividades em 2013. Publicou, ao todo, seis obras, entre elas uma antologia de poesia brasileira, *Anthologie de la poésie romantique brésilienne*, em 2002. Somam-se à lista mais três obras de poesia, duas de Neide Archanjo e uma de Ferreira Gullar; uma romance de Dirce de Assis Cavalcanti, *Le Père*; e uma biografia de Clarice Lispector, escrita por Olga Borelli.

Outra editora que se aproxima da Chandeigne, na questão de número de traduções, é a L'Harmattan. Podemos citar, dentre seus 12 títulos publicados, autores como Vitor Ramil, Salim Miguel, Nei Lisboa, além de uma obra de poesia, de Pedro Lyra. A editora publicou, em 2003, simultaneamente, cinco obras de autores do sul do Brasil.

Com um número não tão considerável quanto as editoras citadas anteriormente, a editora Des Femmes aparece em nosso recorte temporal com cinco obras publicadas. A editora foi fundada em 1973 com o objetivo de publicar literatura feita por mulheres, carregando um nome de importância neste campo, muitas autoras encontraram reconhecimento a partir desta editora. As brasileiras publicadas sob este selo ocupam lugar de prestígio no sistema fonte, são escritoras reconhecidas, que já são traduzidas há anos na França. Segundo as palavras da própria fundadora da Des Femmes, Antoinette Fouque: “[...] as edições Des Femmes se empenharam em divulgar a obra ficcional de

⁹⁴ ÉDITIONS CHANDEIGNE. Disponível em:

<<http://www.editionschandeigne.fr/>>. Último acesso em: 15 de julho de 2014.

⁹⁵ UNESCO. Éditions Eulina Carvalho. Disponível em:

<http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php-URL_ID=8460&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Último acesso em: 17 de julho de 2014.

Lou Salomé, assim como a obra integral de grandes autoras brasileiras, como Clarice Lispector e Nelida Piñon [...]”⁹⁶.

Enquanto algumas editoras – como Métailié e Chandeigne, por exemplo – publicaram um número considerável de nossa literatura neste período de 2000 a 2013, várias outras editoras aparecem como tendo traduzido/publicado um volume pequeno de obras brasileiras. Assim, embora a literatura brasileira traduzida possa ser encontrada em grandes editoras, como é o caso da Gallimard e da L’Harmattan, inclusive em número bem significativo, outras grandes editoras, como a Albin Michel traduziram pouquíssimas obras, e de forma bem seleta. No caso da editora Albin Michel, uma única obra foi publicada dentro de nosso recorte temporal: *La femme qui écrivit la Bible* (2003) [*A mulher que escreveu a Bíblia* (1999)], de Moacyr Scliar, ganhadora do prêmio Jabuti de 2000⁹⁷. Neste mesmo sentido, as editoras Stock e Fayard publicaram, cada uma, uma única obra de literatura brasileira, neste período. A Stock publicou, em 2005, o romance *Les pensionnaires* (2005) [*As meninas* (1973)], de Lygia Fagundes Telles, prestigiada escritora brasileira. E em 2008, a editora Fayard publicou o romance de Roberto Drummond, *Sang de Coca-cola* (2008) [*Sangue de coca-cola* (1980)], em sua coleção *Fayard Noir*.

Várias das editoras que traduziram as obras que discutimos aqui são pequenas e muitas delas têm como principal intuito o de publicar literatura estrangeira, como é o caso da editora Anacharsis, que publicou dois romances de Alberto Mussa. É o mesmo caso da editora Books éditions, fundada em 2012, cujo catálogo conta com pouquíssimas obras, e dentre as quais aparece um romance de Rubens Figueiredo, *Passager de la fin du jour* (2013) [*Passageiro do fim do dia* (2010)]. Podemos adicionar a esta lista a editora Deux Terres, fundada em 2003, cuja política editorial propõe a publicação de obras estrangeiras, a editora publicou dois romances de Jô Soares; assim como a editora Phébus, cujo catálogo se apoia em obras estrangeiras, e no qual

⁹⁶ “[...] les éditions Des Femmes ont entrepris de faire connaître l'oeuvre de fiction de Lou Andréa Salomé, ou l'intégralité de l'oeuvre de grands auteurs brésiliens comme Clarice Lispector et Nélida Pinon [...]”. FOUQUE, Antoinette. Les éditions *des femmes*. Disponível em: <<http://www.desfemmes.fr/wp-content/uploads/2014/11/editions-des-femmes-historique.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro 2014.

⁹⁷ MOACYR SCLIAR SITE OFICIAL. Premiações literárias. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/sobre/premios/>>. Último acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

encontra-se uma obra de Antônio Torres, *Chien et loup* (2000) [*O cachorro e o lobo* (1997)].

A editora Buchet Chastel, fundada em 1936, também publicou apenas uma obra: o romance de Tatiana Salem Levy, *La clé de Smyrne* (2011) [*A chave da casa* (2007)], ganhador do prêmio São Paulo de literatura, em 2008, e finalista do prêmio Jabuti.

Outro fato importante a ser apresentado, resultante da análise dos dados concernentes às editoras, é que algumas delas se autodenominam independentes, pequenas e cuja política editorial não se baseia em estratégias comerciais. A importância desse fato não consiste na quantidade de obras publicadas pelas editoras em questão, mas por aquilo que elas publicaram. Foi pela Al Dante⁹⁸, editora criada em 1994, declaradamente não comercial, que uma antologia de Augusto de Campos, *Anthologie* (2002), traduzida por Jacques Donguy, e outra de Haroldo de Campos, *Une Anthologie* (2005), traduzida por Inès Oseki-Depré, foram publicadas. Outra obra de Augusto de Campos, também traduzida por Jacques Donguy, *Poètemoins : Anthologie* (2011), foi publicada, pela editora Presses du Réel, cuja política editorial é de publicar obras de vanguarda, tanto as utópicas do século XIX, como as expressões artísticas radicais do século XX⁹⁹.

Somada a esse grupo de editoras independentes, está a La Nerthe. Fundada em 2006, a editora se dedica à publicação de textos inéditos ou raros, assim como de obras sobre arte e autores contemporâneos. Em seu catálogo constam duas obras de literatura brasileira, uma de Luís Aranha, *Cocktails* (2010), e outra de Sérgio Milliet, *Poèmes Modernistes et autres récits* (2010). Ambas as obras foram traduzidas por Antoine Chareyre.

É importante ressaltarmos a relação entre a tradução/publicação de poesia na França e o perfil das editoras envolvidas. Percebemos que as características da maioria dessas editoras variam entre: ter uma proposta não comercial, ser independente, ter uma política editorial mais inclinada à publicação de poesia, dedicar-se à publicação e tradução de obras de língua portuguesa.

Abaixo, apresentamos uma lista das editoras que publicaram todas as 38 obras de poesia (como dissemos anteriormente, incluímos

⁹⁸ AL DANTE. Disponível em: <<http://al-dante.org/al-dante/>>. Último acesso em: 22 de abril de 2014.

⁹⁹ LES PRESSES DU RÉEL. Disponível em: <<http://www.lespressesdureel.com/>>. Último acesso em: 24 de julho de 2014.

nessa classificação: poemas em prosa, poemas em verso e cordel) presentes em nossa pesquisa:

- Al Dante: 1 obra de Augusto de Campos; 1 obra de Haroldo de Campos.
- Arfuyen: 1 obra de Maria Ângela Alvim.
- Caractères: 1 obra de Hilda Hilst; 1 obra de Gilberto Mendonça Teles.
- Chandeigne: 1 obra de Carlos Drummond de Andrade; 1 obra de Ana Cristina César; 1 obra de Vinícius de Moraes; 1 antologia de poesia brasileira; 1 obra coletiva de cordel
- CIPM: 1 obra de Nelson Ascher.
- Eulina Carvalho: 2 obras de Neide Archanjo; 1 obra de Ferreira Gullar; 1 antologia de poesia brasileira.
- Yvelinéditions: 2 obras de Condorcet Aranha; 1 antologia de vários autores; 1 obra de Alcina Moraes; 2 obras de Aguinaldo Bastos; 1 obra de Luiz Miranda; 1 obra de Miranda Daspét de Souza; 1 obra de Guilem Rodrigues da Silva.
- Jangada: 1 obra de Manoel de Barros.
- La Différence: 1 obra de Oswald de Andrade.
- La main courante: 1 obra de Haroldo de Campos
- La Nerthe: 1 obra de Luis Aranha; 1 obra de Sérgio Milliet.
- Lanore: 1 obra coletiva.
- Le temps de cerises: 1 obra de Ferreira Gullar.
- Le temps qu'il fait: 1 obra de Marcos Siscar.
- L'épi de seigle: 1 obra de Laura Erber.
- L'Harmattan: 1 obra de Pedro Lyra.
- Presses du réel: 1 obra de Augusto de Campos.
- M.M.: 3 pequenas obras de cordel.

Para finalizar, outro exemplo importante que não pode deixar de ser mencionado é o da editora Anacaona¹⁰⁰, cuja tradutora e fundadora é uma brasileira. Esta editora tem por objetivo traduzir e publicar literatura brasileira na França, mais especificamente, a literatura marginal proveniente do Brasil. Assim, a editora conta com obras que se passam na favela, nos centros urbanos, assim como obras que se passam no Nordeste, no Sertão. A editora foi criada há poucos anos, conta com

¹⁰⁰ ANACAONA ÉDITIONS. Disponível em: <<http://www.anacaona.fr/les-editions-anacaona-une-passerelle-de-diffusion-de-la-litterature-bresilienne-en-france/>>. Acessado em 1º de julho de 2014.

poucos títulos ainda, mas pelas informações coletadas, e pelas obras traduzidas, os indícios nos levam a crer que as obras publicadas por ela, estão intimamente ligadas ao Brasil do imaginário francês.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi motivado inicialmente por um propósito principal, o de descrever a literatura brasileira traduzida na França no período de 2000 a 2013, a fim de expandir os conhecimentos a respeito de nossa literatura no exterior. Para que pudéssemos descrevê-la, foi preciso responder às seguintes questões: o que foi traduzido nesse período? Quem foi traduzido? Quem traduziu e publicou essas obras? Assim como foi necessário considerar o contexto de realização dessas traduções. Deste modo, tecemos aqui nossas conclusões a respeito dos resultados obtidos durante essa pesquisa.

A partir das análises realizadas acerca das obras que fazem parte de nosso universo de estudo, pudemos traçar um panorama da literatura brasileira no sistema francês, assim como delinear elementos adjacentes a sua tradução – e consequente inserção nesse sistema – como as editoras que a publicaram, ou o programa da FBN que, nos últimos anos de nosso recorte de análise (2011-2013), exerceu importante influência no volume de traduções realizadas, sendo que, das 193 obras brasileiras traduzidas na França de 2000 a 2013, 17 foram traduzidas com o apoio desse programa.

Ao iniciarmos as análises sobre as obras que compõem nosso corpus, pudemos traçar os primeiros contornos da literatura brasileira traduzida no sistema francês: mais de 75% do que foi traduzido nesse período é constituído por obras em prosa, contra 20% de obras de poesia (sete obras ficaram fora desse cômputo, pois não deixavam claro em que categoria se encaixavam). Dessas obras em prosa, é importante destacar aqui o volume de romances traduzidos. Das obras em prosa listadas – 148 no total – 104 são romances, ou seja, representam 70% do total, e constituem quase 54% de tudo o que foi traduzido (193 obras) durante todo o período considerado.

Em nosso mapeamento da literatura brasileira na França, descobrimos que autores canônicos de nosso sistema literário, e que já encontraram reconhecimento no sistema francês, ainda hoje são traduzidos, aparecendo em nossos dados com traduções inéditas, como foi o caso de Clarice Lispector e Machado de Assis. Além disso, Machado de Assis ainda figurou entre os autores brasileiros mais traduzidos em nosso recorte temporal, com quatro obras. Outro fato relevante é o de obras modernistas terem ganhado traduções inéditas – como as crônicas de viagem de Antônio de Alcântara Machado, *Pathé-*

Baby (2013) [*Pathé-Baby* (1926)], e a antologia de poemas de Luis Aranha, *Cocktails* (2010) – nesse período, além de uma nova tradução do *Manifesto Antropófago* (1928) [*Manifeste Antrhopophage* (2012)], de Oswald de Andrade. A despeito de essas obras aparecerem em nossos dados e constituírem um importante ponto em nosso mapeamento, durante a análise das 148 obras em prosa, encontramos uma tendência em traduzir obras brasileiras cujos originais foram publicados recentemente. Das 148 obras em prosa traduzidas, 50% são de originais cujas publicações no sistema brasileiro se deram nos anos 2000 e 2010, e 25% são de obras publicadas originalmente nos anos 1990. Ou seja, 75% das 148 traduções foram realizadas a partir de originais produzidos entre os anos 1990 e 2010. Tal fato, parece-nos configurar um interesse renovado pela literatura brasileira de uma maneira geral, além de apontar, muito provavelmente para uma atuação mais eficiente dos agentes literários e editoras brasileiras na divulgação do que está sendo produzido no país.

Como dissertamos no início do capítulo 3, na seção sobre a contextualização do sistema receptor, é importante considerar, no que diz respeito à literatura brasileira na França, que a imagem de um Brasil exótico era veiculada através da literatura desde as primeiras obras brasileiras traduzidas para o francês. Como já dissemos anteriormente, a respeito de sua teoria, Toury (2012) afirma que obras são traduzidas a fim de preencher alguma lacuna ou satisfazer os interesses do sistema receptor. Ou seja, partindo desta proposição, eram essas obras que veiculavam as representações de um Brasil exótico que atendiam aos interesses franceses naquela época.

Deste modo, hoje, ao descrevermos um panorama da literatura brasileira traduzida na França, trazemos à luz aquilo que atende aos interesses do sistema literário francês na atualidade (2000-2013) em relação a nossa literatura. Retomando então a questão das imagens de estereótipo vinculadas ao Brasil, nossas análises nos mostram que algumas obras traduzidas em nosso recorte temporal estão diretamente relacionadas com o Brasil do imaginário francês. A respeito dessas obras, temos, de um lado, obras que trazem imagens de estereótipos de violência e pobreza, e, de outro, obras que contém imagens exóticas do Brasil. No entanto, embora tenhamos encontrado em nosso corpus estas obras que se vinculam ao Brasil do imaginário francês, nossos dados nos mostram que grande parte do que foi traduzido é de obras que fogem dessas representações, trazendo vários temas que se distanciam dos estereótipos.

Portanto, nossos resultados nos mostram que as trocas literárias no sentido Brasil→França se estabelecem de duas maneiras distintas: ainda há, em algumas obras, a presença de imagens que reduzem necessariamente a complexidade da realidade e reforçam os estereótipos existentes; assim como há a presença expressiva de obras que fogem desses estereótipos, o que demonstra que, nesse período (2000-2013), obras brasileiras também foram traduzidas graças a interesses literários que vão além desse imaginário. O mais importante dessas conclusões a respeito dessas trocas literárias é o fato surpreendente de que grande parte do que foi traduzido reflete um interesse literário que não está necessariamente baseado em representações de um Brasil exótico ou de estereótipos.

Mapear a literatura brasileira na França implica investigar as editoras responsáveis por essas publicações, ou seja, os meios pelos quais essa literatura é divulgada no sistema alvo. Nossos resultados nos mostram a importância de editoras e tradutores na inserção da literatura brasileira na França. Editoras como Chandeigne e Métailié, por exemplo, foram fundamentais e desempenharam um papel importante na divulgação de obras brasileiras. Da mesma maneira, alguns tradutores foram fundamentais na realização de algumas traduções, como é o caso da tradução das obras de Harry Laus por Claire Cayron, ou de quatro obras modernistas traduzidas por Antoine Chareyre, nesse período.

As editoras que publicaram literatura brasileira nesse período formam um conjunto com características bem diversificadas. Ao todo, foram 58 editoras, e seus perfis vão desde grandes editoras, como a Gallimard, a editoras pequenas, cujas políticas editoriais não são movidas por interesses apenas comerciais, como a Al Dante, ou a La Nerthe. Importante notar que grande parte das obras de poesia traduzidas nesse período, assim como as obras modernistas, foram publicadas justamente por editoras cujo perfil está voltado para uma política editorial considerada não comercial, assim como editoras menores ou independentes¹⁰¹.

Este trabalho descreveu a literatura brasileira traduzida na França de forma panorâmica, de modo a delinear os contornos dessa literatura dentro do sistema de literatura traduzida francês. Os resultados alcançados nessa pesquisa permanecem, portanto, num nível sistêmico, em que as obras traduzidas constituem um subsistema próprio, o de

¹⁰¹ Além das obras, foram analisados também os perfis das editoras, com base em informações publicadas em seus próprios sites, nas quais constavam seus objetivos e políticas editoriais.

literatura brasileira traduzida, e refletem as relações entre os sistemas alvo e fonte. Deste modo, essa descrição de nossa literatura abre caminho para estudos futuros mais pontuais e aprofundados de qualquer um dos elementos aqui descritos, como obras, tradutores ou editoras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Estela dos Santos. *Ouvrages brésiliens traduits en français [Obras brasileiras traduzidas para o francês]* – 6. ed. atual – Rio de Janeiro: ABL, 2008.

ACTES SUD. Présentation de la maison. Disponível em: <<http://www.actes-sud.fr/pr%C3%A9sentation>>. Último acesso em: 07 de janeiro de 2014.

AL DANTE. Disponível em: <<http://al-dante.org/al-dante/>>. Último acesso em: 22 de abril de 2014.

AMAZON. Disponível em: <<http://www.amazon.fr/>>. Último acesso em: maio de 2015.

ANACAONA ÉDITIONS. Disponível em: <<http://www.anacaona.fr/les-editions-anacaona-une-passerelle-de-diffusion-de-la-litterature-bresilienne-en-france/>>. Acessado em 1º de julho de 2014.

ANACAONA. L'océan dans lequel j'ai plongé sans savoir nager, disponível em: <<http://www.anacaona.fr/boutique/locean-dans-lequel-jai-plonge-sans-savoir-nager-2/>>. Acessado em: 7 de julho de 2014.

ANACAONA, Manuel pratique de la haine. Disponível em: <<http://www.anacaona.fr/boutique/manuel-pratique-de-la-haine-polar-bresilien/>>. Último acesso em 1º de julho de 2014.

ANTÔNIO TORRES, resenhas sobre O cachorro e o lobo. Disponível em: <http://www.antoniotorres.com.br/resenha_ocachorro.html>. Acessado em 1º de fevereiro de 2015.

ATELIÊ EDITORIAL, O pai. Disponível em: <<http://www.atelie.com.br/livro/o-pai>>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

BIBLIOTHÈQUE NATIONAL DE FRANCE. Catálogo. Disponível em:
<http://catalogue.bnf.fr/jsp/recherchemots_simple.jsp?nouvelleRecherche=O&nouveaute=O&host=catalogue>. Último acesso em: 17 de abril de 2015.

BOITEMPO EDITORIAL. Os éguas. Disponível em:
<<http://www.boitempoeditorial.com.br/v3/Titulos/visualizar/os-%C3%89guas>>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

BRASIL, Luiz Antônio de Assis, premiações literárias. Disponível em:
<<http://www.laab.com.br/premios.html>>. Acessado em 23 de março de 2015.

BRAZILIAN authors translated abroad. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1994. 259p.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CAYRON, Claire. Harry Laus, Archives des bons morceaux. Disponível em: <<http://www.jose-corti.fr/titresiberiques/archives-bons-morceaux.html>>. Último acesso em 22 de julho de 2014.

CENTRO DE COOPERAÇÃO E DIFUSÃO, Ministério da Cultura investirá US\$35 milhões na internacionalização da literatura brasileira até 2020. Disponível em <https://bookcenterbrazil.wordpress.com/2012/09/11/in-egestas-mauris-et-erat-sed/> Último acesso em 13 de fevereiro de 2015.

CIDINHA, Não tem dia, não tem noite que separe. Disponível em: <<https://livrocinha.wordpress.com/>>. Último acesso em 2 de março de 2015.

CONEXÕES ITAÚ, “Bois Brésil” – Manifesto e poemas de Oswald em edição bilíngue. Disponível em:

<<http://conexoeditaocultural.org.br/critica-literaria/bois-bresil-manifesto-e-poemas-de-oswald-em-edicao-bilingue/>>. Último acesso em 22 de abril de 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Retrato sem parede: o Bom Crioulo, de Adolfo Caminha”. In: **X Seminário Internacional de História da Literatura**, 2014, Porto Alegre. Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura. [recurso eletrônico] / org. Maria Eunice Moreira, Regina Kohlrausch, Sissa Jacoby. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. v. 1. p. 1-11. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/mesa-3.pdf>>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2015.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (org.). *Os tradutores na história*. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 2003.

ÉDITIONS CHANDEIGNE. Disponível em: <<http://www.editionschandeigne.fr/>>. Último acesso em: 15 de julho de 2014.

ÉDITIONS FERNAND LANORE, Les marques du Feu et autres nouvelles de Bahia. Disponível em: <<http://www.fernand-lanore.com/cc/litterature/EkFIVAVylEVvolfaqH.shtml>>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

ÉDITIONS MÉTAILIÉ. **Histoire des éditions Métailié**. Disponível em: <<http://editions-metailie.com/la-maison/>>. Último acesso em: 19 de maio de 2015.

ÉDITIONS PETRA, Pathé-baby. Disponível em: <<http://www.editionspetra.fr/ouvrage/171>>. Último acesso em 24 de julho de 2014.

EVEN-ZOHAR, Itamar. “The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem”. In *Poetics Today*, v.11, n.1, 1990, pp. 45-51.

Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2013.

EVEN-ZOHAR, Itamar. “Polysystem Theory”. In *Poetics Today*, v.11, n.1, 1990, pp. 9-26. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2013.

FNAC. Disponível em: <<http://www.fnac.com/>>. Último acesso em: maio de 2015.

FOUQUE, Antoinette. Les éditions *des femmes*. Disponível em: <<http://www.desfemmes.fr/wp-content/uploads/2014/11/editions-des-femmes-historique.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro 2014.

FURLAN, Mauri. Étienne Dolet e o “modo de traduzir bem de uma língua a outra”. In: FURLAN, Mauri. **Antologia bilíngüe – Clássicos da Teoriada Tradução, Vol. 4: Renascimento**. Florianópolis, NUPLITT/UFSC, 2006.

GENTZLER, Edwin. *Contemporary translation theories*. 2nd ed. rev. Clevedon: Multilingual Matters, 2001. XIV, 232 p.

GODET, Rita Olivieri. “Le Brésil dans l’imaginaire littéraire français actuel : images de latinité et du métissage”. **Revue Silène. Centre de recherches en littérature et poétique comparées de Paris Ouest-Nanterre-La Défense**, Rennes, 2011. Disponível em: <http://www.revue-silene.com/images/30/article_79.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

HEILBRON, Johan. “Structure and Dynamics of the World System of Translation”. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM “TRANSLATION AND CULTURAL MEDIATOR”, February, 2010. UNESCO, 2010.

HEILBRON, Johan. SAPIRO, Gisele. “Outline for a Sociology of translation: current issues and future prospects”. In WOLF, Michaela;

FUKARI, Alexandra, *Constructing a Sociology of Translation*, Amsterdam: John Benjamins, 2007, pp. 93-107.

INDEX TRANSLATIONUM. Disponível em:

<http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>.

Último acesso em: 19 de abril de 2015.

INDEX TRANSLATIONUM, Autores mais traduzidos de língua portuguesa. Disponível em:

<<http://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx?lg=1>>. Acessado em 13 de fevereiro de 2015.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. “Sobre a descrição de traduções”. In: LAMBERT, José. *Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert*. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Lincoln P. Fernandes. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

LES PRESSES DU RÉEL. Disponível em:

<<http://www.lespressesdureel.com/>>. Último acesso em: 24 de julho de 2014.

LIBRAIRIE PORTUGAISE ET BRÉSILIENNE. Disponível em:

<<http://www.librairie-portugaise.com/>>. Último acesso em: maio de 2015.

LIVRARIA IMPRENSA OFICIAL, Dias de Faulkner. Disponível em:

<<http://livraria.imprensaoficial.com.br/dias-de-faulkner-2709.html>>.

Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

LU FERNANDES, Antonio Dutra lança “Dias de Faulkner” em São Paulo nesta quinta-feira (16). Disponível em:

<<http://www.lufernandes.com.br/2010/releases/antonio-dutra-lanca-dias-de-faulkner-em-sao-paulo-nesta-quinta-feira-16/>>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

MACHADO, Luiza Pires. O ar que cheira a lança-perfume: representação, história e memórias em *Sangue de Coca-cola* de Roberto Drummond. 2011. 23 f.. Monografia. Instituto de Letras. Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2800/6/2011_LuziaPiresMachado.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

MEMORIAL HARRY LAUS. Disponível em: <<http://harrylausvivo.blogspot.com.br/>>. Último acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

MILREU, Isis. Quando o relato é o principal suspeito: Uma leitura de Borges e os orangotangos eternos de Luis Fernando Veríssimo. *Miscelânea*, Assis, vol.9, jan./jun.2011, p. 42-57. Artigo disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/Artigo_03_IsisMilreu.pdf>. Último acesso em: 23 de abril de 2015.

MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, A guerra no Bom Fim. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/obras/romance/a-guerra-no-bom-fim/>>. Acessado em: 09 de fevereiro de 2015.

MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, A mulher que escreveu a bíblia. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/obras/romance/a-mulher-que-escreveu-a-biblia/>>. Acessado em: 09 de fevereiro de 2015.

MOACYR SCLiar SITE OFICIAL, Manual da paixão solitária. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/obras/romance/manual-da-paixao-solitaria/>>. Acessado em: 09 de fevereiro de 2015.

MOACYR SCLiar SITE OFICIAL. Premiações literárias. Disponível em: <<http://www.scliar.org/moacyr/sobre/premios/>>. Último acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Crônica de uma literatura anunciada: a correspondência de Harry Laus. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 11, n. 19, jan./jul. 2011. Disponível

em: <http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2019/08_ZAHIDE.pdf>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2015.

PONCET, Philippe, Comment j'ai trahi Moacyr Scliar. Depoimento disponível em:

<<http://www.scliar.org/moacyr/multimedia/depoimentos/pponcet.pdf>>.

Último acesso em 31 de janeiro de 2015.

QUINTES-FEUILLES. Disponível em: <<http://www.quintes-feuilles.com/Les-editions-Quintes-Feuilles>>. Último acesso em 24 de julho de 2014.

RASSIER, Luciana. Salim Miguel, um dos intelectuais mais completos da história do Estado e do país, chega aos 90 anos. Diário Catarinense, 31 de janeiro de 2014. Disponível em:

<<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2014/01/salim-miguel-um-dos-intelectuais-mais-completos-da-historia-do-estado-e-do-pais-chega-aos-90-anos-4405887.html>>. Acessado em: 31 de janeiro de 2015.

RELATIVA LIVRARIA, Príncipe e corsário. Disponível em:

<http://www.relativa.com.br/livros_template.asp?Codigo_Produto=46005&Livro=Principe-e-Corsario&Autor=MARIA-CRISTINA-CAVALCANTI-DE-ALBUQUERQUE-#>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*. Tradução: Dialogues interculturels. São Paulo: Hucitec; 2005.

RIVAS, Pierre. “Matériaux pour une étude de la réception de la littérature brésilienne en France”. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro: Abralic, n. 9, 2006, pp. 129-139.

SALAMA-CARR, Myriam. “French Tradition”. In: BAKER, Mona. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998, pp. 409-417.

SCHØLLHAMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea – 2. ed.* – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

SINISCALCHI, Marcio Rezende Júnior. Entre o “enigma” e o *noir*: o romance policial de Alfredo Garcia-Roza. *Revista Icarahy*, Niterói. Edição n. 04, outubro de 2010. Disponível em: http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/4/dliteratura/Marcio_Rezende.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.

SOUBLIN, Jean. La fierté de la mouche, d’E. T. Lisboa. Le Monde, 18 de julho de 2003. Disponível em: http://www.lemonde.fr/archives/article/2003/07/18/la-fierte-de-la-mouche-d-e-t-lisboa_4276833_1819218.html?xtmc=e_t_lisboa&xtcr=2>. Último acesso em: 4 de março de 2015.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento, Volume 1*. Tradução: Marlova Aseff, Eleonora Castelli. Tubarão: Copiart, 2011.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica, Volume 2*. Tradução: Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes, Aída Carla Rangel de Sousa, Germana Henriques Pereira de Sousa. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond: Revised Edition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

UNESCO. Éditions Eulina Carvalho. Disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php>

[URL_ID=8460&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html](#)>.

Último acesso em: 17 de julho de 2014.

WERNER, Camila. Literary translation flow from Brazil to abroad: six case studies [dissertação]. Leiden: Universiteit Leiden, Books and Digital Media Studies, 2009. Disponível em:

http://portal.unesco.org/culture/en/files/39272/12452523423Literary_translation_flow_from_Brazil_to_abroad.pdf/Literary%2Btranslation%2Bflow%2Bfrom%2BBrazil%2Bto%2Babroad.pdf

> Último acesso em: 19 de abril de 2015.

WORLDCAT. Disponível em:

<http://www.worldcat.org/whatis/default.jsp>> Último acesso em 16 de abril de 2015.

Apêndice A – Lista de obras brasileiras traduzidas na França no período de 2000 a 2013.

Na lista abaixo, as obras estão divididas por ano de publicação.

As informações sobre as obras estão dispostas da seguinte maneira: Autor, título traduzido, editora francesa, tradutor da obra, data e título do original.

2000 (10 obras)

1. Patrícia Melo, *Éloge du mensonge : roman*. Actes Sud. Trad. Marie M. Abdali. Original de 1998 [*Elogio da mentira*]
2. Maria Ângela Alvim, *Poèmes d'août*. Arfuyen. Trad. Magali e Max de Carvalho [seleção de poemas]
3. Hosmany Ramos, *Marginalia*. Gallimard. Trad. Michel Goldman. Original de 1987 [*Marginália*]
4. Caio Fernando Abreu, *Petites épiphanies*. J. Corti. Trad. Claire Cayron. Original de 1996 [*Pequenas epifanias*]
5. Harry Laus, *Journal absurde*. J. Corti. Trad. Claire Cayron. Obra traduzida a partir de [*Do amor banido* (sem data)] e de contos extraídos de [*Caixa d'Aço* (1989)]¹⁰².
6. Haroldo de Campos, *Yugen : cahier japonais*. La Main Courante. Trad. Inès Oseki-Depré. Original de 1988 [*Yugen: caderno japonês*]
7. Nei Lisboa, *Un cadavre saute par la fenêtre*. L'Harmattan. Trad. Elaine Penny. Original de 1991 [*Um morto pula a janela*]

¹⁰² Abreu (2008, p. 93).

8. Pedro Lyra, *Visions de l'être*. L'Harmattan. Trad. Catherine Dumas. Bilingue. Original de 1999 [*Visão do ser*]
9. Antônio Torres, *Chien et loup*. Phébus. Trad. Cécile Tricoire. Original de 1997 [*O cachorro e o lobo*]
10. Paulo Coelho, *Véronika décide de mourir*. A. Carrière. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2003 [*Veronika decide morrer*]

2001 (8 obras)

11. Patrícia Melo, *Enfer*. Actes Sud. Trad. Sofia Laznik-Galvez. Original de 2000 [*Inferno*]
12. Nelson Ascher, *Stup*. CIPM. Centre international de poésie Marseille.
13. Stella C. Ferraz, *Il faut que je te voie*. Double interligne. Trad. Maria de Toledo. Original de 1999 [*Preciso te ver*]
14. Luis Fernando Veríssimo, *Et mourir de plaisir*. Du Seuil. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 1998 [*O clube dos anjos*]
15. Harry Laus, *Les archives de bons morceaux : nouvelles*. J. Corti. Trad. Claire Cayron. [Seleção de contos]
16. João Ubaldo Ribeiro, *Ô luxure ou La Maison des bouddhas bienheureux*. Le serpent à plumes. Trad. Jacques Thiériot. Original de 1999 [*A casa dos budas ditosos*]
17. André Heráclio do Rêgo, *Mémoires d'un malin-malingre*. L'Harmattan. Trad. Monique Le Moing. Original de 1997 [*Memórias de um amarelo mofino*]
18. Paulo Coelho, *Le démon et mademoiselle Prym*. A. Carrière. Trad. Jacques Thiériot. Original de 2006 [*O demônio e Sra Prym*]

2002 (8 obras)

19. Augusto de Campos, *Anthologie*. Al Dante. Trad. Jacques Donguy. [Seleção]
20. Dirce de Assis Cavalcanti, *Le père*. E. Carvalho. Trad. R. Hime et C. Hugon. Original de 1990 [*O pai*]
21. Coletivo, *Anthologie de la poésie romantique brésilienne*. E. Carvalho. Trad. Adrienne Álvares de Azevedo Macedo; Didier Lamaison; Cécile Tricoire. Bilíngue. [Seleção]
22. Caio Fernando Abreu, *Brebis galeuses*. J. Corti. Trad. Claire Cayron. Original de 1995 [*Ovelhas negras*]
23. José Sarney, *Saraminda*. La Table Ronde. Trad. Monique Le Moing. Original de 2000 [*Saraminda*]
24. Machado de Assis, *La théorie du médaillon et autres contes*. Métailié. Trad. Florent Kohler. [*A teoria do medalhão* (1882) e seleção de contos]
25. Bernardo Carvalho, *Les initiales*. Rivages et Payot. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Original de 1999 [*As iniciais*]
26. Lygia Fagundes Telles, *La discipline de l'amour*. Rivages et Payot. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Original de 1980 [*A disciplina do amor*]

2003 (17 obras)

27. Patrícia Melo, *Acqua-Toffana*, Actes Sud. Trad. Sofia Laznik-Galvez. Original de 1994 [*Acqua toffana*]

28. Paulo Coelho, *Onze Minutes*, A. Carrière. Trad. Françoise Marchand-Sauvagnargues. Original de 2003 [*Onze minutos*]
29. Moacyr Scliar, *La femme qui écrivit la Bible*. Albin Michel. Trad. Séverine Rosset. Original de 1999 [*A mulher que escreveu a Bíblia*]
30. Neide Archanjo, *Petit oratorio que le poète dédie à l'ange*. E. Carvalho. Trad. Véronique Basset. Original de 1997 [*Pequeno oratório do poeta para o anjo*]
31. Ferreira Gullar, *Dans la nuit véloce 1950-2001 (anthologie poétique bilingue)*. E. Carvalho. Trad. L. Gonçalves. Bilingue. [Seleção]
32. Olga Borelli, *Clarice Lispector. D'une vie à l'oeuvre*. E. Carvalho. Trad. Véronique Basset e Maryvonne Pettorelli. Original de 1981 [*Clarice Lispector – esboço para um possível retrato*]
33. Milton Hatoum, *Deux frères*. Du Seuil. Trad. Cécile Tricoire. Original 2000 [*Dois irmãos*]
34. Paulo Lins, *La Cité de Dieu*. Gallimard. Trad. Henri Raillard. Original 1997 [*Cidade de Deus*]
35. Aguinaldo Silva, *La République des assassins*. Gallimard. Trad. Evelyne Jacobs e Françoise Merle. Original de 1976 [*República dos assassinos*]
36. Max Mallmann, *La syndrome de la chimère*. J. Losfeld. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Original de 2000 [*Síndrome de quimera*]
37. Manoel de Barros, *La parole sans limites : une didactique de l'invention*. Jangada. Trad. Celso Libânio. Bilingue. Original de 1993 [*Livro das ignorãças*]
38. Luis Fernando Veríssimo, *Jack Tance, un privé à Rio*. L'Écaille Du Sud. Trad. Richard Roux. Original 1997 [*Ed Mort, todas as histórias*]

39. Luiz Antônio de Assis Brasil, *L'homme amoureux*. L'Harmattan. Trad. Elaine Penny. Original de 1986 [*O homem amoroso*]
40. E. T. Lisbôa, *Par quatre chemins suivi de âmes laïques*. L'Harmattan. Trad. Association France Bienvenue, sob responsabilidade de Elaine Penny. Original de 2003 [*Por quatro caminhos seguido de Almas pagãs*]
41. E. T. Lisbôa, *La fierté de la mouche*. L'Harmattan. Trad. Elaine Penny. Original de 2003 [*O orgulho da mosca*]
42. Charles Kiefer, *Qui fait gémir la terre ?*. L'Harmattan. Trad. Elaine Penny. Original 1991 [*Quem faz gemer a terra*]
43. Victor Ramil, *Péquod*. L'Harmattan. Trad. Luciana Wrege Rassier; Jean-José Mesguen. Original de 1995 [*Pequod*]

2004 (10 obras)

44. Luiz Alfredo Garcia-Roza, *Le silence de la pluie : roman*. Actes Sud. Trad. Vitalie Lemerre e Eliana Machado. Original de 1996 [*O silêncio da chuva*]
45. Machado de Assis, *Le conte de l'école*. Chandeigne. Trad. Michelle Giudicelli. Original 1896 [*Conto de escola*]
46. Clarice Lispector, *La vie intime de Laura* suivi de *Le mystère du lapin pensant*. Des Femmes. Trad. Jacques et Teresa Thiériot. Originais 1974 [*A vida íntima de Laura*] e 1967 [*O mistério do coelho pensante*].
47. Neide Archanjo, *Cantique à Soraya, une princesse séfardade*. E. Carvalho. Trad. Véronique Basset. Bilíngue. Original de 2006 [*Cântico para Soraya: uma princesa sefardita*]

48. Luis Fernando Veríssimo, *Borges et les Orangs-outangs éternels*. Du Seuil. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2000 [*Borges e os orangotangos eternos*]
49. José Francisco Borges, *O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno*. M.M. Trad. Zaven Paré. Bilíngue. Original desconhecido.
50. Elias A. de Carvalho, *ABC do corpo humano*. M.M. Trad. Zaven Paré. Bilíngue. Original desconhecido.
51. *Mestre Noza* (Synopsis et gravures de Zaven Paré avec les improvisations de deux repentistes). Bilíngue. Original desconhecido.
52. Bernardo Carvalho, *Mongolia*. Métailié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2003 [*Mongólia*]
53. Paulo Coelho, *Maktub*. A. Carrière. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2006 [*Maktub*]

2005 (32 obras)

54. Patrícia Melo, *Le diable danse avec moi*. Actes Sud. Trad. Sofia Laznik-Galvez. Original de 2003 [*Valsa negra*]
55. Luiz Alfredo Garcia-Roza, *Objets trouvés*. Actes Sud. Trad. Vitalie Lemerre e Eliana Machado. Original de 1998 [*Achados e perdidos*]
56. Haroldo de Campos, *Une anthologie*. Al Dante. Trad. Inès Oseki-Depré. [Seleção]
57. Hilda Hilst, *Rutilant néant*. Caractères. Trad. Ilda Mendes dos Santos. Original de 1993 [*Rútilo nada*]

58. Hilda Hilst, *De l'amour précédé de Poèmes maudits, jouissifs et dévots*. Caractères. Trad. Catherine Dumas. Originais de 1999 [*Do amor*] e 1984 [*Poemas malditos, gozosos e devotos*]
59. Jacó Guinsburg, *Ce qui est arrivé est arrivé*. Caractères. Trad. Monique Le Moing. Original de 2000 [*O que aconteceu, aconteceu*]
60. *Charlemagne, Lampião et autres bandits* (Vários autores). Chandeigne. Trad. Annick Moreau et Anne-Marie Lemos.
61. Carlos Drummond de Andrade, *Mort dans l'avion et autres poèmes*. Chandeigne. Trad. Ariane Witkowski. Bilíngue. [Seleção de poemas]
62. Ana Cristina César, *gants de peau et autres poèmes*. Chandeigne. Trad. Michel Riaudel. Bilíngue. [Seleção de poemas de *A teus pés* (1982)]
63. Modesto Carone, *Résumé d'Ana*. Chandeigne. Trad. Michel Riaudel. Original de 1998 [*Resumo de Ana*]
64. Clarice Lispector, *Comment sont nées les étoiles*. Des Femmes. Trad. Jacques et Teresa Thiériot. Bilíngue. Original de 1987 [*Como nasceram as estrelas*]
65. Nelida Piñon, *La salle d'armes*. Des Femmes. Trad. Violante do Canto et Yves Coleman. Original de 1973 [*Sala de armas*]
66. Hosmany Ramos, *Pavillon 9 – Chemin de croix à Carandiru*. Gallimard. Trad. Michel Goldman. Original de 2001 [*Pavilhão 9. Paixão e morte no Carandiru*]
67. Chico Buarque, *Budapest*. Gallimard. Trad. Jacques Thiériot. Original de 2003 [*Budapeste*]
68. Raduan Nassar, *Chemins*. Gallimard. Trad. Henri Raillard. Original de 1994 [*Menina a caminho*] e [*O velho*]¹⁰³

¹⁰³ Conto não publicado em português, de acordo com Abreu (2008, p. 121).

69. Giselda Leirner, *La fille de Kafka*. J. Losfeld. Trad. Monique Le Moing. Original de 1999 [*A filha de Kafka*]
70. Adriana Lunardi, *Vésperas*. J. Losfeld. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Original 2002 [*Vésperas*]
71. Luiz Antônio de Assis Brasil, *Bréviaire des terres du Brésil. Une aventure au temps de l'Inquisition*. Le temps des cerises. Trad. Celso Libânio e Dominique Olivier. Original de 1997 [*Breviário das terras do Brasil: uma aventura nos tempos da Inquisição*]
72. Ferreira Gullar, *Poème sale*. Le temps des cerises. Trad. Jean-Michel Beaudet. Original de 1976 [*Poema sujo*]
73. Laura Erber, *Insones / Sans sommeil*. L'Épi de seigle. Trad. Claude Camuyrano; Angela Xavier de Brito. Bilíngue. Original de 2002 [*Insones*]
74. Guiomar de Grammont, *Fugues en miroirs*. Les points sur les i. Trad. Thierry Bénazech. Original de 2001 [*Fuga em espelhos*]
75. Roberto Alvim, *Il faut parfois se servir d'un poignard pour se frayer un chemin*. Les solitaires intempestifs. Trad. Angela Leite-Lopes. Teatro. Original não publicado¹⁰⁴ [*Às vezes é preciso usar um punhal para atravessar o caminho*]
76. Bosco Brasil, *Descente*. Les solitaires intempestifs. Trad. Sophie Rodrigues. Teatro. Original não publicado¹⁰⁵ [*Blitz*]
77. Mario Bortolotto, *Notre vie ne vaut pas une Chevrolet*. Les solitaires intempestifs. Trad. Luciana Botelho. Teatro. Original de 2003 [*Nossa vida não vale um Chevrolet*]

¹⁰⁴ Obra não foi publicada em português, de acordo com Abreu (2008, p. 26).

¹⁰⁵ Obra não foi publicada em português, de acordo com Abreu (2008, p. 50).

78. Cláudio Aguiar, *Complainte Nocturne*. L'Harmattan. Trad. Gaby Kirsch. Original de 1982 [*Caldeirão*]
79. Tabajara Ruas, *La fascination*. Métailié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 1997 [*O fascínio*]
80. Betty Mindlin, *Fricassée de maris*. Métailié. Trad. Jacques Thiériot. Original de 1997 [*Moqueca de maridos. Mitos eróticos*]
81. Bernardo Carvalho, *Neufs nuits*. Métailié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2002 [*Nove noites*]
82. Luiz Ruffato, *Tant et tant de chevaux*. Métailié. Trad. Jacques Thiériot. Original de 2001 [*Eles eram muitos cavalos*]
83. Lya Luft, *Pertes et profits*. Métailié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2003 [*Perdas e ganhos*]
84. Lygia Fagundes Telles, *Les pensionnaires*. Stock. Trad. Maryvonne Pettorelli. Original de 1973 [*As meninas*]
85. Paulo Coelho, *Le Zahir*. Flammarion. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2005 [*O zahir*]

2006 (8 obras)

86. Martha Medeiros, *Divan*, A. Carrière. Trad. Márcia Corban. Original de 2002 [*Divã*]
87. Luiz Alfredo Garcia-Roza, *Bom anniversaire, Gabriel*. Actes Sud. Trad. Vitalie Lemerre e Eliana Machado. Original de 1999 [*Vento sudoeste*]
88. Almir Ghiaroni, *Sur le chemin d'Ithaque*. Caractères. Trad. Monique Le Moing. Original de 2004 [*As cores da vida*]

89. Gilberto Mendonça Teles, *La syntaxe invisible*. Caractères. Trad. Christine Choffrey. Original de 1967 [*Sintaxe invisível*]
90. Machado de Assis, *Chasseur d'esclaves*. Chandeigne. Trad. Anne-Marie Quint. Original de 1906 [*Pai contra mãe*]
91. Luis Fernando Veríssimo, *Le doigt du diable*. Du Seuil. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2004 [*O opositor*]
92. Aécio Flávio Consolin, *Iolanda*. HB Éditions. Trad. Chantal Tiberghien; Abinoan de Siqueira. Contos extraídos de [*A dança das auras* (1980)] e [*Mancha de sol* (1985)]
93. Paulo Coelho, *Comme le fleuve qui coule*. Flammarion. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2006 [*Ser como o rio que flui*]

2007 (8 obras)

94. Luiz Schwarcz, *Éloge de la coïncidence : Nouvelles*. Actes Sud. Trad. Michel Riaudel. Original de 2005 [*Discurso sobre o capim*]
95. Tony Bellotto, *Bellini et le démon*. Actes Sud. Trad. Sébastien Roy. Original de 1997 [*Bellini e o demônio*]
96. Marcos Siscar, *Le rapt du silence*. Le temps qu'il fait. Trad. Raymond Bozier e o autor. Original de 2006 [*O roubo do silêncio*]
97. Salim Miguel, *Brésil avril 1964*. L'Harmattan. Trad. Luciana Wrege Rassier; Jean-José Mesguen. Original de 1994 [*Primeiro de Abril, Narrativas da cadeia*]
98. Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, *Jean-Maurice de Nassau – Prince et corsaire*. L'Harmattan. Trad. Monique Le Moing. Original de 2004 [*Príncipe e corsário*]

99. Miguel Falabella, *Le partage*. L'oeil du prince. Trad. Lucia Marmos-Moreaux. Original de 2001 [*A partilha*]
100. Luiz Ruffato, *Des gens heureux*. Métailié. Trad. Jacques Thiériot. Original de 2005 [*Mama, son tanto felice. Inferno provisório I*]
101. Paulo Coelho, *La sorcière de Portobello*. Flammarion. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2006 [*A bruxa de Portobello*]

2008 (11 obras)

102. Patrícia Melo, *Monde perdu*. Actes Sud. Trad. Sébastien Roy. Original de 2006 [*Mundo perdido*]
103. Luiz Alfredo Garcia-Roza. *Une fenêtre à Copacabana : roman*. Actes Sud. Trad. Vitalie Lemerre e Eliana Machado. Original de 2001 [*Uma janela em Copacabana*]
104. Milton Hatoum, *Cendres d'Amazonie : roman*. Actes Sud. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2005 [*Cinzas do Norte*]
105. Jô Soares, *Meutres à l'Académie*. Deux Terres. Trad. François Rosso. Original de 2005 [*Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*]
106. Roberto Drummond, *Sang de coca-cola*. Fayard. Trad. Michel Goldman. Original de 1980 [*Sangue de Coca-cola*]
107. Aleilton Fonseca, *Les marques du feu et autres nouvelles de Bahia*. Lanore. Trad. Dominique Stonesco. Coedição com a editora brasileira 7 Letras. [*As marcas do fogo e outras histórias*]
108. José Agrippino de Paula, *PanAmérica*. Léo Scheer. Trad. Emmanuel Tugny. Original de 1967 [*PanAmérica*]

109. Antônio Dutra, *Jours de Faulkner*. MEET. Trad. Sébastien Roy. Original de 2008 [*Dias de Faulkner*]
110. Betty Mindlin, *Carnets sauvages*. Métaillié. Trad. Meei Huey Wang. Original de 2006 [*Diários da floresta*]
111. Bernardo Carvalho, *Le soleil se couche à São Paulo*. Métaillié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2007 [*O sol se põe em São Paulo*]
112. Maria Valéria Rezende, *Le vol de l'ibis rouge*. Métaillié. Trad. Léonor Baldaque. Original de 2005 [*O vôo da guará vermelha*]

2009 (7 obras)

113. Moacyr Scliar, *Max et les fauves*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 1981 [*Max e os felinos*]
114. Gizelda Morais, *Réveillez les tambours*. L'Harmattan. Trad. Bertrand Borgo. Original de 1997 [*Preparam os agogós*]
115. Cristóvão Tezza, *Le fils du printemps*. Métaillié. Trad. Sébastien Roy. Original de 2007 [*O filho eterno*]
116. Mário Sabino, *Le jour où j'ai tué mon père*. Métaillié. Trad. Béatrice de Chavagnac. Original de 2004 [*O dia em que matei meu pai*]
117. Adriana Lisboa, *Des roses rouges vif*. Métaillié. Trad. Béatrice de Chavagnac. Original de 2001 [*Sinfonia em branco*]
118. Paulo Coelho, *La solitude du vainqueur*. Flammarion. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2008 [*O vencedor está só*]
119. Carlos Heitor Cony, *La traversé*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 1967 [*Pessach: a travessia*]

2010 (24 obras)

120. Luiz Alfredo Garcia-Roza, *L'étrange cas du Dr. Nesse*. Actes Sud. Trad. Sébastien Roy. Original de 2003 [*Perseguido*]
121. Milton Hatoum, *Orphelin de l'Eldorado*. Actes Sud. Trad. Michel Riaudel. Original de 2008 [*Órfãos do Eldorado*]
122. Alberto Mussa, *L'Énigme de Qaf*. Anacharsis. Trad. Vincent Gorse. Original de 2004 [*O enigma de Qaf*]
123. Machado de Assis, *Trois contes*. Chandeigne. Trad. Jean Briant. A edição compreende os contos *Lettre à terme échou* [*Letra vencida* (1882)], *Le Machete* [*O Machete* (1878)] e *Chant nuptial* [*Cantiga de esponsais* (1884)]
124. Cidinha, *Ni jour ni nuit ne nous séparent*. Ed. Chantal Tiberghien. Trad. Chantal Tiberghien et Célia Neves. Publicação no Brasil em 2011 [*Não tem dia, não tem noite que separe*]
125. Paulo Rodrigues, *Au bord de la ligne*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 2001 [*À margem da linha*]
126. Moacyr Scliar, *Le carnaval des animaux*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 1968 [*O carnaval dos animais*]
127. Moacyr Scliar, *La guerre de Bom Fim*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 1972 [*A Guerra no Bom Fim*]
128. Condorcet Aranha, *L'enchantement des chants*. Yvélinéditions. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
129. Aguinaldo de Bastos, *O Naufrago negro*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.

130. Luiz de Miranda, *Trilogie du bleu*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
131. Miranda Daspét de Souza, *De liberte en liberte*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
132. Guilem Rodrigues da Silva, *Nostalgie et une chanson désespérée*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
133. Daniel Galera, *Paluche*. Gallimard. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Original de 2006 [*Mãos de cavalo*]
134. Fernando Morais, *Le magicien de lumière*. J'ai Lu. Trad. Françoise Marchand-Sauvagnarques. Original de 2008 [*O mago*]
135. Oswald de Andrade, *Bois Brésil*. La Différence. Trad. Antoine Chareyre. Bilíngue. Originais de 1924 [*Manifesto da poesia Pau Brasil*] e 1925 [*Poesia Pau Brasil*]
136. Luis Aranha, *Cocktails*. La Nerthe. Trad. Antoine Chareyre. [Seleção de poemas]
137. Sérgio Milliet, *Poèmes modernistes et autres récits*. La Nerthe. Trad. Antoine Chareyre. [Seleção de poemas e textos do autor]
138. Ronaldo Correia de Brito, *Le don du mensonge*. Liana Levi. Trad. Danielle Schramm. Original de 2008 [*Galiléia*]
139. Bernardo Carvalho, *Ta mère*. Métailié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2009 [*O filho da mãe*]
140. Luiz Ruffato, *Le monde ennemi*. Métailié. Trad. Jacques Thiériot. Original de 2005 [*O mundo inimigo*]
141. Adolfo Caminha, *Un amour d'èbène*. Quintes-feuilles. Trad. Alexis Pereira de Gamboa. Original de 1895 [*Bom-crioulo*]

142. Clarice Lispector, *Le seul moyen de vivre - Lettres*. Rivages et Payot. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. [Obra reúne correspondências entre 1941 e 1975]

143. Paulo Coelho, *Brida*. Flammarion. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 1990 [*Brida*]

2011 (16 obras)

144. Ferréz, *Manuel pratique de la haine*. Anacaona. Trad. Paula Anacaona. Original de 2003 [*Manual prático do ódio*]

145. Coletivo, *Je suis favela*. Anacaona. Trad. Anacaona. [os contos já existiam, mas foram compilados para a edição francesa e publicados em português em 2012].

146. Coletivo, *Troupe d'élite 2*. Anacaona. Trad. Anacaona. Original de 2010 [*Elite da tropa 2*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

147. Alberto Mussa, *Le mouvement pendulaire*. Anacharsis. Trad. Stéphane Chao. Original de 2006 [*O movimento pendular*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

148. Oswald de Andrade, *Manifeste anthropophage*. Black Jack. Trad. Lorena Janeiro. Original de 1928 [*Manifesto Antropófago*]

149. Tatiana Salem Levy, *La clé de Smyrne*. Buchet Chastel. Trad. Meei-Huey Wang. Original de 2007 [*A chave da cassa*]

150. Moacyr Scliar, *Le centaure dans le jardin*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 1980 [*O centauro no jardim*]

151. Martinho da Vila, *Joana et Joanes*. Yvélinédition. Trad. Hélène Bardeau. Original de 1999 [*Joana e Joanes*]

152. Coletivo, *Écrivains contemporains du Minas Gerais*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Bilíngue. Original desconhecido.
153. Coletivo, *L'essence de la poésie*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
154. Alcina Morais, *Olho d'água*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
155. Coletivo, *Le grand show des écrivaines Brésiliennes*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido.
156. Aguinaldo de Bastos, *À l'écoute des étoiles*. Yvélinédition. Trad. Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Trilíngue (francês, espanhol e inglês). Original desconhecido.
157. Walter Campos de Carvalho, *La vache au nez subtil*. Léo Scheer. Trad. Emmanuel Tugny. Original de 1961 [*A vaca de nariz sutil*]
158. Augusto de Campos, *Poètemoins – Anthologie*. Presses du réel. Trad. Jacques Donguy. Bilíngue. [Antologia]
159. Paulo Coelho, *Aleph*. Flammarion. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2010 [*O Aleph*]

2012 (16 obras)

160. Patrícia Melo, *Le voleur de cadavres*. Actes Sud. Trad. Sébastien Roy. Original de 2010 [*O ladrão de cadáveres*]
161. Marçal Aquino, *L'Océan dans lequel j'ai plongé sans savoir nager*. Anacaona. Trad. Anacaona. Original de 2005 [*Eu receberia as piores*]

notícias dos seus lindos lábios]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

162. Arthur Dapieve, *Black Music*. Asphalte. Trad. Philippe Poncet. Original de 2008 [*Black music*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

163. coletivo, *La poésie du Brésil. Anthologie du XVIe au XXe siècle*. Chandeigne. Trad. vários. Bilíngue. [Antologia]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

164. Vinícius de Moraes, *Recette de femme Cinq élégies et autres poèmes*. Chandeigne. Trad. Jean-Georges Rueff. Bilíngue. Originais: [*Receita de mulher* (1959)], [*Cinco elegias* (1943)] e outros poemas.

165. Lima Barreto, *L'homme qui parlait javanais et autres nouvelles*. Chandeigne. Trad. Monique Le Moing. Bilíngue. Original de 1911 [*O homem que falava javanês*] e seleção de outros contos. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

166. Clarice Lispector, *La belle et la bête – suivi de – Passion des corps* (releitura da publicação de 1984). Des Femmes. Trad. Claude Farny et Sylvie Durastani. Original de 1979 [*A bela e a fera*] e 1974 [*A via crucis do corpo*]

167. Frei Betto, *Hotel Brasil*. De l'Aube. Trad. Richard Roux. Original de 1999 [*Hotel Brasil*]

168. Moacyr Scliar, *Le Manuel de la passion solitaire*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 2008 [*Manual da paixão solitária*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN.

169. Condorcet Aranha, *Secrets dévoilés*. Yvélinédition. Trad. Diva Pavesi e Patrick Duque-Estrada. Original desconhecido

170. Coletivo, *Zmf à Paris*. Yvélinédition. Trad. Diva Pavesi e Hélène Bardeau. Bilíngue. Original desconhecido

171. Coletivo, *L'indiscutable talent des écrivaines brésiliennes*. Yvélinédition. Trad. Diva Pavesi; Marc Galan e Athanase Vantchev de Thracy. Original desconhecido

172. Chico Buarque, *Quand je sortirai d'ici*. Gallimard. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2008 [*Leite derramado*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN

173. Coletivo, *Traversée d'océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia*. Lanore. Trad. Dominique Stonesco. Edição Bilíngue. Original desconhecido

174. Luiz Antônio de Assis Brasil, *Musique perdu*. Le temps des cerises. Trad. Vincent Gorse. Original de 2006 [*Música perdida*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN

175. João Almino, *Hôtel Brasília*. Métailié. Trad. Geneviève Leibrich. Original de 2010 [*Cidade livre*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN

2013 (18 obras)

176. José Lins do Rego, *L'enfant de la plantation* (retradução). Anacaona. Trad. Anacaona. Original de 1932 [*Menino de engenho*]

177. Edyr Augusto, *Belém*. Asphalte. Trad. Diniz Galhos. Original de 1998 [*Os éguas*]

178. Edney Silvestre, *Si je ferme les yeux*. Belfond. Trad. Hubert Tezenas. Original de 2010 [*Se eu fechar os olhos agora*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN

179. Rubens Figueiredo, *Passager de la fin du jour*. Book Éditions. Trad. Dominique Nédellec. Original de 2010 [*Passageiro do fim do dia*]
180. Ronaldo Correia de Brito, *Le jour où Otacílio Mendes vit le soleil*. Chandeigne. Trad. Emilie Audigier. Original de 2003 [*Faca*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN
181. Ana Maria Machado, *Aux quatres vents*. Des Femmes. Trad. Claudia Poncioni e Didier Lamaison. Original de 1993 [*Aos quatro ventos*]
182. Jô Soares, *Les yeux plus grands que le ventre*. Deux Terres. Trad. François Rosso. Original de 2011 [*As esganadas*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN
183. Coletivo, *Rio en scène*. Yvélinédition. Trad. Hélène Bardeau. Original desconhecido
184. Coletivo, *Sao Paulo en scène*. Yvélinédition. Trad. Hélène Bardeau. Original desconhecido
185. Francisco Evandro, *Amours décalées*. Yvélinédition. Trad. Hélène Bardeau. Original desconhecido
186. Coletivo, *Les plus beaux horizons de la poésie et de la prose – Minas Gerais*. Yvélinédition. Trad. Diva Pavesi e Patrick Duque-Estrada. Original desconhecido
187. Martinho da Vila, *Opéra noir du Brésil*. Yvélinédition. Trad. Hélène Bardeau. Original de 2001 [*Ópera negra*]
188. Leticia Wierzchowski, *La Maison des sept femmes*. J. C. Lattès. Trad. Danielle Schramm. Original de 2002 [*A casa das sete mulheres*]
189. Ronaldo Wrobel, *Traduire Hannah*. Métailié. Trad. Sébastien Roy. Original de 2010 [*Traduzindo Hannah*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN

190. Adriana Lisboa, *Bleu corbeau*. Métailié. Trad. Béatrice de Chavagnac. Original de 2010 [*Azul-corvo*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN
191. Antônio de Alcântara Machado, *Pathé-Baby*. Petra. Trad. Antoine Chareyre. Original de 1926 [*Pathé-baby*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN
192. Luis Fernando Veríssimo, *Les espions*. Folies d'encre. Trad. Philippe Poncet. Original de 2009 [*Os espões*]. Tradução realizada pelo programa de apoio à tradução da FBN
193. Paulo Coelho, *Le manuscrit retrouvé*. Flammarion. Trad. Marchand-Sauvagnargues. Original de 2012 [*O manuscrito encontrado em Accra*]